

**Rute Priscila de Magalhães Alves Teixeira**



**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

**Universidade Portucalense Infante D.Henrique**

**Porto**

**Outubro de 2012**

**Rute Priscila de Magalhães Alves Teixeira**



**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências da Educação e do Património para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação. Especialização em Educação Social, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Vaz Freitas.

**Porto**

**Outubro de 2012**

## **Agradecimentos**

A todos os que, de alguma forma, me ajudaram e encorajaram durante esta investigação, os meus reconhecidos agradecimentos:

Aos meus pais por toda a confiança que sempre depositaram em mim, pela força e motivação que contribuíram para que nunca desistisse deste trabalho.

À Manuela Marques por todo o carinho e dedicação, força e coragem que me proporcionou, durante todos os dias.

Ao meu namorado Luís, por toda a paciência e companheirismo, pelo amor e pela dedicação nos momentos mais difíceis desta caminhada.

À minha gata Meggy, por toda a companhia proporcionada ao longo dos dias deste longo percurso.

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Vaz de Freitas pela disponibilidade prestada e, ainda, pela competência e rigor que conferiu a este desafio. O seu voto de confiança constitui, por si só, um incentivo à realização deste trabalho que, por vezes, se assumiu de difícil concretização.

Ao Dr. Orlando Sousa, responsável pela gestão do Santuário de Panóias, por toda a simpatia e informação fornecida sobre este local tão singular.

Ao Sr. Herculano, guia do Santuário de Panóias, por me ter proporcionado uma visita inesquecível ao local.

Ao meu Deus, sempre presente na minha vida.

*Dedico este estudo aos meus avós  
Maria, José, Ismael e Deolinda pelo exemplo de  
vida que me transmitiram.*

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

### **Resumo**

É um fato que as Sociedades atuais entendem a Cultura como sendo algo que faz parte da sua história.

Pensar a Cultura é ter uma consciência coletiva cada vez mais apurada para o valor do Patrimônio Histórico e riqueza etnográfica que caracteriza o nosso país, sendo este um fator revelador de identidade e de pertença cultural.

É patente todo o esforço que tem sido realizado em prol da defesa do Patrimônio Cultural. Estas dinâmicas encontram-se presentes nas várias ações que visam proteger, conservar e restaurar todo um legado histórico, considerados como incumbências não só do Estado, mas também do cidadão-comum.

Preservar a Arte e a Cultura é proporcionar às gerações vindouras os vestígios materiais e imateriais de milênios de história humana e de identidade cultural.

Valorizar a Cultura é permitir que cada cidadão tenha um Patrimônio que se traduz num esforço coletivo, pelo aprimoramento de valores espirituais, materiais e imateriais que caracterizam um Povo.

Viver num Mundo Cultural significa viver numa Sociedade cada vez mais plural, marcada pela grande diversidade.

Se Cultura diz respeito a tudo aquilo que envolve o Homem enquanto Ser Social, ficando este sujeito, à transmissão de valores morais e éticos, e de um legado histórico que por um lado, condiciona o seu desenvolvimento enquanto Pessoa, e por outro, define a sua identidade, não se pode dissolvê-la do conceito de Públicos da Cultura.

Entender a diversidade de Públicos da Cultura permite-nos apreender que as Instituições Culturais possam descobrir respostas adequadas para a atual questão dos novos Públicos.

A realidade dos Públicos da Cultura não diz respeito a uma realidade universal e estática, exatamente porque esta varia consoante os diferentes contextos: histórico, individual, institucional, social e cultural.

A diversidade cultural vai maximizar as possibilidades de escolha e de acesso em termos culturais a todos os grupos sociais.

Desta forma estaremos a contribuir para o acesso a uma existência intelectual, moral, afetiva e espiritual satisfatória de todos perante a Cultura.

**Palavras-chave:** Cultura, valorização da cultura, públicos da cultura, diversidade cultural.

## **Abstract**

It is a fact that companies understand the current culture as something that is part of its history. Reflecting on the Culture is to have a collective consciousness more accurate value for the wealth of historical and ethnographic heritage that characterizes our country, so this factor reveals a part of identity and culture. It is clear that every effort has been made in defense of cultural heritage. These dynamics are present in the various actions to protect, conserve and restore an entire historical legacy, not only regarded as responsibilities of the state, but also the common citizen.

Preserving Art and Culture is to provide future generations MATERIALS traces of millennia of human history and cultural identity. And so, this awareness so diligently for the preservation and enhancement of Cultural Heritage, which contributes to the values of the past are kept.

Perpetuate the collective memory is a form of publicizing the cultural values that transcend our Company, as relics that bring the historical legacy and identity of a society.

Valuing Culture is to allow each citizen has a heritage which is reflected in a collective effort, the improvement of spiritual and material values that characterize a people.

Living in a World Cultural means to live in an increasingly plural society, marked by great diversity. If Culture refers to everything that involves the Man as Social Being, getting this guy, will transmit moral and ethical values, and a historical legacy on the one hand, affects their development as a Person, and on the other, defines the its identity, it can dissolve the concept of public Culture.

Understanding the diversity of Public Culture allows us to grasp the Cultural Institutions may find appropriate responses to the current issue of new audiences. The reality of Public Culture is not about a static and universal reality, precisely because it varies according to different contexts: historical, individual, institutional, social and cultural.

Cultural diversity will maximize the possibilities of choice and access in terms of culture to all social groups. Thus we will contribute to access to a life of intellectual, moral, emotional and spiritual satisfaction of all before the culture.

**Keywords:** Culture, recovery culture, public culture, cultural diversity.

---

# Índice geral

Resumo	III
Abstract	V
Introdução	1
Capítulo I: A Valorização Cultural no âmbito do Património histórico	4
1.1. Em torno dos conceitos de Cultura e Valorização Cultural	4
1.2. A Valorização da Cultura e os Projetos Socioculturais locais	12
1.3. A importância social da Valorização Cultural	19
Capítulo II: A Cultura e a Sociedade	22
2.1. A Sociologia na Cultura	22
2.2. Características dos Públicos da Cultura	25
2.3. A Diversificação Cultural	35
Capítulo III: A Cultura em diferentes contextos	46
3.1. A Cultura e a Educação: Uma relação intrínseca	46
3.2. A Cultura e a Comunidade: Projetos Singulares	54
Capítulo IV: Metodologia	63
4.1. Enquadramento histórico do Santuário de Panóias	63
4.2. Base metodológica	64
4.3. Construção dos instrumentos de recolha de dados	65
4.3.1. Inquérito por questionário	65
4.3.2. Inquérito por entrevista	68
4.3.3. Grelha de observação	69
4.4. Recolha de dados	70
4.5. Tratamento e análise de dados	71
4.6. Caracterização Sóciodemográfica	72
4.6.1. Sexo	72
4.6.2. Nacionalidade	72
4.6.3. Distrito de residência	73
4.6.4. Estrutura profissional	74
4.6.5. Número de visitantes ao longo dos anos	75
4.6.6. Conclusão	76
Capítulo V: Apresentação e discussão de resultados	78
5.1. Análise e discussão dos resultados	78
5.1.1. Avaliação da visita ao Santuário de Panóias	78
5.1.2. Avaliação do acolhimento ao visitante	79
5.1.3. Avaliação da visita guiada	80
5.1.4. Avaliação dos acessos ao Santuário de Panóias	81

5.1.5. Avaliação da sinalética	81
5.1.6. Avaliação da apresentação do espaço	83
5.1.7. Avaliação da divulgação do Santuário de Panóias	85
5.1.8. Avaliação dos recursos didáticos	86
5.1.9. Avaliação das melhorias sentidas ao longo dos tempos	87
5.1.10. Avaliação do interesse para a cultura e sociedade portuguesa	88
5.2. Melhorias a implementar	89
Capítulo VI: Conclusão	90
6.1. Introdução	90
6.2. Conclusões	91
Capítulo VII: Bibliografia	96
Anexos	107

## **Lista de Tabelas**

Tabela nº1 – Parâmetros para um meio físico acessível_____	43
Tabela nº2 - Categorização das dimensões analisadas no Inquérito por Questionário_____	67

## **Lista de Gráficos**

Gráfico nº1 – Classificação por sexos_____	72
Gráfico nº2 – Distribuição geográfica dos visitantes estrangeiros_____	73
Gráfico nº3 – Distribuição geográfica dos visitantes portugueses_____	74
Gráfico nº4 – Profissão dos inquiridos_____	75
Gráfico nº5 – Número de visitantes por ano civil_____	76
Gráfico nº6 – Apreciação global do Santuário de Panóias_____	79



## **Introdução:**

Nos dias que correm, a Cultura possui uma centralidade singular, sendo condição essencial da existência Humana, pois é pela Cultura que o Homem adquire o seu verdadeiro significado e o sentido do seu próprio destino.

Vivemos num Mundo onde tudo está interligado, onde a Cultura é entendida como o “modo de relacionamento humano com o seu real” (Certeau, 1993:8), ou ainda, como o conjunto dos artefatos construídos pelos sujeitos em Sociedade (palavras, conceitos, técnicas, regras, linguagens) pelos quais dão sentido, produzem e reproduzem a sua vida material e simbólica.

A par do seu caráter simbólico, o que melhor define a Cultura é o seu caráter criativo, sem este não existiria o produto cultural nem mesmo a atividade.

Cultura traduz-se num esforço coletivo pelo aprimoramento de valores espirituais e materiais que caracterizam um povo.

Mas refletir sobre a Cultura implica também referenciar a importância dos conceitos de Valorização Cultural e de Patrimônio, isto porque, estas concepções permitirão-nos fazer uma abordagem em termos de atratividade, autenticidade e diferenciação de uma região, condição através da qual esta será revalorizada em termos de imagem e de identidade.

Desta forma, a discussão em prol da Valorização Cultural deverá assegurar a “sustentabilidade futura de uma região, construindo e consolidando uma imagem credível e consistente, respeitando o Patrimônio Cultural enquanto bem não renovável” (Barata,2002:70).

Ao refletirmos sobre a importância da Cultura e da Valorização do Patrimônio, não poderemos deixar de associar a temática dos Públicos da Cultura.

Analisar a heterogeneidade dos Públicos em geral – em termos da sua composição social, dos seus níveis de interesse, das suas competências e dos seus gostos – implica pensar tudo isto num quadro de mudança das práticas e das representações a que assistimos nos dias de hoje.

E ao afirmarmos que as audiências da Cultura são cada vez mais diversificadas, relevante será salientar que deverá existir um esforço para alcançar aqueles indivíduos cujo perfil sociodemográfico e hábitos de participação cultural (ou a falta deles) os mantêm afastados dos hábitos culturais.

Pretende-se, desta forma, criar as condições para que todos possam “degustar a Cultura: despertando curiosidade, demonstrando a sua relevância, tornando-a de alguma forma tangível, criando conforto” (Vlachou, 2011).

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

As barreiras culturais atuais não dependem unicamente de fatores sociais, educacionais ou mentais da Sociedade, mas também de condições físicas, muitas vezes limitativas no acesso aos bens culturais.

Alcançar condições de Acessibilidade significa conseguir a equiparação de oportunidades em todas as esferas da vida de um Ser Humano. Ou seja, pretende-se que a Cultura seja um benefício para todos, incluindo aqueles que por algum motivo, possuam alguma limitação.

Debater sobre a Cultura implica também realçar a sua relação com os diferentes contextos da Sociedade atual: a Escola a Comunidade.

Constata-se que, nos dias de hoje, as Instituições Culturais sofreram profundas transformações quando “abriram as portas” a iniciativas escolares, passando a atribuir uma maior ênfase à problemática do ensino e do conhecimento da arte e da Cultura. Estas passaram a desenvolver ações educativas, através do empréstimo de algum espólio aos Museus Escolares, visitas guiadas e conferências.

Desta forma, podemos afirmar que, Cultura e Educação estão intimamente relacionadas e contribuirão de uma forma muito peculiar para a formação social e cultural de todos os cidadãos.

Por outro lado, é importante salientar que, na Sociedade Contemporânea, as Instituições Culturais refletem uma atitude mais humanista, que privilegia a procura de conhecimento e uma maior proximidade com o espólio artístico, explanando uma maior abertura ao exterior, flexibilidade e dinamismo para com o Público. As Instituições Culturais da atualidade são autênticos locais de lazer.

Mais do que locais de lazer, estas estão a tornar-se cada vez mais próximas da Comunidade local. Ou seja, transmutaram-se em espaços de pessoas e de conhecimento, de envolvimento e de participação do cidadão comum.

Será ainda relevante referir que, as Instituições Culturais são agentes promotores de desenvolvimento, uma vez que devem atuar em consonância com os objetivos da Comunidade local, ou seja, a Cultura não se deve desagregar das necessidades e expectativas dos cidadãos, correndo o risco de atuar isoladamente.

E foi pela relevância da Cultura no Mundo Contemporâneo, que decidimos desenvolver esta Investigação, centrada na importância desta temática nas suas diferentes vertentes, bem como na diversidade de Públicos que existem em seu redor.

O presente trabalho de Investigação insere-se no âmbito do Mestrado de Ciências de Educação, especialização em Educação Social, e teve como suporte à sua realização o Santuário de Panóias, em Vila Real.

Sendo um Monumento milenar, com um legado histórico inconfundível, detentor de vastas riquezas arqueológicas e relíquias preciosas, foi sem dúvida o contexto ideal para a consagração deste estudo, na medida em que nos permitiu analisar uma série de elementos relacionados com o tema, possibilitando-nos ainda efetuar uma análise rigorosa do funcionamento do próprio local.

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

Desta forma este estudo foi subdividido em sete capítulos, os quais iremos apresentar de seguida.

No Primeiro capítulo iremos percorrer as várias conceções dos conceitos de Cultura e de Valorização Cultural. Seguir-se-á a análise da relação existente entre a Cultura e os Projetos de Desenvolvimento Sociocultural. Por fim iremo-nos centrar na importância da Valorização Cultural para o desenvolvimento pessoal e integração social do cidadão comum.

No Segundo capítulo salientaremos o impacto da Cultura na Sociedade ao nível das transformações sociais e mudança de valores. Neste domínio, aprofundaremos o conceito de Públicos de Cultura e suas tipologias de acordo com diferentes teóricos. Analisaremos ainda a pertinência da Diversidade Cultural num Mundo globalizado, tais como as Acessibilidades Culturais.

No Terceiro capítulo enfatizaremos a relação entre Cultura e Instituição Escolar, focando a educação formal, não-formal e informal e os seus frutos na aprendizagem. Frisaremos, a relação entre Cultura e Comunidade Local, sendo esta uma correlação fundamental para o crescimento e desenvolvimento de uma região, bem como para a participação plena dos cidadãos na vivência Cultural da Sociedade.

No Quarto capítulo relataremos a Metodologia utilizada na análise e no tratamento de dados recolhidos pelos Inquiridos por Questionário e pelas Entrevistas aplicadas. Importante salientar que esta Investigação foi realizada com base em dados recolhidos no Santuário de Panóias entre 1996 e 1999 e 2006 até 2011, onde foram analisados dados referentes a 711 inquiridos.

No Quinto capítulo procederemos á análise e discussão dos dados, onde apresentaremos os resultados do estudo, nas suas diferentes variantes.

No Sexto capítulo efetivaremos a conclusão do estudo, onde será apresentada uma nova proposta de um Inquérito por Questionário, que deverá ser aplicada posteriormente aos visitantes do Santuário de Panóias, possibilitando a continuidade da Investigação.

Para finalizarmos, o Sétimo e último capítulo é composto por toda a Bibliografia utilizada na estruturação, concretização e conceção desta Investigação.

## **Capítulo I**

### ***A Valorização Cultural no âmbito do Património histórico***

#### **1.1. Em torno dos conceitos de Cultura e Valorização Cultural**

A literatura dos últimos anos permite-nos entender claramente que os autores contemporâneos se têm debruçado consideravelmente sobre os conceitos de Cultural e de Valorização Cultural, devido ao valor intemporal que estes mantêm na Sociedade atual, produto de um Mundo em constante mutação.

Esta bibliografia permite-nos constatar que atualmente existe uma maior consciência do valor histórico e da riqueza etnográfica do Património coletivo, espelho de uma Identidade cultural.

Daí a relevância que estas temáticas possuem na nossa Sociedade, na medida em que se torna fundamental consciencializar os indivíduos para a importância da conservação, restauro e valorização do Património Cultural.

Ao nível da temática da Cultura encontramos autores como Ruíz (2006:190) e Jorge (2000:6) que entendem a Valorização da Cultura e do Património Cultural como um “elo de sustentação, de identificação, de herança e de riqueza histórica, bem como um suporte de diferenciação, atratividade e singularidade de uma região”.

De acordo com estes teóricos, interessa preservar o Património como forma de perpetuar a memória coletiva, como forma de dar a conhecer os valores culturais que transcendem a nossa Sociedade, como relíquias que trazem consigo o legado histórico e a identidade de uma Sociedade.

No entanto, ao abordarmos o conceito de Valorização da Cultura e de Património Cultural, há que evidenciar primeiramente o de *Cultura*.

De acordo com documentação existente sobre o tema, frisamos que a Cultura é fundamental para a compreensão dos diversos valores morais e éticos que guiam o comportamento social do Ser Humano, e que nos permite entender como estes valores se interiorizam na nossa consciência e conduzem as nossas emoções.

A literatura contemporânea salienta ainda o fato, de a Cultura ser um fenómeno em constante evolução, muito diversificado e rico. No fundo, traduz-se num esforço coletivo pelo aprimoramento de valores espirituais e materiais que caracterizam um Povo.

Analisando a perspectiva de Ruiz (2006:195) revelamos que este autor define a filosofia da Cultura como “a disciplina que se propõe a explicar o fenómeno da Cultura, partindo de suas leis mais essenciais, investigando as causas da sua gênese, as normas da sua transformação, as condições do seu crescimento e decadência dos seus conteúdos”.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

O teórico considera que a grande finalidade da Cultura é a orientação crítica para o desenvolvimento da vida intelectual, sendo os seus valores: verdade, beleza, justiça, santidade, realizados como produtos culturais concretos.

Ainda debatendo este tema, Ruiz (2006:166) entende que “a Cultura diz respeito a todas as criações positivas do Homem, quer sejam de caráter material ou de índole espiritual, e a sua transmissão se processa simultaneamente das gerações mais velhas para as mais jovens, sendo muitas vezes geradora de conflitos e de resistência por parte dos indivíduos que constroem a nossa Sociedade”.

Neste sentido, conclui-se que a Cultura diz respeito a toda a criação diária que o Homem concretiza e que foi fruto das suas aprendizagens enquanto Ser Social.

Outro estudioso deste domínio, refere que a “Cultura é um processo de valorização do humanismo, isto é, mais de formação de caráter, do que de transmissão de saber” (Carvalho,1999:70).

Para este autor “a Cultura não se caracteriza pela sedimentação histórica dos seus produtos em permanência, mas pelo dinamismo ativo e agónico de novas intenções, valores e ideais”. (Carvalho,1999:72).

Neste sentido a Cultura é entendida “como um aspeto primordial da presença humana no Mundo, porque engloba as possibilidades que o Homem tem para emprestar provisoriamente às coisas, aos outros e a si mesmo” (Carvalho,1999:76). Ou seja, “a Cultura é o produto do esforço humano” (Ruiz,2006:165).

Segundo Palomino *et al* (2005:6) ”devemos apreender a Cultura como uma forma de revelação da Identidade de um Povo, que pode ser expressa através de fatos materiais e imateriais, reveladores da sua singularidade cultural”

Ao aprofundarmos o conceito de Cultura, importante será agora dedicarmo-nos á questão da Valorização Cultural do Património.

Refletir sobre a importância da Valorização do Património Cultural permite-nos fazer uma abordagem em termos de atratividade, autenticidade e diferenciação de uma região, condição através da qual esta será revalorizada em questão de imagem e de identidade.

Mais uma vez, Ruiz (2006:165) dedica-se a esta temática referindo que o Património Cultural “comtempla tudo aquilo que caracteriza um Povo, desde os vestígios pré-históricos, cidades antigas, monumentos e todo o legado herdado pelas gerações anteriores em termos de tradições, lendas e gastronomia, que nos atribuem uma identidade cultural e nos permite reconhecer como algo que faz parte do nosso Ser”.

Partilhando a mesma ideia, Casasola (1990:31) argumenta que “Património Cultural de uma região é constituído por todas as manifestações tangíveis e intangíveis produzidas na Sociedade, constituindo-se como fatores de identificação e de diferenciação de um Povo”.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

O mesmo autor salienta que o Património Cultural inclui simultaneamente “ monumentos, lugares e objectos representativos de um legado histórico, bem como exemplos da Cultura, arte popular, tradições, costumes e valores de um Povo” (Casasola,1990:31).

Neste seguimento, a Carta de Veneza (1964), salienta que “o conceito de monumento histórico engloba, não só as criações arquitetónicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico. Este conceito é aplicável, quer às grandes criações, quer às realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo”.

A Convenção do Património Mundial (1972) vem consolidar estas afirmações quando afirma que são considerados como Património Cultural “os monumentos: obras arquitetónicas, de escultura ou de pinturas monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os conjuntos: grupos de construções isolados ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, têm valor universal; os sítios: obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os sítios arqueológicos, com um valor universal excecional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência”

Património Cultural é “fonte partilhada de memória, compreensão, identidade, coesão e criatividade” (Convenção de Faro, 2005).

“É o conjunto das obras do Homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e com os quais se identifica. A identificação e a valorização destas obras como Património é, assim, um processo que implica a seleção de valores” (Carta de Carcóvia, 2000).

Fica desta forma patente uma evolução do conceito de Património Cultural, a partir do momento em que se valorizam a par de monumentos e arte, tradições e costumes centenários.

O conceito de Património Cultural Imaterial foi promulgado pela UNESCO em 2003 através da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, onde foi reconhecida a necessidade de apoiar manifestações e expressões culturais que necessitariam de protecção jurídica.

Desta forma, costumes e tradições passaram a ser encarados com uma herança representativa de identidades coletivas e da diversidade cultural.

Nos seus trabalhos, Mamontoff (2010:158) define Património Cultural Imaterial como sendo “práticas, manifestações, expressões e conhecimentos, que as Comunidades e os indivíduos reconhecem como parte integrante do seu Património Cultural, o qual se vai transmitindo de geração em geração, recreando desta forma o meio social de onde provém,

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

reforçando um sentimento de identidade e continuidade que promovem o respeito pela diversidade cultural e criatividade humana”.

Esta evolução foi de extremo relevo para a incrementação Cultural, na medida em que se reconheceu a importância da existência de certas especificidades culturais, permitindo a salvaguarda de identidades regionais, muitas vezes em perigo, devido aos efeitos da Globalização.

Mediante o exposto pela UNESCO (2010) “o Património Cultural Imaterial é uma riqueza muito importante”, devendo ser preservado como forma de perpetuar a identidade e a histórica de um território”.

Desta forma, denota-se que a Valorização Cultural “deverá assegurar a sustentabilidade futura de uma região, construindo e consolidando uma imagem credível e consistente, respeitando o Património Cultural enquanto bem não renovável”. (Barata,2002:150).

Indo ao encontro desta intenção, Klamer (2000:14) considera que “a única forma de obtermos os benefícios do Património Cultural é pensá-lo dentro do contexto de sustentabilidade”.

Neste âmbito “legitimar e estimar o Património Cultural, irá contribuir para o fortalecimento da identidade e da auto-estima de uma Comunidade” (Klamer,2000:16).

Sendo o Património Cultural um bem valioso para a Humanidade, a sua preservação, conservação e restauro torna-se uma prioridade nos dias de hoje, sendo também, uma responsabilidade para os Estados Políticos, que assumem compromissos internacionais no âmbito de organizações das Nações Unidas, enquanto membros.

Neste domínio, destacaremos o ICOMOS, fundado em 1965, como sendo o principal consultor da UNESCO, em matéria de conservação e preservação do Património.

A sua ação passa pelos seguintes objetivos:

- Congregar os especialistas em património e ser um fórum internacional para o diálogo e troca de experiências;
- Recolher, aprofundar e difundir informações sobre princípios, técnicas e políticas de conservação e restauro do património construído;
- Encorajar a adoção e implementação de convenções e recomendações internacionais respeitantes à proteção, conservação e valorização dos monumentos, conjuntos e sítios.

Ao abordarmos o Património Cultural como herança do passado, transmissor de grandes valores não poderemos deixar de referir novamente, a Carta de Veneza (1964), que define um conjunto de princípios orientadores relativos á conservação e restauro do Património, salientando que “cada país fica responsável pela aplicação desses princípios no âmbito específico do seu contexto cultural e das suas tradições”.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Para reforçar a proteção, a conservação e a valorização do Património Mundial, a UNESCO em 1972 elaborou um novo documento: “Convenção do Património Mundial”.

Este documento visa “a identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão às gerações futuras do património cultural e natural de valor universal excecional” (Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial, 2010).

Reforçando o que ficou estabelecido na Carta de Veneza (1964), a Convenção do Património Mundial (1972) refere também que “o Estado e seus parceiros devem certificar-se de que a utilização sustentável do Património Cultural não tem efeito negativo sobre o valor universal excecional, a integridade e/ou a autenticidade do bem. Além disso, qualquer utilização deve ser ecológica e culturalmente sustentável”.

Por outro lado, importante será salientar que “a conservação e o restauro dos monumentos devem recorrer à colaboração de todas as ciências e técnicas que possam contribuir para o estudo e a proteção do património monumental” (Carta de Veneza, 1964). Ou seja, todos nós, cidadãos de uma Sociedade, devemos estar cada vez mais envolvidos neste “projeto” de valorização e proteção da nossa Cultura.

Neste intuito o ICOMOS em 2003 elaborou outro documento intitulado “Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural”, que consiste num conjunto de recomendações indispensáveis para o estabelecimento de métodos e técnicas de intervenção necessárias à análise lógica e cuidada do contexto cultural.

Segundo as Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural, ICOMOS (2003) “as construções degradam-se com o tempo pelo que a conservação e restauro do património é uma forma de desenvolvimento sustentável”.

Ao analisarmos as atitudes e os comportamentos da Sociedade atual, verificamos que os indivíduos exigem cada vez mais a proteção cultural do seu Património, bem como a transmissão destes valores às gerações vindouras, como forma de perpetuar um legado histórico que confere uma identidade social e cultural a cada cidadão.

Vamos então ao encontro do que o ICOMOS refere nas Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural (2003): “a conservação e restauro do Património é também uma forma de Cultura”.

Neste seguimento podemos citar a Carta de Carcóvia (2000) na medida em que esta refere que “o objetivo da conservação dos monumentos e dos edifícios com valor histórico é de manter a sua autenticidade e integridade.

Tal conservação requer um “projeto de restauro” que defina os métodos e objetivos a ter em conta”. O “projeto de restauro” deve garantir uma relação correta com o conjunto envolvente, incluindo o ambiente, a decoração e a escultura e respeitando as técnicas tradicionais da



## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

construção e a sua necessária integração como uma parte substancial do património construído” (Carta de Carcóvia, 2000).

E como o conceito de Valorização Cultural evolui ao longo dos tempos, será importante introduzir o tema de *Itinerários Culturais*, desenvolvido pelo ICOMOS em 2008 na “Carta dos Itinerários Culturais”.

Analisar o conceito de Itinerários Culturais implica perceber que este “enriquece a mensagem espiritual do passado, e reforça a conceção contemporânea dos valores do património para a sociedade” (Carta dos Itinerários Culturais, 2008). Ou seja, “esta noção alargada do Património sugere novas abordagens de tratamento no interior de um contexto muito mais amplo, a fim de explicar e de salvaguardar as relações significativas diretamente associadas ao seu meio cultural e histórico, assim como ao seu ambiente natural ou criado pelo Homem” (Carta dos Itinerários Culturais, 2008).

É neste sentido que o conceito de Itinerário Cultural é inovador, na medida em que traduz uma abordagem multidimensional de Património Cultural, representando um processo interativo e dinâmico das relações humanas interculturais, sobrevalorizando desta forma as contribuições dos diferentes Povos para o Património Cultural.

“A noção de Itinerários Culturais “favorece não só a compreensão e a comunicação entre os Povos, mas também a cooperação para a conservação do património” (Carta dos Itinerários Culturais, 2008).

Centrar-nos-emos de seguida no caso Português. Segundo Jorge, (2000:6) “a defesa e a conservação dos bens culturais são hoje reconhecidas como uma incumbência fundamental do Estado Português, apoiando-se na sua ampla conjuntura política, social, económica, cultural e ambiental” cumprindo desta forma, compromissos internacionais assumidos com a Organização das Nações Unidas.

Tal como os vários autores até agora referenciados, o Estado Português define como Património Cultural “todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial proteção e valorização” (Lei do Património Cultural, 2001).

Salientamos a Língua Nacional, bem como Monumentos com carácter histórico, arquitetónico e arqueológico, ou peças documentais, artísticas, científicas ou sociais e ainda bens imateriais, que constituem um marco na identidade do nosso país.

Concluimos desta forma que é tarefa fundamental do Estado Português e dever do Cidadão Nacional conservar e valorizar o Património Nacional, como forma de salvaguardar um espaço coletivo enriquecedor, colocado ao serviço do Homem,

Segundo a Lei do Património Cultural (2001) compete ao Estado Português: “incentivar e assegurar o acesso de todos à fruição cultural!”. Pretende-se que todos os cidadãos nacionais tenham o direito a usufruir do Património Cultural Português, como forma de potenciar o desenvolvimento da sua personalidade através da realização cultural.

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

A Cultura deve ser um instrumento dinamizador das mobilidades sociais, de forma a que todos os indivíduos tenham as mesmas oportunidades no acesso aos bens culturais.

“Vivificar a identidade cultural comum da Nação Portuguesa e das comunidades regionais e locais a ela pertencentes e fortalecer a consciência da participação histórica do Povo português em realidades culturais de âmbito transnacional”, é outro dever do Estado Português previsto na Lei do Património Cultural (2001).

É fundamental o fortalecimento da consciência dos cidadãos nacionais para a importância da Cultura, como forma de identidade e de singularidade nacional.

“Promover o aumento do bem-estar social e económico e o desenvolvimento regional e local” é outro objetivo do Estado Português previsto na Lei do Património Nacional (2001). Neste sentido, o Estado ao investir na Cultura local, promovendo o turismo e apostando na projeção cultural do Património, estará a contribuir em grande escala para o crescimento económico da região e, por conseguinte para o aumento da qualidade de vida dos cidadãos.

Por último, a Lei do Património Nacional (2001) prevê que o Estado Português tem como dever “defender a qualidade ambiental e paisagística”. Além de ser responsável pela preservação e valorização dos bens culturais, o Estado tem de desenvolver ações que promovam o desenvolvimento sustentável das regiões, preservando o meio ambiente e melhorando a qualidade do espaço envolvente.

É importante viver num País onde os bens culturais sejam entendidos como tesouros ou relíquias, portadores da história de cada Nação, que nos concedem uma identidade única, e que nos distinguem dos outros Povos, também eles portadores de uma vivência singular. Mas também, é fundamental que todos os cidadãos tenham a possibilidade de participar ativamente no usufruto do Património cultural, como forma de desenvolvimento pessoal e de integração social, conferindo-lhes um sentimento de pertença e de patriotismo, mas também de sabedoria e conhecimento, tao relevantes no incremento de uma consciência social ativa.

Neste sentido a Carta de Carcóvia (2000) afirma que “a pluralidade de valores do património e a diversidade de interesses requerem uma estrutura de comunicação que permita uma participação efetiva dos cidadãos no processo, para além dos especialistas e gestores culturais”.

Caberá às “comunidades adotar os métodos e as formas apropriadas para assegurar uma verdadeira participação dos cidadãos e das instituições nos processos de decisão”.

Vinuesa (2003:5) vai ao encontro destas ideias quando refere que “recuperar o Património Cultural requer um esforço de imaginação e de realismo, tentando encontrar novos equilíbrios nas realidades económicas

***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

e socias, instrumentalizando políticas que tenham como objetivo reforçar o compromisso social de preservação do Património Cultural”

## **1.2. A Valorização da Cultura e os Projetos Socioculturais locais**

Na literatura contemporânea, podemos analisar que vários autores estabelecem uma ligação entre os conceitos de Valorização Cultural e Projetos Socioculturais, na medida em que a Valorização Cultural de um Património é um ponto de referência para o desenvolvimento social bem como para um plano de gestão que tenha em vista o desenvolvimento sustentável dos recursos culturais.

Assim sendo, vários são os teóricos que partem do pressuposto que a “valorização do Património Cultural tem um papel importante na criação de novas perspetivas socioeconómicas, bem como para o conjunto dos atores sociais” (Sousa *et al* 2010:6).

Neste sentido a Carta de Bruxelas (2009) reforça esta ideia ao considerar “que as atividades destinadas à conservação, restauro e gestão dos bens que integram o Património Cultural, são dinamizadoras da economia”.

Quando uma região ambiciona pôr em prática um Projeto de Desenvolvimento Sociocultural, pretende que a Cultura seja uma forma, através da qual, possa alcançar os benefícios sociais e económicos pretendidos, tais como: uma maior igualdade social, um maior incremento do turismo e maior desenvolvimento económico.

Mesmo em momentos de crise económica “o investimento no Património Cultural constitui uma solução sustentável de sucesso garantido para fazer face à recessão económica”, (Declaração de Viena, 2009), na medida em que gera novos postos de trabalho, relançando desta forma a economia e reforçando por sua vez a coesão social.

No entanto, antes de aprofundarmos os objetivos a que um Projeto de Desenvolvimento Sociocultural se propõe alcançar, devemos primeiramente analisar em que este consiste para posteriormente podermos efetivar uma análise das suas diversas vertentes: turística, e educacional.

Segundo Duis (2010:5), a “elaboração de um Projeto de Desenvolvimento Sociocultural, implica uma união de esforços entre os agentes e as Instituições locais, que por sua vez devem adquirir quatro capacidades indispensáveis à concretização dos mesmos: Valorização do espaço envolvente; Atuação em parcerias dos agentes locais; Criação de vínculos entre os diversos sectores da economia e Estabelecimento de relações com outros territórios nacionais e internacionais”.

Assim sendo, torna-se fundamental valorizar o espaço envolvente, como forma de dar a conhecer os recursos culturais que a região possui, valorizando-a e promovendo o seu crescimento socioeconómico.

Por outro lado, é basilar que todos os agentes locais atuem em parcerias, como forma de agilizar e maximizar os recursos que cada um

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

tem e pode oferecer à região, promovendo desta forma a projeção sociocultural da mesma.

É com este intuito que devem ser estabelecidos vínculos entre os diversos sectores da economia, de modo a promover o crescimento económico da região. E por fim, é imperativo o estabelecimento de relações com outros territórios nacionais e internacionais, difundido a Cultura da região como uma forma de identidade e distinção.

Indo um pouco mais além na temática dos Projetos de Desenvolvimento Sociocultural, teremos de remeter novamente a Duis (2010:7), uma vez que este entende que um “Projeto de Valorização Cultural deverá implicar quatro fases até à sua concretização”.

Segundo o autor, na primeira fase deverá existir um “conhecimento aprofundado dos recursos culturais da região. Este é um processo de investigação documental das manifestações culturais existente nos municípios, exigindo uma grande divulgação em termos nacionais e internacionais da sua importância histórica, arquitetónica, ecológica e comunitária, como fator de desenvolvimento turístico, devendo ser apoiado pelas Instituições Governamentais” (Duis,2010:7).

A segunda fase de um projeto de Valorização Cultural deverá ser uma “etapa de valorização e planificação. Ou seja, é importante valorizar os recursos culturais existentes, como forma de abordagem aos valores patrimoniais pertencentes à comunidade local, podendo estes converter-se numa forma de desenvolvimento da Sociedade, com a participação ativa dos cidadãos que se encontram envolvidos neste processo, e que irão pôr em prática as suas potencialidades” (Duis, 2010:8).

Segundo o autor, estas “potencialidades poderão ter diferentes abordagens, indo ao encontro dos valores de cada um: históricos, sociais, económicos, turísticos e educativos. Estes vão ser o espelho de uma Comunidade consciente dos valores que terão de ser preservados, com vista a um desenvolvimento sustentável da região” (Duis, 2010:8)

Duis (2010:10) entende que com “base na valorização cultural podemos identificar mais facilmente os recursos com maior importância e transcendência, para “desenhar” atrações turísticas, ordenamento do território e outras ações que tenham como objetivo a projeção do local”. Sem dúvida, que este deverá ser um trabalho realizado em articulação com os diferentes atores locais, que deverão entrar num processo de comunicação e diálogo sobre estas questões.

A terceira fase consiste em “definir as estratégias para conservar os recursos culturais. Ou seja, deve-se procurar definir as orientações e princípios para promoção, prevenção e conservação do Património Cultural, procurando integrar estas orientações em projetos de desenvolvimento e ordenamento do território, de forma a incrementar o turismo, fortalecendo a identidade cultural da região” (Duis, 2010:11).

A última fase do Projeto consiste numa “gestão sustentável dos recursos, na diversificação das atividades socioeconómicas, com a

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

finalidade de melhorar a qualidade de vida dos habitantes locais, desenvolvendo um plano de incremento turístico baseado na sustentabilidade social, cultural e ambiental, tendo em vista a conservação dos recursos culturais e a integração dos Públicos que sustentam este processo” (Duis, 2010:12).

Pode-se concluir que um Projeto de Valorização Cultural pretende uma continuidade histórica da região. São estes recursos que concedem uma identidade própria e, que por sua vez influenciam os agentes externos, que iniciam um processo de valorização, a partir das suas lógicas de ação e de organização.

Segundo este juízo, autores como Vinuesa (2003:9) defendem a “necessidade de se criar uma “Cultura de desenvolvimento”, formulada e decidida em função das características e necessidades das diferentes realidades socioculturais”.

Neste sentido, a “valorização do Património Cultural, recurso estratégico, deve ser entendida como um pilar fundamental no momento em que se definem as estratégias futuras de atuação ao nível do desenvolvimento local” (Vinuesa, 2003:10).

É a partir de um Projeto de Valorização Sociocultural, que se irão definir as estratégias a implementar, como forma de promoção da região.

Neste sentido a Carta de Bruxelas (2009) salienta que “o Património Cultural constitui um valioso e insubstituível recurso revitalizador dos territórios, capaz de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos”.

Desta forma, poderão ser promovidos Projetos Turísticos, de Educação Formal ou Informal, no âmbito dos Projetos de Valorização Sociocultural.

Segundo o ICOMOS (1976) “o turismo cultural é aquela forma de turismo que tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos”. “Esta forma de turismo justifica, de fato, os esforços que tal manutenção e proteção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios socioculturais e económicos que comporta para toda a população implicada” (ICOMOS, 1976).

Quando uma região consagra um Projeto de Valorização Cultural, a sua imagem vai ser reforçada com novas oportunidades de investimento. A realização de eventos culturais vai gerar novos recursos financeiros, quer para os cidadãos quer para as instituições locais ligadas ao comércio, restauração, turismo e lazer, possibilitando uma maior projeção da região e conseqüente crescimento económico.

Estudiosos da área como Duis (2010:11) concordam com esta afirmação, considerando que os “processos de valorização cultural são fundamentais para o desenvolvimento da atividade turística, bem como para gestão e planeamento de uma “paisagem cultural”“.

Neste sentido, a “valorização de um bem com características patrimoniais é um marco no desenvolvimento e na planificação turística da

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

região, sendo um esforço coordenado e sistemático destinado ao desenvolvimento económico e social local” (Duis, 2010:11)

Pode-se então constatar que o turismo tem um papel preponderante no desenvolvimento cultural, social e económico de uma região.

Esta é também, uma ideia partilhada por Martin Gil (1998:268), pois considera que “o turismo constitui um pilar fundamental da economia de qualquer região, contribuindo para os processos de revitalização financeira.

O turista é por si, um grande consumidor de bens e serviços de todos os sectores de atividade económica, potenciando desta forma riqueza, e introduzindo novos hábitos e formas de estar na Sociedade”.

Nesta perspetiva, Duis (2010:11) considera que “interessa uma planificação eficiente do território, de forma a fomentar a atividade económica, implementando novos postos de trabalho e conservando os recursos naturais e culturais de forma a promover o desenvolvimento sustentável”. Ou seja, a promoção da cultura deverá estar vinculada a processos de criação de novos postos de trabalho, novas tecnologias, impulsionando desta forma o crescimento económico e o desenvolvimento social local.

Como a literatura contemporânea nos sugere, surge então, a necessidade de encarar a Valorização Cultural, como um fator promotor de desenvolvimento económico e social.

A Carta de Bruxelas (2009) reforça esta ideia ao referir que “o setor do Património Cultural, constitui um sector estratégico e de oportunidades para o desenvolvimento presente e futuro”.

Seguindo esta ótica Mengin (1989:7) considera que a Cultura deve ser entendida enquanto fator “gerador de riqueza, ou seja, cultura produtiva enquanto recurso estratégico”.

Vinuesa (2003:17) vai ao encontro desta perspetiva, referindo que “a valorização cultural constitui um dos principais vetores de desenvolvimento de uma sociedade, na medida em que contribui para a valorização do potencial coletivo, reformulando a personalidade dos indivíduos”.

O autor considera ainda que a “valorização do Património Cultural possui, cada vez mais, a capacidade de mobilizar a população de uma região” (Vinuesa, 2003:18). Ou seja, “valorizar a Cultura implica coloca-la ao serviço da “criatividade social”, convertendo-se num novo fator de desenvolvimento e de crescimento económico, em termos turísticos e hoteleiros” (Mengin (1989:7).

No fundo “não se trata de “vender” um Património Cultural, mas sim, de valorizar os seus recursos. Há que situar a Cultura no contexto da mundialização da economia, sem esquecer que a valorização cultural compreende no fundo, a civilização humana” (Kayser, 1994:7).

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Concluimos que a “Cultura não é só um recurso, mas um poderoso instrumento para criar um “novo território” ou um novo espaço de desenvolvimento” (Vinuesa, 2003:19).

O autor salienta ainda que “a afirmação da identidade da Cultura local e a melhoria da qualidade de vida da população, vão reforçar o orgulho e o sentimento de pertença a um território” (Vinuesa, 2003:19).

Desenvolvemos a vertente turística de um Projeto de Desenvolvimento Sociocultural, vamos agora centrar-nos na relação existente entre a Cultura e os Processos de Educação Formal e Informal.

Autores como Ruiz (2007:50), consideram que a Educação “é um processo através do qual o Ser Humano assimila conhecimento, normas, valores, atitudes, hábitos, costumes e condutas”.

É em suma, “o processo através do qual uma comunidade ou grupo social, transmite às gerações vindouras as experiências, os conhecimentos, as aspirações, os ideais adquiridos ao longo da vida, com o objetivo de assegurar o seu crescimento e desenvolvimento contínuo” (Ruiz, 2007:55).

Já Freire (2004:50) considera que a Educação “é um processo através do qual as pessoas se completam durante toda a vida, em busca de “serem mais””.

Desta forma, os vários teóricos estabelecem uma forte correlação entre os conceitos de Educação e Cultura.

É neste sentido que a Convenção de Faro (2005) considera que “os Estados devem comprometer-se a facilitar a inserção da dimensão cultural, em todos os níveis da Educação”, reforçando desta forma a relação entre Cultura e Educação, incentivando a investigação na área do Património Cultural.

Segundo a Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa (1985) ao Estado compete também “despertar ou desenvolver a sensibilidade do Público, a partir da idade escolar, para a proteção do património, qualidade do ambiente edificado e expressão arquitetónica”.

Através da Educação, as gerações jovens vão poder enriquecer a Cultura, isto porque, mais do que um acumular de saberes, a Educação vai contribuir para um desenvolvimento de capacidades intelectuais, cívicas, morais e culturais, que vão permitir ao jovem construir uma identidade baseada nos valores transmitidos até então.

É neste sentido que a Convenção de Faro (2005) entende que “os Estados devem adotar medidas que melhorassem o acesso dos jovens de classes mais desfavorecidas ao Património, a fim de aumentar a consciência sobre o seu valor, necessidade de o manter e os benefícios que dele podem advir”.

Freire (2004:55) considera que “educar é trabalhar para a Cultura”.

Ruiz (2007:59) partilha a mesma opinião, ao considerar que “o propósito da Educação é proporcionar uma Cultura às novas gerações,



## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

como forma de criar cidadãos mais conscientes, com mais competências para integrarem um Mundo dinâmico e globalizado”.

Quando refletimos sobre a relação existente entre a Cultura e a Educação estabelecida na Escola, ou Educação formal, temos que ter em conta vários aspetos: primeiramente a Escola tem de ser encarada como um espaço com vida, carregado de memórias e de significados, devendo estar ao dispor de toda a comunidade, de forma a que alunos e familiares se sintam enraizados e reconhecidos nos saberes outrora transmitidos.

Pretende-se desta forma, ampliar o sentido cultural da Escola enquanto Instituição transmissora de valores culturais presentes no quotidiano de cada cidadão.

Por outro lado, a Escola deve ser a “ponte” entre o conhecimento apreendido, o Património Cultural existente e o conhecimento sobre a Cultura que circula diariamente na Sociedade. Pretende-se que a Escola consiga articular a Valorização do Património Cultural com a Cultura dos cidadãos, como forma de estes saírem enriquecidos em termos de valores morais e conhecimentos patrimoniais, valorizando-se desta forma a Cultura enquanto marco histórico gerador de uma identidade singular.

Ao estabelecermos uma relação entre os saberes do passado e do presente sobre a Cultura do território local, a Escola vai proporcionar um sentimento de pertença em relação aos cidadãos, e de valorização desses legados históricos.

Um segundo ponto a ser considerado na relação entre Educação e Cultura, é o Currículo escolar.

A Escola enquanto Instituição transmissora de conhecimentos tem o dever de seleccionar os conteúdos programáticos que vai dar a conhecer aos seus alunos, devendo focar-se nos patrimónios culturais existentes, bem como na sua importância para a história e valorização da região.

Assim sendo, a Escola ao valorizar o Património Cultural existente na comunidade e nos diferentes grupos sociais e etnias, muitas vezes entendidas como subculturas, vai possibilitar uma ampliação dos conhecimentos não só da Cultura enquanto património, mas também enquanto manifestação dos diferentes grupos sociais. Estes vão se sentir integrados e reconhecidos como elementos pertencentes a essa sociedade.

Um terceiro momento a ser contemplado na aproximação entre Educação e Cultura, é o estabelecimento de parcerias entre Escolas e Organismos promotores de Cultura, como forma de efetivar a aprendizagem e o interesse positivo dos jovens pela Cultura.

Podemos concluir que “a abertura da Escola à Cultura local, tendo em conta os saberes que valorizem o Património e os antepassados, bem como a diversidade cultural, incentivando o intercâmbio com vários organismos promotores da Cultura, são alguns caminhos que intensificam a ligação entre Educação e Cultura” (Setúbal, 2010:4).

Quando desenvolvemos a relação entre Educação e Cultura, referimo-nos particularmente à Educação formal, ou seja, visualizamos a

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Escola enquanto instrumento transmissor de saberes, normas e valores morais, que estimam a Cultura enquanto fator potenciador de desenvolvimento humano.

No entanto, não podemos deixar de referir que a Educação poderá ser também um processo não formal.

Segundo os vários teóricos, a Educação não formal, diverge da Educação formal no que respeita à não fixação de tempos e de locais e à flexibilidade na adaptação dos conceitos de aprendizagem a cada grupo social.

Desta forma, podemos definir Educação não formal como “qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino” (Gadotti, 2003:44).

Assim sendo, “a Educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática na medida em que compreende o conjunto de instituições e meios educativos de natureza intencional e com objetivos definidos, mas que não fazem parte do sistema formal” (Gadotti, 2003:47).

“O objetivo da Educação não formal é habilitar os indivíduos, de forma a que estes se tornem cidadãos do Mundo. O grande pilar da Educação não formal é o conhecimento que estes adquirem sobre a realidade que os rodeia, num processo interativo, que se transforma num processo educativo” (Gohn, 2006:70). Segundo este autor, “a Educação não formal prepara os cidadãos, educa o Ser humano para a civilidade” (Gohn, 2006:75)

Já Simson (2001:100) considera que “a Educação não formal caracteriza-se por incluir a bagagem cultural de cada indivíduo, de forma a que esta seja encarada como uma singularidade, que lhe confere uma identidade única”.

Neste sentido, num Mundo cada vez mais multicultural, o respeito e a aprendizagem de outras culturas torna-se elemento fundamental para a sobrevivência humana. Saber valorizar o Património Cultural da Humanidade é uma virtude que se apreende na Escola ou em outros contextos sociais, o importante é saber entendê-lo como elo ao passado, transmissor de grandes sabedorias que fazem com que o cidadão comum usufrua de saberes fundamentais para a sua integração numa Sociedade culturalmente globalizada.

Podemos concluir referindo que a Educação não formal é valiosa para a construção de novos Projetos na área da Educação formal, como forma de integrar todas as formas de Cultura, transformando desta forma a realidade social.

Assim, a Escola e as comunidades locais têm de interagir, enquanto canais transmissores de valores morais onde o respeito pela Cultura e pelo Património da Humanidade são uma prioridade na formação de cidadãos proactivos e conscientes da sua identidade enquanto pessoas.

### **1.3. A importância social da Valorização Cultural**

A literatura moderna tem considerado que a valorização do Patrimônio Cultural pode converter-se num recurso ou fator mobilizador da Sociedade.

A revalorização cultural e simbólica do Patrimônio pode reforçar a coesão social e a sua identidade.

Vários autores, encaram a Cultura como um *elemento vivo* na Sociedade atual, na medida em que se traduz numa mescla entre elementos herdados do passado, influências do mundo exterior e inovações do presente.

Verhelst (1994:5) destaca quatro funções sociais do processo de valorização cultural.

Segundo este autor, numa primeira etapa, “a Cultura deve contribuir para incrementar a autoestima nos indivíduos, uma vez que esta é uma condição indispensável ao desenvolvimento de qualquer Ser Humano” (Verhelst,1994:5).

Neste sentido a autoestima de comunidades anteriormente marginalizadas poderá ser elevada, de forma a que estas exerçam os seus direitos enquanto cidadãos, exigindo-se desta forma novas oportunidades em termos culturais.

Sendo a Cultura elemento potenciador de novos conhecimentos deve proporcionar no individuo a consciência do seu próprio valor enquanto pessoa, elevando desta forma o seu espírito. Se um indivíduo não tem uma voz ativa na Sociedade, encontrando-se inerte, poderá estar numa fase á qual Freire (1996:40) denominou de “Cultura do silêncio”, Esta é uma etapa em que os cidadãos de uma comunidade interiorizaram a ideia de que não possuem qualquer valor ou competência, conformando-se com tal situação.

Desta forma, ao afirmarmos o potencial individual e coletivo de uma Sociedade através da Cultura estaremos a contribuir para um aumento da criatividade e ação dos indivíduos, estimulando as suas aptidões e consequentemente valorizando o respeito por si mesmo.

Num segundo momento, Verhelst (1994:6), entende que “a Cultura é um Mecanismo de seleção, em relação às influências exteriores e aos elementos culturais herdados do passado”. Todos nós fomos educados num meio sociocultural transmissor de valores morais, éticos e culturais que devem orientar a nossa conduta enquanto cidadãos.

No entanto, todos nós temos a liberdade de escolher aquilo que consideramos útil ou nefasto para a nossa vivência enquanto Seres Sociais, incluindo os bens culturais que nos foram transmitidos desde um passado histórico.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Se a Cultura de um Povo é marcada pelo isolamento, desconforto, privação e humilhação, é natural que haja um afastamento cultural, por parte dos indivíduos, dessa realidade que ficou marcada pela negatividade.

Desta forma, estes vão selecionar apenas os aspetos positivos desse legado histórico, como forma de valorizar a Cultura que os acolheu, sendo esta uma atitude de aspiração ao progresso e ao bem-estar social.

Todo o Ser Humano pretende atingir mais e melhor, e a Cultura é uma força que estará sempre presente nessa concretização.

Numa terceira etapa, o autor considera que a Cultura “Inspira estratégias de resistência, sendo este um fator essencial para o desenvolvimento equilibrado e harmonioso da sociedade. Só uma “Cultura” sólida e consciente é que poderá permitir uma avaliação das vantagens e desvantagens dos projetos de desenvolvimento” (Verhelst, 1994:8).

Por fim Verhelst (1994:8) avalia a Cultura como “dando sentido a todas as decisões tomadas nos processos que se realizam, em torno do desenvolvimento”.

A Cultura enquanto processo vivo e dinamizador da Sociedade deve designar um sentido para os seus Projetos, isto porque em qualquer processo de mudança social, de mutação económica, de desenvolvimento em geral, é preciso saber manter a orientação se não quisermos ser arrastados pelos acontecimentos ou pressões negativas.

Desta forma, o autor considera que “a Cultura é, antes de mais, uma dinâmica geradora de sentido” (Verhelst, 1994:9)

Nesta perspetiva, a dimensão simbólica da Cultura (valores, espiritualidade) desempenha um papel crucial na formação moral e ética de cada indivíduo, mas também da Sociedade onde este se encontra inserido.

Neste âmbito o Património Cultural tem cada vez um maior impacto na mobilização da população, sendo importante que a Cultura, enquanto elemento transmissor de conhecimento e de valorização do indivíduo esteja á disposição de todos os Públicos como fator de inclusão e de igualdade social.

De acordo com a UNESCO (2001) “as políticas que favorecem a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz”. Só uma Cultura inclusiva é que contribuirá para um efetivo desenvolvimento da Sociedade e respetivos cidadãos.

Segundo Brant (2002:15) “a transformação da Sociedade realiza-se através da Cultura”.

A grande diversidade cultural existente em cada região contribui para que esta seja encarada como um fator potenciador de desenvolvimento humano.

Neste sentido “Cultura é o passado, presente e a projeção para o crescimento social de um Povo” (Brant, 2002:17).

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

O autor considera ainda que “a diversidade cultural amplia o leque de opções disponíveis na Sociedade, desde o crescimento económico, mas também como acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória” (Brant,2002:18).

Seguindo esta perspectiva “o desenvolvimento social ocorre, em primeiro lugar, pela valorização dos cidadãos que constituem uma Sociedade, pelo respeito às suas práticas culturais e pelo acesso ao conhecimento” (Brant,2002:18).

“A oportunidade do saber e do fazer cultural deve ser garantida a todos os indivíduos, independentemente da classe social ou situação geográfica” (Brant, 2002:19).

Desta forma, ao valorizarmos a Cultura, e ao fazer com que esteja presente na realidade de cada cidadão, estaremos a contribuir para que o Homem alcance a sua felicidade, no sentido de resolver todas as suas necessidades e conseguir elevar o seu espírito.

A valorização cultural implica uma visão otimista da realidade, no sentido de suprimir as carências do espírito e da natureza, pretendendo atingir um estado de perfeição de cada Ser Humano.

## **Capítulo II**

### **A Cultura e a Sociedade**

#### **2.1. A Sociologia na Cultura**

Segundo vários teóricos, um pouco por todo o lado, os fenómenos culturais adquirem uma centralidade quase surpreendente.

“Desde a exportação dos mais variados mundos da Cultura, na sua produção, circulação e apropriação mundializada, até aos anódinos rituais dos quotidianos, passando pelas instituições e o seu impacto localizado, tudo parece refletir a inflação do cultural e do estético” (Semedo *et al* 2003:63).

Também Denys (1999:30) considera que “se a Cultura não é um dado, uma herança que se transmite de geração em geração, é porque é uma produção histórica, quer dizer, uma construção que se inscreve na história e mais precisamente na história dos grupos sociais uns com os outros. Para se analisar um sistema cultural, é, portanto necessário analisar a situação sócio histórica que o produz tal como é”.

Podemos então afirmar que a Cultura aparece como condição essencial da existência humana, na medida em que é pela Cultura que esta adquire o seu verdadeiro significado e o sentido do seu próprio destino.

Desta forma, não é de admirar que a Sociologia, enquanto ciência que se debruça sobre a investigação do social, tenha contemplado e privilegiado os fenómenos culturais como objecto de estudo.

Segundo Fernandez (1988:20) a “Sociologia irá estudar os fenómenos sócio-culturais, sem esquecer as relações sociais que as constituem e que deles derivam”.

Nesta ótica, a Cultura consiste na própria Sociedade, uma vez que promove os padrões de conduta que devem ser seguidos por cada indivíduo e grupo social.

Salienta-se que na última década, tem-se expandido por todo o Mundo a área dos costumes e tradições culturais, que globalmente podem ser classificadas como próprias da Sociologia da Cultura.

Se por um lado esta analisa as instituições, práticas e atores culturais, por outro debruça-se sobre a produção de sentidos da Cultura popular e erudita investigando os efeitos sociais das oscilações dos fenómenos culturais.

Na literatura contemporânea, vários autores definem-na como sendo a análise da criação literária e artística.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Outros compreendem-na como “um estudo da vida quotidiana, enquanto conhecimento da ideação e da representação operadas pelos diversos sistema também de relação social” (Fernandez, 1988:22).

Neste sentido, a Sociologia da Cultura pode ser definida como sendo uma análise transeversal dos bens simbólicos (obras de arte, produções intelectuais), que por sua vez têm impacto nas relações sociais entre os indivíduos que pertencem a uma Sociedade.

Desenvolver uma análise da Sociologia da Cultura do quotidiano, é analisar como os fenómenos coletivos são vividos e interpretados pelos atores sociais.

Como afirma Durkheim (2011:50) “a Sociedade é antes de mais uma comunidade de ideias”. Neste sentido, compete à Sociologia atender “à maneira comum de pensar, isto é de representar as coisas” Durkheim(2011:55).

E neste âmbito, Fernandez (1988:30) refere que “o que é específico da Sociedade humana é, a sua capacidade de criação de Cultura. Ou seja, o quotidiano e o fantástico, estão entre si numa relação dialética”.

Assim sendo, Cultura e Sociedade estão inteiramente interligadas. No entanto, não podemos deixar de referir que as práticas culturais e as representação sociais estão sujeitas a uma variação própria dos fenómenos sociais.

È neste campo que a Sociologia da Cultura terá de desvendar essa realidade, “reconstruindo o mundo social onde as produções culturais têm uma enorme relevância nas mutações da nossa Sociedade” (Fernandez, 1988:31).

Atualmente a *Sociologia da Cultura*, consiste numa das prespetivas mais dinâmicas das Ciências Sociais e Humanas, não só pelos métodos de análise inovadores que utiliza (semiótica para análise cultural), como também pelas contribuições dos estudos culturais de inspiração sociológica, pois têm contribuído para a Teoria do Social com novas investigações.

Esta é uma área avançada da investigação social, que levou à análise da realidade simbólica e cultural, que por sua vez contempla novas prespetivas sobre a realidade sociocultural numa Sociedade que sofre transformações sucessivas.

A “Sociologia da Cultura constitui uma aposta completa para analisar a permeabilidade da Cultura nas diferentes realidades sociais, convidando-nos a repensar as disposições metodológicas que serão necessárias para incidir na emocionalidade humana” (Alexander,2000:220).

Em termos de conclusão, citemos Giddens (2000:75), “nenhuma Cultura poderia existir sem Sociedade, nem uma Sociedade poderia estar carente de Cultura”.

Sem Cultura não seríamos “absolutamente” humanos”. Isto porque é através da Cultura que o Ser Humano cria a sua identidade enquanto

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Pessoa, e tem consciência do Mundo que o rodeia e no qual se encontra inserido.

Viver num Mundo Cultural, significa viver numa Sociedade cada vez mais plural, marcada pela grande diversidade.

Se Cultura diz respeito a tudo aquilo que envolve o Homem enquanto Ser Social, ficando este sujeito, à transmissão de valores morais e éticos, e de um legado histórico que por um lado, condiciona o seu desenvolvimento enquanto Pessoa, e por outro, define a sua identidade, não se pode dissolvê-la do conceito de Públicos da Cultura, na medida em que as dinâmicas sociais vão sofrendo mutações em função das variações culturais que emergem na sociedade.

Torna-se, desta forma, fundamental entender a questão dos Públicos da Cultura, pois segundo Santos (2004:80) esta perceção permite “que as Instituições culturais e as Instâncias políticas possam encontrar respostas adequadas para a momentosa questão dos novos Públicos”.

O estudo dos Públicos da Cultura tem constituído um dos aspetos centrais da abordagem sociológica no nosso país, pressupondo uma reflexão sobre a heterogeneidade do Público em geral – em termos da sua composição social, dos seus níveis de interesse, das suas competências e dos seus gostos – implicando pensar tudo isto num quadro de mudança das práticas e das representações a que assistimos nos dias de hoje.

Segundo esta perspectiva, os Públicos obedecem a uma lógica de heterogeneidade. Deste modo, a conceção de Públicos da Cultura não diz respeito a uma realidade universal e estática, exatamente porque esta varia consoante os diferentes contextos: histórico, individual, institucional, social e cultural.



## **2.2 – Características dos Públicos da Cultura**

Para vários teóricos da atualidade, o conceito de *Públicos da Cultura*, em termos genéricos, diz respeito a todos aqueles e aquelas suscetíveis de consumir atividades culturais.

No entanto, cada autor aborda a temática de acordo com a sua perspectiva, verificando-se uma evolução em termos sociológicos deste conceito, ao longo dos tempos.

Falemos primeiramente de Bourdieu (2005:100), que “identifica o Público da Cultura na capacidade intelectual que têm na descodificação dos bens artísticos”

O autor limita os Públicos culturais a uma classe social dominante que, independentemente do seu perfil socioeconómico (apesar de dar mais enfoque às classes mais abastadas da sociedade), domina um maior capital social e/ou educacional por comparação com outras camadas da sociedade.

Segundo Bourdieu (2005:102), “é o percurso (histórico e institucional) destes indivíduos que os dota de um perfil de Público mais reflexivo e preparado para a receção dos bens artísticos”.

O autor pressupõe uma separação entre alta cultura e cultura de massas, no sentido em que um Público, por condição do seu capital socioeconómico, poderá ser um potencial consumidor de formas artísticas denominadamente eruditas (leitura de ensaios críticos centrados na literatura, poesia,), ou de produtos da cultura de massas (consumo de televisão, leitura de revistas, entre outras atividades de lazer ao ar livre).

Para Bourdieu (2005:104) “existe uma forte divisão cultural em prol dos antagonismos dos estilos de vida”.

O autor relaciona o Público da Cultura com a capacidade intelectual de excelência que será a de descodificação dos bens artísticos, remetendo os restantes, por exclusão, a outras formas de lazer e de fruição de bens culturais massificados, não atribuindo a estes últimos a importância dos seus próprios sistemas de valores, universos de crenças e disposições.

Podemos concluir que segundo este teórico, os Públicos da Cultura são segmentados em função do seu estrato social e económico.

Igualmente Gomes (2004:33) partilha da ideologia de Bourdieu (2005:101), na medida em que concorda que “os lugares de classe correspondentes a recursos escolares elevados, bem como a elevada qualificação profissional se associam a uma maior probabilidade de consumo cultural regular e de frequência de eventos e equipamentos culturais” (Gomes, 2004:33)

O que demonstra que a Educação é um dos fatores de maior intervenção na frequência de práticas culturais.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Na análise de Santos (2003:77) os Públicos da Cultura confluem em “eixos contraditórios”, ou seja, este autor entende a questão dos Públicos da Cultura segundo duas vertentes: “públicos culturais, em sentido alargado, configuram as procuras de modalidades de receção de bens e serviços de comunicação, lazer e entretenimento, e por aqui esbatem-se relativamente à noção de consumo; em sentido restrito, reportam-se às práticas mais raras e distintivas em torno da criação artística, configurando uma hierarquia de gostos socialmente filtrada” (Santos 2003:79).

Para este teórico existem dois estilos de Públicos da Cultura: os consumidores da cultura de massa e os consumidores de bens culturais com um caráter mais refinado,

Partindo deste pressuposto, Santos (2003:80) considera a existência de duas posições relativas aos Públicos da Cultura. A primeira apoia-se “de democratização do acesso aos patamares mais seletivos da criação e dos consumos culturais, que permanecem estreitamente correlacionados com o nível de instrução, e, por essa via, com a condição socioprofissional” (Santos,2003:82)

Segundo esta lógica deveria existir uma maior possibilidade de acesso às formas de Cultura Erudita pelas classes socialmente desfavorecidas, uma vez que aquelas possuem níveis de instrução mais elevados, detêm um acesso privilegiado às mesmas.

Mais uma vez, esta é uma ideia partilhada por Bourdieu (2005.105), pois ambos consideram que as classes sociais com um maior nível de instrução serão privilegiadas em relação ao consumo de bens culturais mais requintados.

A segunda posição apoia-se na “disseminação, do lado da oferta e da procura, das formas culturais mais próximas da Cultura de entretenimento, audiovisual e mediática é, neste quadro, entendida como demonstrativa de uma reprodutibilidade pesada da “cultura de arte”, cujo combate requererá o aperfeiçoamento dos processos de familiarização precoce e prolongada com os campos culturais mais seletivos” (Santos,2003:82).

Neste sentido, seria necessário uma maior produção de bens relacionados com a “cultura da arte” bem como uma maior familiaridade destes com Públicos cuja ausência de conhecimento e de contacto com estas formas culturais é uma realidade. Só desta forma, haveria a possibilidade de um processo socialização cultural mais alargado.

Estas duas posições estão longe de ser antagónicas, pois “convergem na assunção crescente dos “públicos culturais” como um problema social alargado”, segundo Santos (2003:83).

Ambas as perspetivas pretendem um “enquadramento da Cultura e das relações sociais que lhe estão associadas, na estruturação da sociedade contemporânea” (Santos 2003:90).

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Fica patente que os conceitos de Cultura e Sociedade estão inteiramente relacionados, na medida em que a Cultura é entendida como um elemento potenciador das dinâmicas sociais, e da conseqüente mutação da Sociedade.

Outra ideia a ter em conta é a de Costa (2004:95), na medida em que considera que o conceito de Públicos da Cultura “pode ser caracterizado, de maneira simples, mas precisa, como designando um tipo específico de relação social”.

Que tipo de relação social é essa? Segundo o autor, “refere-se essencialmente às relações sociais das pessoas com as instituições”, que por sua vez têm sofrido algumas alterações devido a mudanças societárias em termos educativos, económicos e comunicacionais (Costa, 2004:97). Ou seja, “assiste-se hoje a uma mudança profunda nos modos de relação das pessoas com as instituições” (Costa,2004:100).

Segundo o teórico, estas alterações advêm “de uma relação mista de distância e subalternização, de alheamento e ignorância, de reverência e desconfiança perante essas instituições, a uma relação com elas de caráter mais complexo, mais próximo, mais informado, mais exigente, mais diversificado” (Costa, 2004:101).

“A relação social de Público pressupõe, em todo o caso, um certo grau (mesmo que modesto) de informação e de atenção, de envolvimento parcial e de poder recíproco sobre as Instituições e os seus agentes especializados” (Costa, 2004:102).

Outro investigador da área entende que os Públicos da Cultura, “pressupõe uma relação entre um conjunto de recetores mais ou menos ativos e o campo da cultura objetivada e legitimada” (Lopes, 2004:44).

Na opinião deste “assiste-se a uma rutura face a um modelo estático e hierarquizado de classificação das Culturas, modelo este assente numa oposição entre indivíduos cultos ou cultivados e incultos. A grande massa de camadas populares era, assim, vista segundo um padrão de negatividade em oposição ao das camadas cultas, que eram vistas de um modo hierarquicamente superior” (Lopes, 2000:35).

Neste sentido “assume-se que o clássico trinómio cultura cultivada / cultura de massas / cultura popular, construído segundo critérios ideológicos, se revela teoricamente desajustado face às realidades culturais atuais, à imbricação dos géneros / formas culturais, às reconfigurações dos jogos de distinção, exclusão e integração culturais e sociais e ao impacto do aparecimento e do desenvolvimento do mercado dos bens culturais” (Santos,2003:90).

Para Lopes (2000:45) “muitos foram os fatores que contribuíram para esta dicotomia (cultura cultivada e cultura popular): desenvolvimento industrial, produção em série, aumento generalizado do nível de vida, aumento do tempo livre, aumento das indústrias culturais, mercadorização da cultura, alargamento e diversificação dos públicos”.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Indo ao encontro do que estes dois autores referem, salientamos que a Sociedade contemporânea está a ser vítima de uma grande mudança social e económica, que tem vindo a privilegiar a dimensão cultural. O desenvolvimento da “Cultura de massas” e a mercantilização da Cultura dominam cada vez mais o quotidiano do cidadão comum.

As clássicas concetualizações sobre a Cultura são postas em causa, em prol de um movimento plural das manifestações e dos consumos culturais.

Desta forma, os bens culturais passaram a estar ao dispor de todos as classes sociais, deixando de existir o acesso privilegiado a bens com um caráter mais erudito.

A explosão da Cultura através das artes visuais contribui para um acesso mais igualitário de todos os indivíduos às formas de expressão da cultura. E neste sentido surge uma variedade de audiências, ou Públicos da Cultura, que iremos abordar de seguida.

As tipologias criadas para definir Públicos são variadas, como podemos comprovar após a análise de alguns estudos já efetuados por investigadores do *Observatório das Atividades Culturais*.

Gomes (2004:32) a partir da análise de estudos realizados anteriormente, como o Festival Internacional de Teatro de Almada e no Evento Porto 2001 – Capital da Cultura, distingui três categorias de Públicos da Cultura.

Esta categorização foi efetuada com base na análise entre os capitais escolares dos públicos e as suas práticas culturais.

Em primeiro lugar diferencia os *Públicos Cultivados*, que segundo o autor dizem respeito “a parcela do público em que é mais clara a articulação entre elevados recursos qualificacionais e a regularidade das práticas culturais” Gomes (2004:33). São Públicos que frequentam de uma forma mais intensiva a cultura em prol das suas elevadas qualificações académicas.

Um segundo perfil diz respeito aos Públicos *Retraídos*, estes são compostos pela população com “recursos qualificacionais relativamente reduzidos e frágeis hábitos culturais” (Gomes, 2004:33). Ou seja, são Públicos cujos hábitos culturais são extremamente reduzidos, estando estes relacionados com a diminuta qualificação escolar.

Por fim, o autor define um terceiro perfil, *Públicos Disciplentes* “caraterizados por elevadas qualificações, designadamente escolares, hábitos de saída convivial regulares, que se ligam a uma forte juvenilidade, e, ao mesmo tempo, pela rara frequência de eventos e equipamentos culturais” (Gomes, 2004:34). O autor define este Público, como um “*potencial público* relativamente ao consumo de bens culturais” (Gomes, 2004:34).

Num outro estudo sobre os espetadores do Festival Internacional de Teatro de Almada foi igualmente ensaiada uma tipologia de Públicos, ainda que com um cariz diferenciado.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Neste evento distinguiram-se dois tipos de Públicos, em função da sua fidelização ao evento. Assim, destacaram-se os *Públicos Incondicionais* – Públicos Habituais de diversas edições do Festival, e *Públicos Estreantes* – Públicos Captados durante o festival.

Segundo os autores umas das principais conclusões deste estudo “é que o festival e estes Públicos foram crescendo reciprocamente” (Gomes 2004:35). A partir de um núcleo de espectadores fidelizados, o Festival foi agregando novos Públicos, mediante a transmissão da tradição.

Ainda sobre esta temática, abordaremos outro autor de grande relevo na caracterização dos Públicos da Cultura.

Lopes (2004:44) classificou os Públicos da Cultura em três categorias. Esta classificação foi baseada no ensaio *Experiência Estética e Formação de Públicos em 2004*.

Um primeiro perfil, designado como *Habituais*, “são os que têm menor representatividade na população portuguesa” (Lopes,2004:45). Dizem respeito, no geral, a indivíduos altamente escolarizados, qualificados e jovens, “prevalecendo disposições estéticas fortemente interiorizadas, fruto de um capital cultural consolidado” (Lopes, 2004:45).

Fazendo uma analogia aos Públicos que foram analisados por Gomes (2004:35) poderemos estabelecer um paralelismo com os *Públicos Cultivados*, caracterizados pelo seu ecletismo.

Salienta-se que apesar de existir uma linha de continuidade intergeracional nestes Públicos, podem ocorrer ruturas relevantes.

Segundo o autor, estes Públicos Habituais, formam o que Bourdieu (2005:130) apelidou de “*novos intermediários culturais*”, com um “papel central na produção e manuseamento e difusão da cultura, substituindo os notáveis mas restritos repertórios clássicos por universos ecléticos” (Lopes,2004:46).

Para Lopes (2004:46) os *Públicos Irregulares* são essencialmente “jovens que frequentam de forma irregular os eventos culturais”.

O autor entende que “a escolaridade é uma condição necessária mas não suficiente para a prática cultural regular” (Lopes,2004:47). Estes jovens estão mais relacionados com as formas mediáticas de Cultura, e estão sujeitos aos fenómenos de regressão, por duas vias: a familiar, através do retorno a situações de convivência com gerações muito menos escolarizadas; e a posicional, com tarefas rotineiras que desmobilizam potenciais competências de inovação e criatividade.

Lopes (2004:48) entende que a sua relação com a Cultura “traduz-se numa receção frequentemente oblíqua ou distraída (...) associada às indústrias culturais, ao entretenimento e aos parâmetros da economia mediático-publicitária”.

Comparando com Gomes (2004:35), poderemos salientar que os Públicos Irregulares, dizem respeito aos *Públicos Disciplentes*, na medida em que poderão ser um potencial Público, apesar da sua irregularidade nos eventos culturais.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Por fim, os *Públicos Retraídos* (denominação idêntica em ambos os autores) movem-se quase exclusivamente fora da esfera cultural. Estes caracterizam-se pelo seu baixo capital escolar, e reduzida frequência nos eventos culturais. Estes Públicos “movem-se quase exclusivamente na esfera das práticas doméstico-recetivas e de sociabilidade local” (Lopes, 2004:49).

“Estas categorias são ideias-tipo, que podem eventualmente ser transversais, ou seja, um “público *retraído* face à cultura erudita, pode ser um público *habitual* de um outro tipo de cultura (popular, massificada, etc.) ” (Lopes, 2004:49).

Num outro estudo realizado por Lopes & Aibéo (2007:2) na cidade de Santa Maria da Feira em 2007, foi possível identificar pelos respetivos autores quatro categorias de Públicos da Cultura.

Identificaram em primeiro lugar o “*ecletismo cultivado*”, que se traduzem em praticantes cultos, jovens, com altos níveis de escolaridade e de classe social privilegiada.

Num segundo perfil, temos o “*activismo popular*”, que segundo os autores consiste numa “esfera da criação sem autor, como teatro amador e cantar-dançar-tocar um instrumento, público jovem na transição para a vida adulta e em contexto de menor capital cultural” (Lopes & Aibéo, 2007:3)

Um terceiro Público da Cultura consiste no “*doméstico convivial*”, que traduz o hibridismo entre convivialidade doméstica e urbana, como a ida ao café, bar e discoteca.

E por fim, salientamos o “*doméstico audiovisual*”, que se caracterizam por práticas culturais ancoradas no lar, com indivíduos com menores recursos escolares, já profissionalizados e vivendo situações de conjugalidade.

Este estudo foi relevante para a análise dos Públicos da Cultura, na medida em que se centrou essencialmente na classe mais juvenil da população de Santa Maria da Feira, distinguindo dois tipos de Cultura: “a Cultura de apartamento”, onde se destacam essencialmente consumos domésticos (televisão e música gravada), e a “Cultura de saídas”, marcada pelas práticas de saída e convívio” (Lopes & Aibéo, 2007:5).

Debrucemo-nos agora de outro autor, que também se dedicou à categorização dos Públicos da Cultura.

Fabiani (2002:31) num estudo do *Festival D’Avignon* distinguiu sete tipos de Públicos da Cultura: três tipos mais gerais – o aspirante, o burguês legitimista e o burguês informado; e quatro tipos dentro da camada que se chama de Público Intelectual: o peregrino, o intelectual confirmado, o hedonista e o artista aprendiz.

O *aspirante* frequenta muito pouco os eventos culturais, tal como os *Públicos Retraídos* de Lopes (2004:45) e Gomes (2004:35).

O *burguês legitimista* “é um pouco cauteloso nos seus consumos, procurando valores seguros “sem aderir à proposição artística do Festival”,

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

preferindo formas mais clássicas, como ópera e música clássica” (Fabiani, 2002:35).

O *burguês informado* exige alguma modernidade, procurando “as gratificações mundanas” (Fabiani, 2002:36).

Dentro do *Público Intelectual*, que poderá corresponder aos *Habituais* de Lopes (2004:43) ou aos *Cultivados* de Gomes (2004:33), Fabiani (2002:37) distingue quatro tipos de públicos: o *Peregrino* força-se frequentar os eventos culturais, como o Festival D’Avignon, que funcionam como uma “recuperação cultural” do que perdeu; o *Intelectual Confirmado* tem um sentido de dever profissional nos seus consumos, sendo que “as suas práticas culturais habituais estão em conformidade com a oferta do Festival” (Fabiani, 2002:38); o *Hedonista*, tal como a própria palavra o indica, vive à procura do prazer, e as formas culturais, como o teatro, são uma forma de o atingir. Este “possui uma “sensibilidade da nova cultura” fortemente associada ao “dever do prazer”” (Fabiani, 2002:40). Por fim, o *Artista Aprendiz* encara as suas práticas culturais, como um “estágio em laboratório” e os festivais como Avignon são locais que poderão possibilitar uma eventual profissionalização.

Ao analisarmos estes quatro autores no âmbito dos Públicos da Cultura, salienta-se o facto de existir ainda muita informação a explorar sobre esta temática, de forma a aprofundarmos com mais rigor as características e as dinâmicas dos vários Públicos Culturais, tendo sempre em conta a realidade social envolvente.

Nesta perspetiva, Lopes (2004:48) afirma que o Público é “uma entidade amorfa e anómica do ponto de vista sociológico: caracteriza-o o seu cariz efêmero e circunstancial e o ténue objetivo que o sustenta estrutura-o bem menos do que a um grupo”.

Mais que ter em conta as oscilações dos vários tipos de Públicos da Cultura, há que saber analisar as variações individuais, resultantes da personalidade dos indivíduos, dos contextos onde as práticas e os consumos culturais acontecem.

No entanto o autor alerta-nos para o facto de que “as rotinas de relação social em ambientes estabelecidos permitem-nos um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular” (Lopes, 2005:2).

Nestes caso, quando um “*estranho* nos é apresentado, os primeiros aspetos permitem-nos prever a sua categoria e os seus atributos, a sua «identidade social» (...) baseando-nos nessas preconcepções transformamo-las em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (Lopes,2005:3)

Segundo Lopes (2005:3) “esta submissão às rotinas, à previsibilidade e a própria necessidade psicossociológica de reduzir a complexidade dos Públicos, leva, não raras vezes, a criar currículos ocultos de comportamento dos públicos”.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Para este teórico, o verdadeiro conhecimento de um Público da Cultura, encontra-se na “qualidade, continuidade, organização e sistematicidade do contacto etnográfico que os intermediários culturais estabelecem nas suas rotinas” (Lopes, 2005:5).

Um Público “deve ser mais do que uma lista pessoal de amigos. Deve incluir *estranhos*” (Lopes,2005:5). Mesmo conhecendo as dinâmicas sociais onde se insere o “estranho”, a “estranheza” permanece sempre, nos quadros de interação.

Segundo Lopes (2005:5) “é-nos apenas possível delinear os contornos de uma comunidade imaginada”. No entanto, “todos os Públicos a quem nos dirigimos têm uma base social. O seu carácter imaginário nunca é meramente uma questão de fantasia privada (...), no entanto, a exata composição dos Públicos convocados nunca pode ser inteiramente conhecida de antemão” (Lopes, 2005:6).

Deste modo, é o discurso que dirigimos aos Públicos e a sua apropriação reflexiva que os constitui, precisamente, como Públicos: “estranhos que se tornam menos estranhos por essa mesma circulação, mediação e apropriação” (Lopes, 2005:6).

Será desta forma pertinente, questionar as condições que agregam determinadas pessoas num determinado Público, bem como o fato de esse Público ser mais do que um simples somatório de indivíduos.

Sobre esta questão Warner (2002:420) defende que “possuímos um conhecimento prévio sobre os Públicos a quem nos dirigimos (...).Tais mecanismos, mesmo latentes ou inconscientes, radicam em “decisões” (...) que atraem ou afastam, que ampliam ou reduzem as possibilidades de constituição de Públicos”.

No entanto como refere o autor, “muitas das variáveis presentes na construção de um Público, escapam á simples vontade dos seus criadores (...) remetendo-nos para a organização dos média” (Warner,2002:425).

Ou seja, os Públicos, encontram-se de certa forma, condicionados pelos conflitos existentes entre ideologias interpretativas e as intuições de circulação. Por outro lado, será também importante salientar que pertencer a um Público é “ser um certo tipo de pessoa, habitar um certo tipo de mundo social, ter ao seu dispor certos media, estar motivado por um determinado horizonte normativo e falar dentro de uma determinada linguagem ideológica” (Warner, 2002:430)

“É deste encontro – polémico, provisório e infinito- que se fazem e desfazem os Públicos da Cultura” (Warner, 2002:431).

Alguns teóricos colmatam esta ideia referindo que “os Públicos existem em torno de uma tríade fundamental, que reúne a criação, a difusão, e a receção culturais contextualizadas” (Lopes,2004:50)

Torna-se fundamental “dar atenção aos meios e modos de produção cultural, á materialidade da obra, e dos conteúdos que fazem uma determinada programação cultural” (Lopes & Aibéo 2007:14). Sem esquecer que esta “atividade comunicacional dos Públicos é um elemento



## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

constituente dos mesmos (...) que permite troca, conflito e negociação” (Lopes, 2004:51).

O mesmo autor refere a necessidade de “alargar e fidelizar novos Públicos”, no sentido de alcançarmos “patamares mínimos de democratização cultural” (Lopes, 2004:52).

Seria importante existir um acréscimo nas políticas sociais de acesso à Cultura para todos os segmentos sociais. Esta “recepção espontânea de Cultura apela á nossa entrada nos mundos de construção da arte, podendo constituir um elemento decisivo na constituição de novos Públicos e na familiarização com linguagens inacessíveis a vastas camadas sociais” (Lopes, 2004:53).

No fundo traduzem-se em estratégias que visam desmitificar o “mundo da criação, a expressividade comunicacional, ou a participação plena em processos criativos pedagogicamente contextualizados” (Lopes, 2004:54), que ao nível dos Públicos permitirão um acesso mais amplo às práticas culturais.

Concluimos que formar “Públicos Improváveis implica que não existe uma verdade na obra, que ela caminha de interpretação em interpretação, em consenso provisório em consenso provisório” (Lopes, 2004:55).

A “experiência estética” definida por Jauss (1970:5) surge então como uma potenciadora forma de ressocialização dos novos Públicos da Cultura, ou seja, novas obras de arte destinadas a conformar ou confrontar universos pré-existentes, tendo em vista a construção de novos horizontes culturais.

Se analisarmos o cerne desta questão, poderemos questionar “Quem são nos Novos Públicos da Cultura?”.

Pelo que temos analisado na literatura, “novos” significa “mais dos mesmos”.

No fundo trata-se de um esforço em trazer mais pessoas aos eventos culturais.

De uma forma geral, poderemos referir que uma grande maior das pessoas vai participando nos eventos culturais, segundo Vlachou (2011) através de diferentes níveis de desenvolvimento:

- 1º nível - através dos média, como televisão, rádio, DVDs, CDs, Internet.
- 2º Nível - assistindo ao vivo a peças de teatro ou de ópera, a concertos, visitando exposições e participando a atividades complementares destas experiências, como conferências, debates, programas educativos, etc.
- 3º nível - através de um maior envolvimento pessoal naquilo que é a prática cultural / artística, como é o caso de artistas amadores, voluntários em instituições culturais, membros de conselhos consultivos etc.

### ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

O autor considera que “um dos desafios para os profissionais da Cultura é conseguirem que cada vez mais pessoas queiram considerar ‘subir de nível’ e que tenham a oportunidade, se assim o desejarem, fazê-lo. ‘Subir de nível’ não porque uma forma de participação é mais válida que outra, mas porque a experiência, ao atravessarmos do nível 1 para o 2 ou o 3, pode tornar-se mais profunda, enriquecedora, libertadora. Mas também porque poderá criar um outro entendimento, melhor, entre os profissionais e o público” (Vlachou, 2011).

### **2.3. A Diversificação Cultural**

Ampliar os horizontes culturais na heterogeneidade que caracteriza a nossa Sociedade, tem sido um grande objetivo de alguns teóricos.

Vlachou (2011) considera “importante a diversificação dos Públicos, ou seja, o esforço de chegar àquelas que pessoas cujo perfil sociodemográfico e hábitos de participação cultural (ou a falta deles) as mantêm afastadas dos nossos espaços”.

Poderemos afirmar que as barreiras existentes são essencialmente de natureza psicológica, devido à ausência de experiências e conhecimentos, desses grupos sociais, no âmbito das práticas culturais.

Nestes casos, não é passível de falarmos em “criação de novos Públicos”, uma vez que estes já existiam previamente e, porque são “consumidores da nossa oferta cultural” (Vlachou,2011).

O grande objetivo segundo este autor é “criar as condições para que estes possam degustar a Cultura: despertando curiosidade, demonstrando a sua relevância, tornando-a de alguma forma tangível, criando conforto (essencialmente psicológico) ” (Vlachou, 2011).

No fundo, pretende-se um “abrir de portas” para que todos possam ter acesso às novas realidades culturais, constituindo-se “novos consumidores da Arte e Cultura” (Vlachou, 2011).

Partindo deste pressuposto de que a Cultura implica respeitar as diferenças, iremos analisar, de seguida, o Tema da Diversidade Cultural.

Segundo a UNESCO (2007) “a diversidade cultural refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram a sua expressão”.

A “Cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade” (UNESCO,2007).

Desta forma, numa Sociedade cada vez mais diversificada, torna-se imprescindível garantir “uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver” (UNESCO,2002).

A diversidade cultural vai maximizar as possibilidades de escolha e de acesso em termos culturais a todos os grupos sociais.

Desta forma estaremos a contribuir para o acesso a uma existência intelectual, moral, afetiva e espiritual satisfatória de todos perante a Cultura.

“A diversidade cultural é uma fonte de dinamismo social e económico que pode enriquecer a vida humana no Século XXI, suscitando a criatividade e fomentando a inovação. Reconhecemos e respeitamos a importância da diversidade na expressão linguística e criadora” (Declaração de Okinawa, 2000).

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Autores como Matoso (2010:10) têm-se debruçado sobre esta temática, considerando que “a composição social das nossas cidades está em constante mutação, tendo por isso mesmo a 'Diversidade Cultural' assumido nos últimos anos uma importância política sem precedentes”.

Ou seja, os Públicos desempenham um papel ativo na Sociedade, na medida em que interpretam de formas diferentes os mesmos objetos culturais.

Neste sentido, em vez de se falar de um Imperialismo Cultural, falaríamos de um Multiculturalismo, pois segundo o autor “as comunidades interpretativas não consideram que os produtos difundidos pelas multinacionais globais sejam uma ameaça às suas identidades locais” (Matoso 2010:55).

Numa Sociedade cada vez mais heterogênea, torna-se imprescindível valorizar não só o Património Cultural, como também as características dos Povos que se encontram inseridos nesta mescla social.

Promover a aproximação entre os Povos como forma de abertura e de trocas entre as diferentes Culturas seria uma forma de “humanizar” a Sociedade onde estamos inseridos.

No fundo, estamos perante o fenómeno da Globalização, que assenta num confronto entre as perspectiva de um urbanismo mais competitivo e as do pluriculturalismo.

Ou seja, a relação entre a Globalização e as migrações, contribui para que as Culturas Locais fossem “invadidas” por uma crescente heterogeneidade social e cultural.

Marques (2003:5) considera que “a nível cultural se por um lado, se observa um movimento de homogeneização e mundialização de determinadas expressões culturais, proporcionado pelo avanço das telecomunicações, pela expansão dos *média globais*, ou pela facilidade de viajar, por outro lado, esse mesmo movimento permite projetar culturas minoritárias, promover a sua interação e fusão e multiplicar a oferta cultural disponível, num quadro decrescente liberdade de expressão”.

Segundo Inglis (1995:30) “a consciência coletiva da importância da Cultura, enquanto território de diversidade e a associação intrínseca desta ao respeito mútuo têm vindo a ser expressa de uma forma cada vez mais clara e foi sendo evidenciada em diferentes textos e iniciativas a nível global”.

Em Portugal o confronto com a diversidade cultural e a necessidade de aceitar o convívio com outras etnias foi um fato, uma vez que o nosso País sempre se caracterizou por ser um recetor de outras Culturas e Tradições, adotando-se neste sentido o modelo “Plano para a Integração dos Imigrantes”.

Este modelo prevê o “reforço da expressão da diversidade cultural em todos os domínios e atividades com incidência na área da Cultura” (Costa, J. *et al*, 2007:50)

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Neste sentido, podemos afirmar que Portugal estabeleceu Orientações Políticas muito favoráveis à gestão da diversidade cultural, no acolhimento e integração de imigrantes, através de um modelo intercultural.

“O seu grande objetivo é essencialmente numa Sociedade multicultural, reforçar o sentido de pertença e a construção participada de uma comunidade de destino, partindo do respeito mútuo pela diversidade, considerada um valor em si mesmo” (Costa. *et al*, 2007:55).

Mais do que uma relação pacífica entre indivíduos e diferentes comunidades, o Modelo Cultural previsto em Portugal tem em conta o cruzamento entre os vários Povos, sem colocar em causa a sua extinção. Propõe-se desta forma uma verdadeira tolerância numa Sociedade intercultural.

Desta feita, será importante referir que na gestão da Diversidade Cultural, o Modelo mais apropriado, segundo os teóricos é o do Multiculturalismo, uma vez que pretende consolidar o diálogo aberto e respeitador entre as diferentes Culturas presentes na Sociedade.

No entanto, não deixa de ser uma realidade que numa Sociedade Multicultural, as Políticas não são espontâneas, sofrendo fortes pressões e resistências, nestes tempos de crise económica.

Como refere Giddens (1999:100) “o objetivo das Políticas multiculturalistas – contrariar a exploração dos grupos oprimidos – é inteiramente louvável. Mas não pode ser alcançado sem o apoio alargado de uma comunidade nacional ou sem um sentimento de justiça social que tem que estar para além das pretensões e dos agravos de qualquer grupo específico”.

Os Estados ao promoverem a pluralidade cultural estarão a contribuir para a emergência de novas formas de reconhecimento e de valorização das minorias culturais existentes, contribuindo desta forma para a inclusão e emancipação das mesmas num Mundo globalizado que ao mesmo tempo pretende unir Culturas diversificadas.

Numa Sociedade onde a multiplicidade de Culturas é predominante, as Políticas Culturais “devem ter em conta, a inserção dos indivíduos no interior de uma estrutura social em que podemos compreender os diversos gostos, as diferenciadas possibilidades de acesso e competências para a prática de atividades culturais” (Santos, 1998:3).

O autor considera que “função de uma Política cultural consiste em atenuar o fosso que divide as diferentes culturas”. Assim sendo, a existência de uma administração cultural é necessária para satisfazer as necessidades culturais da população (Santos, 1998:4).

Com o aumento da escolaridade, do nível de vida e do tempo livre, a Sociedade entendeu que a Cultura não era apenas um privilégio de alguns cidadãos, mas um Direito e uma necessidade para todos. Nesta perspetiva, a ação cultural passa a ser um dever das autarquias locais, enquanto fator

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

potenciador do desenvolvimento cultural e social, harmonizando desta forma, as relações sociais vigentes.

Desta forma, a gestão cultural é, neste contexto, um elemento fundamental no desenvolvimento global, pela sua utilidade na racionalização de prioridades, na estruturação da oferta pública de eventos e serviços, na construção de infraestruturas, na articulação com a educação e outras áreas de intervenção social e sobretudo no convite à participação colectiva e ao estabelecimento de parcerias ativas.

Pretende-se desta forma, a implementação de uma Política Cultural ampla e plural, acolhedora de manifestações populares, eruditas, tradicionais e inovadoras, que esteja aberta à dinâmica própria da Cultura e que respeite o debate público e democrático.

Procurando a harmonia entre crenças e valores com o processo cultural, comportamento, modos de criação, formas de relacionamento, sempre consciente de como os dois elementos, estrutura e processo, se influem e se modificam mutuamente.

Salienta-se a importância de uma Política Cultural que tenha em conta a singularidade de cada pessoa, enquanto Ser Humano e Social, dotados de capacidades e limitações.

A Política Cultural deve-se destacar, enquanto instrumento impulsionar de um acesso igualitário de todos os Cidadãos aos bens culturais.

É neste âmbito que a temática das Acessibilidades tem sido bastante debatida na Sociedade atual, isto porque alcançar condições de acessibilidade significa conseguir a equiparação de oportunidades em todas as esferas da vida de um Ser humano.

Pretende-se que a Cultura seja um benefício para todos, incluindo aqueles que por algum motivo, possuam alguma deficiência.

Segundo Neves (2006:109) o conceito de deficiência implica “uma desvantagem em relação à maioria das pessoas. Essa desvantagem poderá resultar de razões físicas, mentais ou sensoriais, de caráter transitório ou permanente, com grau de incapacidade limitativo da total autonomia do sujeito, levando a que necessite de condições especiais para que se sinta completamente integrado na comunidade em que se insere”.

Este Público será integrado socialmente, na medida em que irá partilhar a sua condição com outras formas de diferenciação, igualmente caracterizadas pela necessidade de condições especiais, tais como a condição física, a idade ou condição social.

Assim segundo o autor “pretende-se realçar uma noção de total inclusão que assuma a deficiência como apenas um fator de diferenciação que não exige medidas excepcionais, mas sim uma atitude que faça esbater possíveis marcas da discriminação positiva” (Neves, 2006:111).

Prevê-se desta forma, implementar a convicção de que ao integrar Públicos especiais, estaremos a estabelecer melhores condições para todos, no acesso aos bens culturais.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

No fundo, aspira-se a um novo conceito “para todos” que visa proporcionar uma solução holística que integre todos os grupos sociais na promoção cultural.

Torna-se urgente questionar se os Espaços Culturais se encontram preparados para atrair Públicos cada vez mais heterogêneos.

“O apelo a que se abram as portas a cada vez mais visitantes leva a que se repensem estratégias de atracção e fidelização” (Neves, 2010:182). Pretende-se criar razões, para que cada visitante na sua individualidade queira voltar àquele espaço.

O autor entende também, que deverá existir nos vários espaços culturais uma “abordagem inclusiva na comunicação”, de forma a contemplar múltiplas soluções adaptáveis aos diversos Públicos visitantes (Neves, 2010:183).

Defende ainda que “uma abordagem com preocupações de integração, será também aquela que se socorre de estratégias de envolvimento direto dos seus visitantes, apelando a todos os sentidos, num processo de complementaridade ou mesmo de substituição” (Neves, 2010:184). Neste sentido existirá uma maior oportunidade para integrar todos os visitantes, incluindo aqueles que possuem limitações físicas, mentais ou sensoriais, no contexto cultural.

Foi com este intuito que Neves (2006:108) definiu quatro domínios de intervenção para a criação de condições operacionais de acesso ao contexto cultural: Divulgação e informação; Acesso e Mobilidade; Conforto e Segurança; Conhecimento e Experiência.

O autor entende que “será necessário reforçar a ideia que qualquer ação que se possa desenvolver para melhorar as condições de acesso a qualquer visitante, incluindo aqueles mais marcados pela diferença, deverá ser vista como uma soma das várias partes, interdependentes e mutuamente condicionantes” (Neves, 2006:110).

No fundo deverá existir uma harmonia entre as diversas dimensões para que haja uma plena aplicação do conceito de Acessibilidade. Este ideal implica a minimização de todos os obstáculos que impeçam a plena fruição do Património Cultural, revelados através de inúmeras barreiras arquitetónicas, deficiências de comunicação reveladas na documentação de apoio, ou na sinalética e na identificação de objetos.

Neste seguimento será interessante centrarmo-nos num estudo realizado pelo autor Neves (2010:190) sobre a integração de pessoas cegas e surdas no contexto museológico.

Neste contexto, foi constatado que “ao abrir o museu a visitantes cegos, através de soluções multissensoriais, facultar-se-á a todos os visitantes experiências únicas. Pensar em soluções para surdos, permitirá oferecer serviços que serão igualmente visitantes sem limitações auditivas” (Neves,2010:192).

Desta forma o autor defende uma “uma comunicação baseada no multi-formato e na estimulação multi-sensorial potenciará uma dinâmica

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

lúdico-educativa” que contribuirá para uma interação dinâmica entre o visitante e o contexto cultural, sendo este adaptado às características individuais de cada pessoa (Neves, 2010:193).

Ao serem implementados equipamentos audiovisuais, verbais e não-verbais, táteis, olfativos e gustativos, estar-se-á a contribuir para um enriquecimento da visita ao contexto cultural na medida em que existe um aproveitamento de todas as dimensões do Ser Humano.

Se anteriormente, todo o espólio de um Museu era intocável, devido à sua fragilidade e valor, atualmente vários autores apresentam a tese de que se torna imprescindível a existência de uma interação entre as peças e os visitantes, como forma de complemento à visão.

Esta tendência é fundamental para os visitantes normovisuais, na medida em que se verifica uma complementaridade entre os sentidos.

Neves (2010:194) concorda com esta teoria, afirmando que o “manuseamento permite ver aquilo que a vista nem sempre capta”, isto porque, uma peça pode ter particularidades que só são perceptíveis com o toque, como o peso e a densidade.

Neste seguimento, poder-se-á afirmar que para uma pessoa invisual, o facto de manusear uma peça, é extremamente importante pois significa “ver” a peça.

Programas como o “*Hands on*” do British Museum, em Londres, proporcionam aos seus visitantes sessões em que objetos originais são dados a manusear, sob o olhar atento de conservadores.

Segundo Neves (2010:200). “este tipo de experiência é particularmente grata a verdadeiros *connoisseurs* e a pessoas cegas que, de outra forma dificilmente poderiam perceber as peças em apreço”. Quando não é possível estabelecer um contato direto com as peças, é possível recorrer a réplicas, como alternativa ao original.

Atualmente, uma grande diversidade de Museus em países Europeus têm possibilitado uma maior proximidade entre as peças e os seus visitantes. Esta é uma realidade que também se verifica em Portugal, na medida em que alguns Museus têm permitido um contato íntimo com as suas relíquias. Por exemplo, em Lisboa, o *Museu do Azulejo*, possibilitou a “a criação de azulejos em baixo relevo para uma melhor percepção por parte de pessoas cegas demonstrando como é possível criar condições para que todos possam “ver” à sua maneira”. (Neves, 2010:189). Em São João da Madeira, o *Museu da Chapelaria*, e o *Museu de Arqueologia* em Lisboa, têm explorado várias vertentes de comunicação baseadas numa relação direta com a herança museológica existente, permitindo o manuseamento de peças ou recriação epocal através da encenação de teatros e workshops.

No entanto, será importante salientar que estas ações deveriam ser mais publicitadas, de forma a que as pessoas com necessidades especiais pudessem usufruir plenamente destas vantagens.

Outros esforços estão a efetivar-se para tornar a Pintura, uma realidade perceptível a todos, na medida em que não é visível a existência de



## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

condições adequadas para que pessoas com necessidades especiais possam usufruir inteiramente destas exposições.

Para inverter esta realidade, a artista plástica, Tânia Bailão Lopes, propôs dar a conhecer o seu trabalho a um Público bastante heterógeno, constituído por: pessoas normovisuais, pessoas cegas, pessoas surdas, adultos e crianças através de soluções que permitem uma interação da comunicação. Assim, a sua coleção foi dada a conhecer não só através das telas, mas também de audioguias, videoguias e de um quadro táctil. Este Projeto, intitulado “*Olha por mim*”, ocorreu na Biblioteca José Saramago em 2009 e teve como objetivo facilitar o acesso á pintura a diversos Públicos em simultâneo, ou seja, numa mesma sala foi possível a coexistência de diversas formas de “ver” a arte. A utilização dos audioguias foi extremamente vantajosa, pois permitiu a descrição das obras de arte, bem como das sensações que estas transmitem.

Neste Projeto, o Audioguia foi concebido para apoiar visitantes invisuais, proporcionando uma experiência multissensorial. O “áudio pretende ativar os diversos sentidos, para uma construção de imagens mentais tão expressivas quanto as geradas pelas pinturas” (Neves, 2010:190).

Todos os efeitos sonoros foram pensados para conduzir os visitantes para “dentro da arte”. Alguns relatos salientam o “poder sugestivo do audioguia, e de como este contribuiu para um envolvimento emocional com as obras de arte” (Neves, 2010:189).

A par do audioguia, foi implementado a visita tátil num quadro tridimensional, que permitiu ao visitante com necessidades especiais, experimentar emoções com as pontas dos dedos e com os ouvidos em simultâneo.

Segundo Smith (2003:2) através “da junção dos dois meios – o verbal e o tátil – poder-se-á chegar a imagens muito próximas daquelas captadas pela visão”.

Neste seguimento, Donald (1988:15) afirma que “ser multissensorial significa, em última instância, “ser flexível””, recriando a visão através de outros sentidos”.

Outro aspeto importante do Projeto “*Olha por mim*”, foi o fato de ter privilegiado o conforto e a autonomia dos seus visitantes, criando espaços de repouso, com bancos e cadeirões, para que estes pudessem descansar e apreciar a arte sempre que quisessem. Proporcionou-se também aos visitantes invisuais uma forma singular de visitar a exposição, através de marcas colocadas do chão com pequenos nós nos locais onde se encontravam quadros. Desta forma, poderiam percorrer todo o recinto com a mesma comodidade que os visitantes normovisuais.

Muitos são os autores que defendem que “as ações que se têm vindo a implementar em muitos Museus nacionais e estrangeiros permitem afirmar que, aos poucos, e em nome da acessibilidade e inclusão, começa-se a recorrer a soluções multissensoriais para permitir uma maior

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

aproximação ao Público, oferecendo-lhe novas oportunidades de percepção e compreensão dos espólios museológicos” (Neves,2010:191).

Por outro lado, garantir condições de transporte, acesso arquitetônico, mobilidade e direcionamento contribuem de outra forma, para uma presença mais assídua de um Público com necessidades especiais.

É neste sentido que nos iremos focar sobre a dualidade existente entre barreiras arquitetônicas e acessibilidades físicas.

Comprovando a tendência referida no parágrafo anterior, o Instituto Português de Museus (IPM) refere que “apenas 20 dos 120 Museus portugueses “têm projetos em curso” para pessoas com deficiência, tais como exposições complementadas com audioguias, textos escritos em Braille, instalações com rampas ou elevadores e materiais pedagógicos específicos” (IPM, 2004:50).

De fato tornar um Museu Inclusivo, implica repensar as acessibilidades físicas, pois sem a eliminação das barreiras que impeçam a mobilidade, é impossível dar as boas-vindas a todos os visitantes.

No entanto, na Sociedade atual, o conceito de acessibilidade é percecionado com uma conotação negativa, sendo entendido como algo que se encontra diretamente ligado a uma minoria da população.

Vários teóricos defendem que “é para todos, falar de design inclusivo, eliminação de barreiras, etc., não faz sentido quando se remete unicamente a subgrupos sociais, pessoas específicas porque esse conceito remete-se a todos nós” (Faria *et al* 2007:5).

Muitos dos autores contemporâneos consideram que um dos grandes objetivos da Cultura é tornar as infraestruturas 100% acessíveis, beneficiando, desta forma, não só as pessoas com restrições de mobilidade, mas também os demais.

Todos têm o desejo e o direito de serem autônomos, quer na via pública, nos transportes, nas comunicações ou nos edifícios, e por tal motivo, a arquitetura moderna terá o dever de contemplar soluções que tenham em conta a diminuição da elasticidade motora da população. Isto porque, devido ao aumento da esperança média de vida, verifica-se um aumento da população idosa, que se caracteriza uma mobilidade condicionada. Além dos idosos, é importante referenciar as grávidas, deficientes motores e pessoas com doenças degenerativas, todos eles portadores de limitações em termos de circulação.

É neste sentido que Cuyas (2003:50) afirma que “uma Sociedade que não incluiu todos os seus membros, é uma Sociedade empobrecida”.

A pretensão de se tornar inclusivo, desafia o Museu a responder, de uma forma cada vez mais exigente, às expetativas e necessidades da sua audiência.

Debater a questão das Acessibilidades Físicas do Museu implica explorar a importância do Desenho Universal, enquanto instrumento

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

potenciador da “biodiversidade humana, contribuindo para uma melhoria da qualidade de vida para todos” (CEA, 2005:30).

Segundo o Conselho Europeu de Acessibilidades (2005:32), o conceito de Desenho Universal é apresentado como “a intervenção no meio físico, produtos e serviços, permitindo a participação de todos os cidadãos, independentemente da sua idade, sexo, aptidões e antecedentes culturais”. Desta forma, pretende-se proporcionar um ambiente físico acessível a todos os cidadãos, salvaguardando-se a diversidade populacional, bem como a autonomia e independência de cada visitante.

Segundo o Conceito Europeu de Acessibilidades (2005), existe um conjunto de parâmetros indispensáveis, para que cada edifício atinja a sua plenitude em termos de acessos.

<b>Respeitador</b>	Deve respeitar a diversidade dos utilizadores. Ninguém deve sentir-se marginalizado, a todos deve ser facilitado o acesso.
<b>Seguro</b>	Deve ser isento de riscos para todos os utilizadores. Assim, todos os elementos que integram o meio físico têm de ser dotados de segurança.
<b>Saudável</b>	Não deve constituir-se, em si, um risco para a saúde.
<b>Funcional</b>	Deve ser desenhado e concebido de tal modo que funcione de forma a atingir os fins para que foi criado, sem problemas ou dificuldades.
<b>Compreensível</b>	Todos os utilizadores devem saber orientar-se sem dificuldade num dado espaço e, por conseguinte, é fundamental uma informação clara (utilização de símbolos comuns a vários países, evitando as palavras ou abreviaturas da língua local). A disposição dos espaços deve ser coerente e funcional.
<b>Estético</b>	O resultado deve ser esteticamente agradável.

**Fonte: CEA (2005:67)**

**Tabela 1 – Parâmetros para um meio físico acessível**

Respeitando estes indicadores, será possível estabelecer um acesso pleno, sem restrições e respeitador da heterogeneidade Humana.

Debater o conceito de Acessibilidade no âmbito do espaço cultural, não se traduz apenas na edificação de melhorias em termos de acessos e mobilidade para os visitantes com necessidades especiais, mas também nos esforços que estão a ser concretizados para que estes possam usufruir com a mesma qualidade do espólio cultural.

Assim, não poderemos deixar de salientar todas as modificações que têm sido implementadas nos recintos culturais, com vista à diminuição da exclusão social e cultural que se tem assistido desde largas décadas no nosso País.

A construção de rampas e de portas mais amplas, a existência de elevadores e de plataformas elevatórias assumem uma extrema importância para uma circulação sem constrangimentos; tal como as orientações em relevo, colocadas no chão dos recintos, bem como as

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

informações escritas em Braille. Todos estes instrumentos revelam-se indispensáveis aos visitantes que possuem limitações visuais.

Foram estas mudanças que tornaram o ambiente cultural mais inclusivo, proporcionando uma igualdade de oportunidades a todos os Públicos.

Um dos instrumentos que mais tem contribuído para que estas evoluções tenham sido um sucesso, foram as Tecnologias de Informação e Comunicação, que tal como “o design para todos, são utilizadas na acessibilidade dos edifícios e no meio edificado” (CEA, 2005:70).

É neste sentido que Cuyas (2003:75) afirma que “a tecnologia tem um papel cada vez preponderante na melhoria de condições de acessibilidade e de autonomia pessoal”.

Em Portugal, o Instituto Português dos Museus (IPM) tem assegurado, desde a década de 80, um pleno acesso à internet nos Museus, possibilitando melhorias das condições de acessibilidades, definidas numa segunda fase do projeto “*Sítios Web autónomos*” do Instituto Português dos Museus nomeadamente durante a criação e desenvolvimento de uma plataforma de gestão da informação.

Segundo Neves (2006:115) o “*Projeto Bdmuseus* visa a produção de dados sobre o panorama museológico português através do levantamento contínuo de novos casos e da atualização da informação existente”. Desta forma, a “*Bdmuseus* contribui para o conhecimento da evolução da realidade museológica nacional”.

A par deste Projeto, outras iniciativas foram concretizadas em Portugal e na Europa, como a *E-Europeu 2002* e a *E-accessibility*, sempre com o objetivo de constituírem uma mais-valia aos visitantes com necessidades especiais.

Seguindo este raciocínio, Semedo (2006:168) conclui que “utilização das tecnologias de informação (...) ou a criação de websites são instrumentos que alargam o universo dos Públicos potenciais e permitem projetar a imagem do Museu, do seu património e das suas atividades muito além dos meios de comunicação tradicionais”.

Cada vez mais, nos dias de hoje, o acesso à internet facilita uma série de informações sobre os Museus: horários, preços, coleções, atividades, etc. Por outro lado, os Museus virtuais veiculam informações sobre a arte a um Público muito mais vasto.

No entanto, tal como nos Museus físicos, se não estiverem acessíveis, serão limitados apenas a certos grupos sociais, gerando mais uma vertente de exclusão social.

Em termos de conclusão, afirmamos que esta nova visão museológica preocupa-se com os Públicos e planeia a sua projeção social. Envolve-se em filosofias democráticas, prevenindo-se contra o escrutínio do público e desenvolve estratégias de marketing, de forma a alterar as tendências, em prol das necessidades das diversas audiências, cada vez mais exigentes e conscientes dos seus direitos enquanto Público cultural.

***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

Cabe aos Museus conseguir comunicar com todos os seus Públicos, de forma correta e assídua.

Tal como Neves (2006:100) verbaliza: “os Museus têm de comunicar ou acabarão por enfrentar a sua própria “morte””.

## **Capítulo III**

### **A Cultura em diferentes contextos**

#### **3.1. A Cultura e a Educação – uma relação intrínseca**

Muitos são os autores que têm dedicado as suas vidas ao estudo das mudanças sociais e culturais e, desde sempre concluíram que vivemos numa Sociedade em que a mudança é algo com que nos temos de confrontar diariamente.

Segundo Certeau (1993:5), vivemos num Mundo onde a Cultura é entendida como o “modo de relacionamento humano com o seu real”.

Desta forma, a par do seu caráter simbólico, o que melhor define a Cultura é o seu caráter criativo; sem este não existiria o produto cultural nem mesmo a atividade artística.

Grandes teóricos defendem que a Cultura é tudo aquilo que caracteriza um Povo e o mantém “vivo”.

O principal papel da Cultura é o de fomentar e motivar o cidadão a ter uma participação ativa e democrática, na dinâmica sociocultural e artística da Sociedade.

Salienta-se, desta forma, que a dimensão cultural é basilar na vida de cada Ser Humano, tornando-se imperativo promover um desenvolvimento integrado de cada indivíduo, através da Arte e da Cultura, condição indispensável para o exercício pleno da cidadania.

Sobre esta temática destaca-se o autor Ander-Egg (1999:16), na medida em que ponderou ser “necessário elaborar uma Cultura que já não está feita só de respostas provenientes do passado, senão de interrogações que levantam a invenção do futuro, uma Cultura que não é um ornato de uns poucos, senão a possibilidade do desenvolvimento humano de todos”.

É neste âmbito que as Instituições Culturais e Educativas têm uma função preponderante na aproximação do cidadão comum à dinâmica cultural.

Para tal, será imprescindível a disponibilização de um maior número de mecanismos facilitadores do desenvolvimento criativo e artístico. Aqui destaca-se a atuação da Escola que enquanto Instituição transmissora de valores culturais, deverá ser objetiva, profunda e envolvente, de forma a motivar os jovens, proporcionando-lhes uma plena participação social e superação de carências em termos culturais.

Concordando com esta ideia, vários teóricos defendem que a Instituição Escolar é responsável pela transmissão, reprodução e legitimação dos valores da ideologia dominante.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

É sabido que ensinar, é mais do que promover um simples conjunto de conhecimentos, é privilegiar situações de aprendizagem que possibilitem ao aluno criar a sua bagagem cognitiva, social e cultural.

Neste sentido, a Educação é entendida como “um bem comum, adquirido ao longo da vida dos cidadãos em diferentes níveis e formas, dependendo do nível sociocultural do indivíduo” (Gohn 1999:5).

E assim, é legítimo afirmar que é impossível pensar a Educação, sem simultaneamente pensar na Cultura, e na relação entre ambas.

A Educação, enquanto “processo dialógico, formativo e transformativo supõe, necessariamente, um contato, uma transmissão e uma aquisição de conhecimentos, mas também um desenvolvimento de competências, hábitos e valores” (Leite, 1997:70).

Aquilo que Forquin (1989:45) designa por “conteúdo da Educação”. Nestes termos, a Educação não pressupõe apenas a transmissão do saber, mas implica também, a conceção de novos conhecimentos, representações sociais e difusão cultural.

Na literatura atual, é possível estabelecer uma concordância entre os inúmeros autores existentes, quando consideram possível pensar a Educação segundo três formatos: Educação formal, Educação *não-formal* e Educação informal.

É unânime nos teóricos contemporâneos conceber que a Educação *formal*, é aquela que é garantida pelo Estado aos seus cidadãos e, traduz-se como sendo um ensino institucionalizado, cronologicamente, gradual e hierarquicamente estruturado.

Já a Educação *informal* é aquela que decorre das aprendizagens diárias, do que se vive no dia-a-dia, do convívio com os amigos, ou das participações em grupos de teatro ou música. Este estilo de Educação não pode ser padronizado, na medida em que depende dos fatores inerentes à vida de cada cidadão e das suas experiências pessoais.

E por fim, a Educação *não-formal*, considerada uma mescla das anteriores, uma vez que contempla organização e sistematização, mas decorre em ambientes externos aos da Instituição escolar, como por exemplo os Museus.

Centrando-nos primeiramente na Educação *formal*, podemos afirmar que esta se caracteriza por “oferecer um ensino estruturado, com metodologias e currículos definidos, apresentando uma avaliação que legitima o processo de aprendizagem” (Sepúlveda-Köptcke, 2001:17).

Falar de Educação *formal* pressupõe realçar a importância do Currículo Escolar, enquanto instrumento institucionalizado transmissor da Educação e da Cultura.

Sobre esta matéria, Moreira & Silva (1997:45) entendem que “o Currículo é um terreno de produção e de Política Cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação e recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão”. Ou seja, o Currículo Escolar possui uma ação direta e indireta no desenvolvimento do aluno, uma vez

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

que a ideologia, a Cultura e o poder nele intrínseco, são determinantes para o resultado educacional pretendido. Desta forma, é lícito destacar o Currículo como elemento central no processo pedagógico, conferindo-lhe uma maior credibilidade.

Partindo desta imagem, Sacristán (1999:67), afirma que “o Currículo é a ligação entre a Cultura e a Sociedade exterior à Escola e à Educação; entre o conhecimento e Cultura herdados e a aprendizagem dos alunos; entre a teoria (ideias, suposições e aspirações) e a prática possível”.

Nesta perspetiva, o Currículo Escolar é percecionado enquanto um mecanismo de afinidade entre um legado histórico e cultural já existente e, uma Sociedade de novos conhecimentos, que serão transmitidos de forma dinâmica e flexível a uma nova geração.

No entanto, o Currículo escolar foi alvo de fortes críticas de autores como Bourdieu & Passeron (1979:100), que encaram a “Escola como um agente reprodutor das desigualdades sociais e culturais”.

Neste sentido, o Currículo deveria privilegiar um ensino culturalmente mais igualitário e acessível a todos, focando-se numa vertente mais prática e realista do conhecimento.

Perante este cenário, podemos afirmar que atualmente, os princípios do Direito à Diferença e da Igualdade de Oportunidades exigem, a par de uma atenção à prática pedagógica, uma atenção aos processos de produção e valorização cultural.

Desta forma os discursos institucionalizados que defendem a Educação para todos, e o respeito pela diversidade cultural, têm estado cada vez mais em vigor na Instituição Escolar. Se por um lado, promovem um Ensino que contempla as aprendizagens formais exigidas e reconhecidas pela Sociedade atual; por outro lado, não descumram os saberes de cariz cultural e artístico, também eles distinguidos nos dias de hoje.

Assim sendo, o Currículo Escolar ao conciliar Cultura com Educação, estará a privilegiar o desenvolvimento pessoal e a integração social dos jovens.

Neste seguimento, será fundamental que a Política Educativa seja concebida de modo a não se tornar um fator suplementar de exclusão social e, para isso, tem de ser diversificada e deve valorizar o envolvimento dos alunos na vida da escola, de modo a identificá-los com o espaço escolar e não afastá-los ou excluí-los da aprendizagem.

Para tal, será capital a criação de espaços alternativos, como ateliers, oficinas de trabalho ou workshops, onde os jovens possam desenvolver as suas capacidades artísticas e criativas, promovendo-se desta forma, a sua autonomia e emancipação.

Nesta ótica, alguns teóricos defendem que “a Escola perdeu o seu estatuto de veículo único ou sequer privilegiado de transmissão de conhecimentos”. Todos os indivíduos trazem consigo uma bagagem



## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

cultural que não foi apreendida na Escola, mas em contextos informais, como a família ou grupos de amigos (Pombo *et al* 1993:6).

Tais aprendizagens não deverão ser desvalorizadas pela Política Educativa, mas sim integradas no Currículo Escolar como forma de intensificar o saber previamente existente.

Indo ao encontro do que está a ser exposto, autores como Faria (2003:15) defendem que a Política Educativa deveria ser “mais abrangente e integrada”, devendo contemplar as representações culturais e os saberes provenientes dos contextos informais.

Desta forma, a Ação Escolar deveria envolver a Comunidade Local, como forma de democratizar o acesso à Cultura, contribuindo, desta forma, para um espírito crítico e construtivo de todos os cidadãos.

Partilhando a mesma opinião, Cavaco (2002:23) enfatiza que “devido ao ritmo e dinâmica dos processos sociais, a formação dos indivíduos tem de se assumir como processos de construção, cuja prossecução ultrapassa, necessariamente, os limites dos sistemas formais de ensino”.

Outro estudioso desta área, Ribeiro (1998:4), especula o tema considerando que “o sistema de ensino português é minguo e às vezes até contra a Cultura artística e aí reside uma parte da perda de experiência e de fruição artística dos cidadãos”.

O mesmo autor defende que “estas novas formas, que as práticas culturais e artísticas têm vindo a integrar e a expor, surgem fora da Escola e, no imediato, o ensino escolar tradicional, não possui utensílios capazes para as abordar” (Ribeiro, 1998:5).

Sendo esta uma realidade patente a nível europeu, surgiram uma série de Recomendações provenientes da União Europeia, com o objetivo de incrementar a valorização da Educação *não-formal* no Sistema tradicional de ensino.

No ano 2000, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa adotava uma recomendação sobre “Educação *não-formal*”. Este documento pretendia “incitar todos aqueles que dão forma às Políticas Educativas a tomar conhecimento da educação *não-formal*, como parte essencial do processo educativo (...) reconhecendo a Educação *não-formal* como um parceiro de facto, no processo de aprendizagem ao longo da vida” (Conselho da Europa, 2000).

Em 2003, o Comité de Ministros do Conselho da Europa recomenda aos Estados pertencentes à Convenção Cultural Europeia que “reafirmar a educação/aprendizagem *não-formal* constitui hoje em dia uma dimensão fundamental do processo de aprendizagem ao longo da vida e, por isso, trabalhar para o desenvolvimento de padrões de reconhecimento efetivo da educação/aprendizagem *não-formal* como parte essencial da educação em geral e da formação vocacional em particular”.

Por fim, em 2004, a Comissão Europeia reconhece que “aprendizagem *não-formal* e *informal* tem por finalidade tornar visível e

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

valorizar todo o leque de conhecimento e competências detidos por uma pessoa, independentemente do local ou da forma como foram adquiridos”.

No entanto, também em Portugal se têm desenvolvido inúmeras práticas educativas, associadas á Educação *não formal*, tais como: seminários de formação, workshops temáticos, oficinas de trabalho, visitas de estudo, demonstrando-se uma preocupação em valorizar todos os contextos onde a Educação acontece, como forma de enriquecimento cultural e social dos jovens.

Desta feita, vários são os autores que alegam que a Cultura não se transmite apenas nas entidades formais de ensino, através de metodologias e práticas institucionalizadas. Há também que ter em conta que a Cultura se traduz num aprendizado diário, em diferentes contextos sociais e culturais.

Partilhando esta opinião, Pinto (2005:2) considera que “Educação *não-formal* é vista como complementar – e não contraditória ou alternativa – ao sistema de Educação *formal* e deve, pois, ser desenvolvida em articulação permanente quer com a Educação formal, quer com a Educação *informal*”.

O mesmo autor entende que “hoje em dia, é no entanto difícil encontrar modelos puros de Educação formal e de Educação não-formal. Os âmbitos, os conteúdos, as metodologias e os princípios pedagógicos que as caracterizam são (felizmente) cada vez mais partilhados de forma sinérgica e complementar” (Pinto,2005:3).

Outro estudioso, Serramona (1998:45), concorda com esta opinião, sublinhando que a “Educação *não-formal* tem hoje o necessário papel de complementar a Educação *formal* escolar, a qual, logicamente, não pode atender a todas as dimensões da complexa Educação atual”.

O fundamental é que todos os processos de aprendizagem, privilegiem a promoção da Cultura na Sociedade, contribuindo desta forma para que os jovens tenham ao seu dispor os recursos suficientes para construir um futuro promissor, usufruindo plenamente destes Direitos da Cidadania Democrática.

Prosseguindo na temática da Educação *não-formal*, salientamos que esta traduz-se num processo de aprendizagem social, baseado na motivação inerente ao jovem, sendo voluntário e não hierárquico.

Este processo de aprendizagem é bastante diferenciado, no que concerne ao tempo e ao local onde decorre, número e tipo de participantes, equipa de formação, dimensões de aprendizagem e aplicação dos seus resultados. Apesar de não se orientar por um Currículo, tal como a Educação *formal*, consiste num “processo de aprendizagem estruturado, baseado em objetivos educativos, com formatos de avaliação efetivos e atividades preparadas e implementadas por educadores especializados” (Pinto, 2005:5).

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

É nestes parâmetros que se distingue de uma forma mais arrojada da Educação *Informal*. Esta traduz-se num processo educativo que acontece sem qualquer intencionalidade.

A Educação *não formal* contempla ainda, métodos de aprendizagem participativos, baseados na responsabilidade, autonomia e na vivência de cada formando. Desta forma, não só vai ao encontro das necessidades e aspirações de cada um, como também potencia o desenvolvimento das competências pessoais, artísticas e culturais.

Parece, no entanto consensual evocar que a Educação *não-formal* surgiu como resposta educativa, no sentido de superar os problemas não resolvidos do Sistema formal de ensino.

Defendendo esta conceção, Vasquez (1998:14) salienta que “a Educação *não-formal* é portanto incontornável não apenas enquanto setor a valorizar, por si só, mas também, e sobretudo, enquanto parte integrante de um todo educativo, sem a qual seria impossível implementar coerentemente uma estratégia de aprendizagem”.

Segundo Morand-Aymon (2007:10) podemos falar de Educação *não-formal* sempre que se organiza uma “atividade social (produtiva, cultura, desportiva, associativa,), tendo em conta uma intenção educativa facilitadora de aprendizagem de conhecimentos e competências identificáveis”.

Ou seja, seguindo esta perspetiva “a Educação *não-formal* proporciona a aprendizagem de conteúdos previstos pelo ensino formal em novos espaços fora das escolas, nos quais as atividades podem ser desenvolvidas de forma direcionada e com objetivos definidos. (Gohn, 1999:56).

Neste contexto, Padilla (2001:32) afirma que “os Museus e os centros de ciências podem promover a compreensão pública da ciência através de experiências educativas informais e *não-formais*”.

Segundo Chagas (1993:54), “os Museus têm despertado, nas últimas quatro décadas, interesse crescente, não só por parte de Instituições ligadas à Educação, quer governamentais quer privadas, como também por parte do Público em geral”. Este interesse tem conduzido à criação de novos Museus e à formulação de abordagens museológicas inovadoras.

Constatou-se que, nos dias de hoje, os Museus sofreram profundas transformações quando “abriram as portas” a iniciativas escolares, passando a atribuir uma maior ênfase á problemática do ensino e do conhecimento da arte e da Cultura (Chagas,1993:56). Estes passaram a desenvolver ações educativas, através do empréstimo de algum espólio aos Museus Escolares, visitas guiadas e conferências.

Segundo Koptche (2003:4), as “ações dos Museus nos espaços físicos, não só têm como objetivo pesquisar, difundir, expor e colecionar, mas também educar”. Ou seja, além de desempenharem “funções tradicionais de aquisição e preservação de coleções, estes Museus regionais procuram fazer uso dos aspetos tangíveis e intangíveis da

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

herança cultural que ajudam a compreender, explicar e vivenciar as circunstâncias sociais, económicas e históricas que moldaram as diversas comunidades” (Nabais, 1985:212). Fazem parte deste grupo, a título de exemplo, o Ecomuseu do Seixal, o Museu Municipal de Alcochete, o Museu Rural e do Vinho do Concelho do Cartaxo, o Museu de Mértola e o Museu Etnológico de Monte Redondo.

Indo ao encontro desta perspetiva, a *American Association of Museums* considera que “um Museu é uma instituição sem fins lucrativos, organizada e com o objetivo essencialmente educacional ou artístico” (Falk *et al*, 1986:766).

Ainda sobre esta temática, outro autor acrescenta que “ao refletirmos sobre a aprendizagem em Museus, espaços não-formais de ensino, e sua relação com as Escolas, percebemos que esses locais permitem a assimilação de informações de uma forma agradável. Pode-se dizer que os Museus oferecem, ao mesmo tempo, entretenimento e educação” (Marandino, 2002:188).

Neste seguimento outro teórico destaca no Museu duas funções fundamentais: “estimular a curiosidade do visitante e em despertar-lhe o gosto pela investigação pessoal” (Proctor, 1973:27).

Esta aceitação do Museu, por parte das camadas mais jovens, deve-se em grande parte ao modo como as exposições são organizadas, de forma simultaneamente rigorosa e apelativa, criando um ambiente agradável no qual o jovem é convidado a experimentar os objetos expostos.

Ao contrário da museografia tradicional em que era “proibido tocar”, nos “presentes Museus dedicados à divulgação da ciência e da tecnologia é estimulada a participação e a interatividade” (UNESCO, 1986).

Falk & Dierking (1992:23) defendem ainda que “a visita escolar a Museus torna-se educativa quando a experiência ali vivida é relacionada com outros eventos anteriores ou posteriores à visita”.

Segundo estes teóricos, “após uma visita a um Museu, o que ficou retido na mente, irá sofrer uma transformação, constituindo numa alternativa à aprendizagem formal” (Falk & Dierking (1992:26).

Na mesma linha de pensamento Gardner (1991:33) defende a possibilidade de os “alunos aprenderem nos Museus”. Este autor considera que o “ambiente museológico é extremamente rico e diversificado, possibilitando aprendizagens muito significativas para os jovens, quando comparado com o ambiente escolar, caracterizado por ser limitativo e artificial” (Gardner, 1991:35).

Mais uma vez é defendida a tese de que os “Museus complementam as funções das escolas com aspetos mais diretamente relacionados com a vida do dia-a-dia dos alunos e com o mundo profissional a que eles irão ascender no futuro” (Chagas, 1993:57).

A colaboração entre os Museus e as Escolas proporciona também o enriquecimento das experiências dos alunos, e o aumento do seu gosto

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

pela ciência e arte, o que, certamente, terá repercussões na sua preparação científica e cultural.

Ao abrir as portas às Escolas, os Museus dão entrada a uma fração significativa da sua audiência.

“As reações dos alunos, professores e familiares, face às diferentes exposições, constituem informação essencial para a melhoria do próprio Museu e servem-lhe de estímulo para desenvolver novas exposições e propor formas inovadoras de divulgar ciência” (Chagas, 1993:60).

Ainda sobre a analogia existente entre a Escola e o Museu, Szpakowski (1973:18) concebe um conjunto de medida que pretendem operacionalizar esta afinidade.

Desta forma, segundo o autor um Museu deverá cumprir os seguintes requisitos: “ (1) demonstrar um conhecimento profundo dos programas, disciplinas e matérias ensinadas nas Escolas dos diferentes níveis de ensino e de formação profissional; (2) elaborar um programa educativo tendo em conta as qualidades e limitações dos programas escolares e das coleções pertencentes ao museu; (3) estabelecer com as Escolas a forma como a colaboração se deve desenvolver; (4) aliciar a colaboração de jovens no quadro de um plano de educação permanente e extraescolar; (5) estabelecer acordos com as Escolas com o objetivo de promover investigação em ambos os locais” (Szpakowski, 1973:18).

Já Marcousi (1973:150) assume uma posição inédita ao defender que seja dada “oportunidade aos alunos para desenvolverem trabalho museológico através da organização de exposições e criação de materiais”.

Por outro lado, Proctor (1973:27) analisa o papel do professor e argumenta que “este deve desenvolver competências particulares na exploração dos recursos do museu no sentido de melhorar a preparação científica dos alunos”,

Em termos de conclusão, todos os autores referenciados destacam a importância dos Museus, enquanto espaços privilegiados para a promoção do Saber e da Cultura.

Desta forma, será importante salientar que “a capacidade de aprender através da experiência reveste-se de uma importância capital numa sociedade que coloca a ênfase na educação permanente dos seus membros e que espera que continuem a aprender ao longo de toda a vida” (Cavaco, 2002:23).

### **3.2. A Cultura e a Comunidade – Projetos singulares**

Longe vão os tempos em que os Museus eram encarados apenas como espaços dedicados à contemplação de obras de arte, onde o silêncio, o formalismo e o respeito eram exigidos como condição de acesso a estes locais.

Atualmente, os Museus refletem uma atitude mais humanista, que privilegia a procura de conhecimento e uma maior proximidade com o espólio artístico, explanando uma maior abertura ao exterior, flexibilidade e dinamismo para com o Público.

O Museu da atualidade é um autêntico local de lazer.

Primo (2000:3) justifica esta realidade, afirmando que “o alargamento da noção de Património, e a conseqüente redefinição de "objeto museológico, a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas, a museologia como fator de desenvolvimento, as questões de interdisciplinaridade, a utilização das "novas tecnologias" de informação e a museografia como meio autónomo de comunicação, são exemplos das questões decorrentes das práticas museológicas contemporâneas”.

Fica desta forma patente a ideia de que o Museu do século XXI deve estar “ao serviço da Comunidade e do seu desenvolvimento” (ICOM, 2004).

Segundo Faro (1999:34) “o Museu deve ser de proximidade, um lugar de pessoas e de conhecimentos, de envolvimento e de participação do cidadão, um mediador cultural, um espaço de contacto e mesmo de contaminação, partilhando universos vários de experiências humanas”.

Sendo uma Instituição multifacetada poderá desenvolver Projetos em diferentes áreas e aos mais variáveis níveis intelectuais. Deixa-se cair por terra a ideia de que o Museu é apenas acessível a um Público intelectualmente mais exigente, em prol da conceção de que o Museu se tornou num elemento familiar para toda a Comunidade.

O Museu da atualidade adquiriu uma função social, na medida em que sentiu a necessidade de se adaptar às contantes exigências e mutações de um Mundo em pleno movimento.

Autores como Santos (1996:45) partilham este pensamento, considerando que “os Museus devem deixar de ser passivos colecionadores para se tornarem participantes ativos nas transformações da Sociedade”.

É neste âmbito que o Museu se assume como um sistema aberto e interativo, onde toda a Comunidade é envolvida num diálogo dinâmico, juntamente com os profissionais do Museu e os seus visitantes.

Segundo Salvado (1976:3) “trata-se de transformar o Museu em Museu: casa viva de Cultura e atualmente, alheia aos elitismos e colhendo das origens do seu nome a dignidade de uma nobre missão”.

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

Tendo em conta esta nova perspetiva museológica, Fernandez (1999:34) considera que “um sistema aberto e interativo supõe a utilização de um novo modelo de trabalho museístico. Não se trata já de um processo onde as operações de recolha, preservação e difusão são efetuadas no Museu, constituindo um Mundo à parte isolado da sociedade”.

Assim sendo, os Museus deverão ir mais além no desempenho das suas funções, implicando a Comunidade envolvente.

Neste seguimento, o mesmo autor realça o Museu como sendo “um meio de comunicação de ideias, valores e identidades, mas também deveria ser uma instituição ao serviço comunitário” (Fernandez, 1999:45), perdendo-se a ideia de que o Museu seria apenas um armazém de obras de arte.

Pensar no Museu nos dias de hoje, é refletir sobre um espaço completamente integrado na Comunidade. Um espaço que não se pode cingir apenas às suas barreiras arquitetónicas, este deve invadir a Comunidade com as suas atividades, e tornar-se numa alternativa para o desenvolvimento local. No fundo pretende-se criar uma relação de pertença e de afinidade entre o Museu e a Comunidade onde este se encontra inserido.

Neste sentido, Primo (2000:23), defende uma nova perspetiva museológica assente na “participação comunitária, na dinâmica do Património e da memória e na inserção do Museu no seio das diferentes comunidades como fator de desenvolvimento”.

Esta tendência é também valorizada por Mendes (1999:218) que defende que “este novo Museu, ou o Museu Social, deverá apelar às memórias, vivências e experiências das populações assumindo-se como um Museu de proximidade, podendo partilhar essas experiências e vivências, ao passo que o Museu tradicional apenas partilha um produto, que existe para unicamente conservar objetos e atrair turistas”.

As atividades proporcionadas por esta nova visão museológica, envolvem de uma forma muito intensa os seus profissionais, que exercem um papel relevante “como atores de desenvolvimento local e militantes da ação comunitária” (Varine, 1996:2).

Pelo que estar a ser debatido, pode-se constatar que os Museus da atualidade possuem outras preocupações que os Museus de outrora não detinham.

Os Museus contemporâneos deverão centrar a sua ação em Princípios como o da liberdade, descentralidade e pluralidade. A Comunidade deverá deter uma ação central na ação museal, devendo assumir-se como um local privilegiado para a produção e comunicação dos conhecimentos, constituindo-se “um agente de desenvolvimento através de um trabalho criador e de sentido libertador feito pela população (em que se integra a equipa museal), para a população” (Cordovil, 1993:13).

Deste modo, Primo (2000:23) identifica “os Museus locais, como os Museus que consideram a sua intervenção patrimonial como o meio

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

indicado para atingir os objetivos que levam ao desenvolvimento dos contextos territoriais em que estão inseridos. Assumem formas e meios bastantes diversos, representando assim vários graus de conceitualização”.

Desta forma, a intervenção do Museu local não se reduz apenas no trabalho com as coleções, assumindo a sua ação em outros domínios, atuando na valorização dos recursos locais, valorização patrimonial, valorização de aspetos culturais, apoio ao ensino, fomento do emprego e formação profissional.

Varine (1996:4) destacou três formas peculiares de funcionamento dos Museus, tendo em conta as novas conceções museológicas, que têm sido debatidas. Assim enfatiza o “Museu- Espetáculo”, “Museu-Coleção” e “Museu-Comunitário”.

De acordo com este autor, o Museu-Espetáculo será um “espaço cada vez mais dispendioso, mais visitado e procurado, vocacionado para os turistas e grupos escolares e para a sociedade de consumo” (Varine, 1996:7). Estes espaços caracterizam-se por recorrerem, em grande escala, às novas tecnologias como forma de impressionar os visitantes.

O Museu-Coleção caracteriza-se por ser um espaço dirigido a um Público muito específico. Segundo Varine (1996:8), estes Museus atraem os designados “Públicos inteligentes”. São geralmente espaços onde a coleção do espólio artístico e cultural assume particular relevância, existindo uma exclusividade e pormenorização temática.

Por fim, o Museu-Comunitário é aquele que mais se aproxima do modelo de Museu Social que foi abordado anteriormente. Segundo o autor, estes são “Museus de vocação global ou integral” (Varine, 1996:9). Este modelo pretende aproximar o Museu da Comunidade local como forma de suprir as suas necessidades, e satisfazer as suas expectativas.

No seguimento deste tema, Mendes (1999:220), apoia a tese de Varine (1996:9), referindo que segundo os actuais parâmetros da nova museologia, é possível agrupar os Museus em três categorias.

Sendo assim, destacamos em primeiro lugar o Museu Industrial. Este é um espaço dotado de grandes tecnologias, tendo como principal intuito impressionar o visitante, através de grandes exposições ou acontecimentos culturais.

Já os Museus Intermédios, destacam-se por serem espaços com uma forte consciência museológica. Estes são regra geral, os Museus Municipais, que nos dão a conhecer obras com valor património e histórico.

Por fim, os Museus os Museus Sociais são aqueles que mais se aproximam da nova conceção museológica. São locais direcionados exclusivamente para a população local, com vista a incrementar as suas potencialidades.

Pelo exposto, pode-se concluir que os Museus dos dias de hoje são locais dinâmicos e flexíveis, que primam pela divulgação da Arte e da Cultura.



## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

No entanto, a par dessas realizações, também focam a sua ação noutras atividades paralelas, tais como: seminários e congressos, exposição temáticas temporárias, debates públicos, ações de sensibilização, No fundo, são Instituições que privilegiam um pleno acesso à Cultura e ao conhecimento das artes, fundamentando a sua ação na liberdade e pluralidade, tendo um especial apreço com o seu Público, sendo este encarado como alvo principal da sua atuação.

Prosseguindo com esta ideia, Sandell (2003:64) defende que o Museu deve desenvolver “uma atitude de proximidade e de disponibilidade, atento às necessidades das comunidades, sabendo ouvir, fomentando parcerias, comunicando e comunicando-se”.

Desta forma, surgem inúmeras tipologias de Museus, próximos da população, que permitem uma real aproximação e conhecimento dos bens culturais à Comunidade local.

Falamos dos Ecomuseus, Museus ao ar livre, Exomuseus e Economuseus, enquanto espaços que realçam o acesso à Cultura de toda a população.

Desta feita, é possível fundamentar uma forte ligação entre o Museu e o desenvolvimento local.

Esta função foi estabelecida com a Declaração de Santiago do Chile, onde o Museu passou a ser encarado “como um instrumento de desenvolvimento local, pela utilização do recurso endógeno “Património”, tendo como função a recuperação do Património Cultural de comunidade, desempenhado um papel social” (Declaração de Santiago do Chile, 1972).

E neste sentido, alguns autores afirmam que “hoje, não existe, por assim dizer, nenhuma localidade, cidade ou aldeola que não queira possuir um Museu, o que não está necessariamente ligado apenas ao desejo, aliás bem patente, de uma população em busca da sua história e da sua identidade regional” (Mendes, 1999:226).

O Museu é assim encarado como um elemento dinâmico na Sociedade atual, reforçando o sentimento de pertença do indivíduo a uma Comunidade, quando contribui para a preservação de um Património estimado por todos.

O Museu da atualidade além de ser um forte repositório de relíquias e de Cultura, surge também como um fator de grande relevo a considerar nas Políticas de Desenvolvimento Local.

Neste cenário, as estratégias de Desenvolvimento Sustentado, irão contemplar os espaços museológicos como intervenientes patrimoniais que atuam em benefício do desenvolvimento dos contextos territoriais onde se encontram inseridos.

Desta forma, Primo (2000:23) enfatiza que “o Museu Local, enquanto promotor de desenvolvimento, não pode atuar de forma descontextualizada dos problemas locais da sua área de influência e das pessoas que formam a comunidade local, ou seja, o Museu não pode desvincular-se dos

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

problemas da contemporaneidade como consequência de poder vir a atuar em isolamento”.

O mesmo teórico considera que o “grande desafio que se coloca no panorama dos Museus é a sua capacidade de funcionar, por um lado, como instrumento de desenvolvimento pessoal e, por outro, como instrumento de desenvolvimento local” (Primo, 2000:25).

Para que tal situação ocorra é necessário que a intervenção do Museu contemple os seguintes aspectos: a discussão e busca de solução dos problemas dos indivíduos enquanto pessoas e enquanto seres que fazem parte de uma coletividade; a interpretação e intervenção comunitária; a importância que assumem os processos de intervenção.

Outro teórico, Moreira (1999:41), reafirma a estreita relação existente entre o Museu e o Desenvolvimento Local, justificando que o nascimento de um Museu pode ocorrer por duas razões: “para recolher e conservar as manifestações de um passado considerado importante enquanto referência do presente e guia do futuro e para promover o desenvolvimento pessoal e o desenvolvimento local”.

No primeiro caso estamos perante um Museu com funções de conservação do espólio existente, ao passo que no segundo caso estamos na presença de um Museu entendido como Museu Local.

Centremos a nossa abordagem apenas no Museu Local, uma vez entendido como um instrumento de desenvolvimento local poderá atuar em dois domínios: “um domínio interno que visa diretamente a promoção do bem-estar, material e imaterial, da população da sua área de influência; um domínio externo que visa indiretamente a promoção desse bem-estar” (Moreira, 1999:43).

Segundo o mesmo autor, “um Museu que valorize a vertente externa pode pôr em prática as seguintes ações:

- Promover a atratividade local, sendo o Museu o centro da atração turística;
- Promover a divulgação das características patrimoniais do local;
- Promover a produção local, como forma de incrementar o Comércio tradicional local;
- Promover os valores locais, induzindo o Turismo responsável e sustentável;
- Promover outras iniciativas que valorizem a região e, contribuam para um crescimento e desenvolvimento que sejam sinónimos de qualidade de vida” (Moreira, 1999:44).

Por outro lado, “o Museu que tenha como objetivo uma dimensão interna, irá desenvolver os seguintes parâmetros:

- Promover a identidade local, através da realização de estudos de pesquisa ou de exposições temáticas em torno de elementos identitários locais;

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

- Promover a identificação dos habitantes locais com o próprio território, como forma de transformar o espaço envolvente, num espaço vivo e protegido;
- Promoção de laços interpessoais, possibilitando a criação de uma autêntica Comunidade local;
- Promover a integração de grupos minoritários ou marginalizados
- Promover ações indutoras de sentimentos como a autoconfiança e autonomia, como forma de estabelecer um ambiente dinâmico em termos individuais e coletivos;
- Promover ações de formação que sejam pertinentes para o desenvolvimento pessoal da população” (Moreira, 1999:44).

Por fim, Moreira (1999:45), considera que “para além das diferenças que cada um desses planos, ou opções museológicas, possam assumir na prática museológica, é necessário que estes possam ser assumidos pelos Museus locais na sua plenitude e sem complexos, para melhor definir a formatação dessa instituição, assim como a sua prática museológica de acordo com as características próprias de uma instituição que se define como vetor de desenvolvimento local” .

Um Museu local assim definido, mais facilmente poderá trabalhar nos “processos de desenvolvimento locais, desde que sejam capazes de assumir a força criadora da população, agindo como o somatório das iniciativas coletivas” (Primo, 2000:23).

É sobre este domínio da Intervenção Sociocultural, que iremos abordar a temática da Educação Social enquanto “ação social revestida de caráter pedagógico, ou como um trabalho educativo no contexto da ação social” (Petrus, 1997:26).

O Educador Social surge assim, enquanto profissional dinamizador de ações e projetos, que visam não só a integração social dos indivíduos, como também o seu desenvolvimento pessoal e comunitário.

Segundo Cardoso (2006:7), o Educador Social “trabalhando isolado ou em rede, caracteriza-se pela enorme capacidade de perceber a realidade, refletir, adaptar-se às dificuldades e encontrar saídas possíveis para os múltiplos problemas de âmbito social e cultural”.

Ou seja, estes profissionais com “arte, criatividade, oportunidade, entusiasmo, responsabilidade e dinamismo são capazes de, sabendo interpretar a realidade social, proporcionar caminhos de realização, integração e desenvolvimento pessoal” (Cardoso, 2006:8).

A nova conceção museológica, referida anteriormente, foca-se no desempenho do Educador Social, enquanto técnico responsável pela elaboração de Projetos Socioculturais, que ambicionam incluir todos os cidadãos, como forma de elevar a sua autoestima e implicação na Sociedade.

Neste seguimento, podemos afirmar que o objetivo destes profissionais “é conseguir a promoção e participação social ativa das pessoas, dos

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

grupos e das comunidades com quem trabalha, para que compreendam os seus direitos e assumam as suas responsabilidades” (Cardoso, 2006:9).

Segundo outro teórico, o Educador Social surge como “profissional inspirado pelos valores humanos, versátil, polivalente, preparado para dar resposta a necessidades sociais, situadas ao nível da relação da pessoa consigo própria e com os outros, com os lugares, com as famílias” (Baptista, 2001:65).

Ora, sem “soluções milagrosas”, mas com uma grande sensibilidade e saber pedagógico em contextos de Educação não formal, o Educador Social tem “competências para ajudar a formar pessoas capazes de evoluir, de se adaptarem a um mundo em rápida transformação e de dominar a mudança” (Delors, 1996:58).

O “traço” marcante do Educador Social é, sem dúvida, a capacidade para saber encontrar e ajudar a percorrer caminhos que vão no sentido do bem-estar da pessoa e da sociedade.

O que o distingue de outros profissionais é a “formação polivalente que lhe permite apropriar-se de situações de carência, saber intervir educativamente e encaminhar para outros profissionais os casos que necessitam de intervenção especializada”. (Cardoso, 2006:10).

Gonh (2009:40) considera que “uma das formas mais hábeis, que o Educador Social detém, para comunicar com a Comunidade é o diálogo”.

No entanto não deixa de salientar que “a sensibilidade para apreender e captar a Cultura local é uma capacidade primordial, que tem de ser desenvolvida por este profissional” (Gonh,2009:40).

Ou seja, num Projeto de Intervenção Sociocultural, o Educador Social, não pode escolher aleatoriamente as temáticas que vão ser debatidas com o Público, estas terão de enquadradas no seu quotidiano diário.

Em termos sintéticos, este trabalho de socialização visa “promover a autonomia dos indivíduos com base numa determinada forma de incorporação na vida social” (Canastra, 2007:67).

Gonh (2009:42) defende ainda, que o Educador Social “ajuda a edificar, com o seu trabalho, espaços de cidadania no território onde atua”. Estes espaços representam, uma alternativa aos meios tradicionais de informação, podendo-se constituir um novo “tecido social”, onde prevaleça a dimensão cultural e artística.

“Construir novos cenários sociais é um dos grandes objetivos da atuação do Educador Social, enquanto técnico interventor no domínio social” (Gohn, 2009:43).

Entre o Técnico e a Comunidade deverá existir uma relação mútua de confiança, de forma a que esta se sinta responsabilizada, dinamizada e com autonomia para poder atuar na sua realidade.

Mediante o exposto sobre o papel desempenhado pelo Educador Social, Canastra (2007:70) considera que este se deve afirmar cada vez mais como “promotor de desenvolvimento e de autonomia, tendo em vista a emancipação individual da população”.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Outro autor realça o fato de o “papel do Educador Social se restringir, cada vez mais, a uma relação com o intuito de gerar um espaço de escuta e de aceitação incondicional, favorável é emergência de um sujeito enquanto ator do seu próprio desenvolvimento pessoal ou social” (Rogers, 1978:230).

Ou seja, o Educador Social tem como finalidade “facilitar a emergência de práticas de acompanhamento num contexto social onde cada indivíduo é chamado a “produzir-se a si próprio” e a “produzir os seus próprios laços sociais”” (Soutel, 2005:88).

Passa-se de um trabalho de “reeducação” para um trabalho de “emancipação”, que culmina com um trabalho de “acompanhamento”.

A ação do Educador Social foi entendida como “uma ação emancipadora, tendo em vista um maior acesso à Cultura, enquanto ferramenta de promoção e desenvolvimento das comunidades” (Soutel, 2005:100).

A ação do Educador Social tende a justificar-se, “não tanto como uma necessidade, mas também como um Direito Democrático das próprias Comunidades, que devem, não só ter acesso à Cultura, mas, sobretudo participarem proactivamente na sua vida social e cultural” (Caride, 2005:75).

Neste sentido, a prática deste Técnico deve ser uma “prática socializadora e emancipadora para se instituir como uma ferramenta de participação “sócio física”, numa ótica de reconhecimento da pluralidade cultural” (Caride, 2005:77).

O mesmo autor defende que a sua ação deve ser entendida como uma “ação socioeducativa que visa promover uma Cultura de participação democrática e de construção comunitária, ou por outras palavras, visa promover o desenvolvimento comunitário” (Caride, 2005:78). O Educador Social é considerado um Mediador.

O papel do Educador Social foi evoluindo ao longo dos tempos.

Numa primeira fase foi percecionado “como agente de socialização, ou de ressocialização; numa segunda fase configura-se, sobretudo como dinamizador ou animador da Cultura numa perspectiva crítica ou emancipadora; finalmente numa terceira fase, tende a assumir-se como um agente de “autodesenvolvimento social”” (Ruiz *et al*,2003:200).

Em termos de conclusão, podemos afirmar que a Educação Social tem se vindo a afirmar cada vez mais, como uma dinamização das potencialidades educativas da Cultura.

Segundo Molina (2003:100) esta conceção da Educação, “realça o papel das potencialidades educativas da Cultura como condição favorável a uma “construção comunitária” e uma “participação democrática””.

Para Caride (2005:80), Educar, neste sentido, é “promover condições favoráveis á assunção de uma literacia inclusiva e de uma Cultura de participação cívica”.

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

Rematamos o tema com uma citação de Freire (1996:230): “o trabalhador social não pode ser um homem neutro frente ao mundo, um homem neutro à desumanização, frente à permanência do que já não representa os caminhos do humano ou à mudança destes caminhos. O trabalhador social, como homem, tem que fazer sua opção. Ou adere à mudança que ocorre no sentido da verdadeira humanização do homem, de seu ser mais, ou fica a favor da permanência”.

## **Capítulo IV**

### **Metodologia**

#### **4.1. Enquadramento histórico do Santuário de Panóias**

A Investigação que foi levada a cabo no âmbito da temática a “Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”, só foi possível ser concretizada num espaço culturalmente enriquecido por um legado histórico de extremo valor, como o Santuário de Panóias, em Vila Real.

O *Santuário de Panóias*, durante muitos anos denominado por *Fragas de Panóias*, foi alvo de variados estudos desde o séc. XVIII até aos nossos dias, por parte de investigadores nacionais e estrangeiros.

É constituído por um recinto onde se encontram três (entre outras) grandes fragas onde foram talhadas várias cavidades, de diversos tamanhos, bem como escadas de acesso. Numa das rochas foram também gravadas inscrições. Uma das inscrições, embora existisse ainda no século passado, foi destruída, no entanto, além da sua leitura, sabemos onde estava localizada.

Existem hoje três inscrições em latim e uma em grego, e nelas estão as instruções dos rituais celebrados em Panóias, a identificação dos deuses e a do dedicante. Podem traduzir-se da seguinte maneira: “G.C. *Calpurnius Rufinus consagrou dentro do templo (templo entendido como recinto sagrado), uma aedes, um santuário, dedicado aos Deuses Severos*”; “*Aos Deuses e Deusas e também a todas as divindades dos Lapitae, Gaius C. Calpurnius Rufinus, membro da ordem senatorial, consagrou com este recinto sagrado para sempre uma cavidade, na qual se queimam as vítimas segundo o rito*”; “*Ao altíssimo Serápis, com o Destino e os Mistérios, G. C. Calpurnius Rufinus, claríssimo*”; “*Aos deuses, G. C. Calpurnius Rufinus, claríssimo, com este (templo) oferece também uma cavidade para se proceder à mistura*”.

Hoje em qualquer das três rochas verificam-se a existência de vestígios dos pequenos templos que eram parte integrante do recinto. Restam também as diferentes cavidades retangulares que serviam para queimar as vísceras, uma cavidade redonda-gastra, para assar a carne, e ainda uma outra onde se procedia à limpeza do sangue, gordura e azeite. Outras cavidades estavam relacionadas com os pequenos templos existentes, e destinar-se-iam a guardar os instrumentos sagrados usados nos rituais.

Temos, portanto em Panóias testemunhos de um rito de iniciação dos mistérios das divindades infernais. As prescrições identificam-se como partes de uma lei sagrada, mas aplicadas a um local concreto e preciso. A escolha deste local não foi, portanto feita ao acaso, mas sim fruto de critérios específicos e previamente estabelecidos.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

A construção deste recinto sagrado teria sido realizada neste local entre os finais do Séc. II e os inícios do Séc. III.

O grande intuito desta Investigação foi averiguar: “Qual o Público visitante do Santuário de Panóias, e qual a sua opinião sobre o Monumento?”

Para tornar este capítulo mais funcional, subdividiu-se em 5 secções que incluem a base metodológica, construção dos instrumentos de recolha de dados, recolha de dados, tratamento e análise dos dados e caracterização sociodemográfica.

### **4.2. Base metodológica**

A metodologia de qualquer estudo de investigação deve ser definida com base nas questões que se pretendem investigar, na medida em que são estas que determinam o quadro conceptual e a metodologia a seguir.

Desta forma, a investigação pode adquirir um “cariz quantitativo, qualitativo ou ainda a conjugação de ambos” (Guerreiro, 2003:34).

Segundo Rocha (1999:23) investigador que se coloca na “perspetiva quantitativa, valoriza mais os resultados que os processos, acredita na objetividade da avaliação” e coloca-se fora da subjetividade dos fenómenos culturais valorizando mais o carácter estável do que o dinâmico da realidade.

Por sua vez, um investigador que recorre à investigação qualitativa considera a Cultura sempre ligada a valores, problematiza a objetividade da avaliação, valoriza mais os processos do que os resultados e mais o carácter dinâmico e subjetivo da realidade.

Embora, o paradigma qualitativo esteja a ganhar terreno em relação ao quantitativo, um grande número de autores chama a atenção para as vantagens que se podem obter com “a combinação de métodos vindos dos dois paradigmas” (Fragoso, 2000:16).

É o caso deste estudo, cujos dados recolhidos são de natureza qualitativa e quantitativa, sendo os últimos utilizados num contexto meramente descritivo.

Para evitar enviesamentos, devido à subjetividade do investigador, aconselha-se que, neste tipo de investigação, “sejam utilizadas três técnicas de recolha de dados: inquéritos (por entrevista e/ou por questionário), observação e análise de documentos” (Merriam, 1988:120).

Atendendo ao âmbito da presente Investigação e aos seus objetivos, os instrumentos utilizados para a recolha de dados foram: inquérito por entrevista, inquérito por questionário, grelha de observação direta, não sendo utilizada a análise de documentos.



### **4.3. Construção dos instrumentos de recolha de dados**

Para a realização deste estudo foram construídos instrumentos de investigação que se adaptassem aos objetivos da investigação, já definidos anteriormente.

Esses instrumentos de investigação são:

- Inquéritos por questionário (aplicado a todos os visitantes do Santuário de Panóias);
- Inquéritos por entrevista (aplicado ao Responsável pelo Santuário de Panóias e ao Guia);
- Grelha de observação direta ao Santuário de Panóias (utilizada para observar no “terreno” aspetos de grande relevo).

#### **4.3.1. Inquérito por questionário**

“O questionário é tanto um ponto de chegada de uma reflexão como o ponto de partida para análises ulteriores” (Albarelo,1997:85) e, segundo Tuckman (2000:100), é “utilizado pelos investigadores, para transformar em dados a informação recolhida mediante interrogação de pessoas (ou sujeitos) e não observando-as ou recolhendo amostras do seu comportamento”.

Através deste processo, é possível medir o que uma pessoa sabe (informação ou conhecimento), o que gosta e não gosta (valores e preferências) e o que pensa (atitudes e crenças).

O mesmo autor considera ainda “esta informação pode ser transformada em números ou dados quantitativos, utilizando técnicas de escalas de atitudes e escalas de avaliação, contando o número de sujeitos que deram determinada resposta, dando assim origem a dados de frequência” (Tuckman,2000:102).

Sobre a construção de um questionário, Tuckman (2000:120), refere que os investigadores devem ser “cautelosos na sua construção”.

Relativamente a este assunto, Carmo & Ferreira (1998:54) enumeram um conjunto de procedimentos habituais em inquéritos por questionário, a ter em atenção, tais como: “o número de perguntas que deve ser adequado ao estudo a realizar; tanto quanto possível, essas perguntas devem ser fechadas de modo a objetivar as respostas e não permitir que sejam ambíguas; o número de respostas-tipo não deve ser excessivo, de modo a não dispersar os inquiridos; as instruções sobre o modo de responder a cada pergunta devem ser claras e precisas; as perguntas devem ser compreensíveis para os inquiridos; as respostas padrão não podem ser ambíguas ou terem leituras subjetivas; evitar indiscrições gratuitas; no final o investigador deverá verificar cuidadosamente, antes de aplicar o questionário, se este abrange todos os pontos da problemática a inquirir”.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

A construção do inquérito por questionários, não foi da responsabilidade do investigador, mas sim da Direção Geral de Cultura do Norte, que elaborou dois modelos a serem aplicados em momentos diferentes: um foi aplicado entre 1996 e 1999 e o seguinte entre 2006 e 2011.

Os dois exemplares utilizaram os seguintes tipos de questões:

- Questões, onde se “apresenta aos inquiridos, depois de se lhe ter colocada a questão, uma lista pré-estabelecidas de respostas possíveis de entre as quais deverão indicar a (s) que melhor corresponde (m) à resposta que quer dar” (Ghiglione & Matalon, 1993:120);
- Questões abertas, em que o “sujeito responde a uma questão com as suas próprias palavras” (Damas & De Ketele, 1985:24);
- Questões semifechadas (questões de cafeteria), “possibilitando aos inquiridos não só a produção de algumas propostas” (dada a impossibilidade de sermos exaustivos nos itens por nós propostos) como também a valorização das suas próprias opiniões (Damas & De Ketele, 1985:56);
- Questões de “produção numerada e escolha múltipla”, (Damas & De Ketele, 1985:67), a partir das quais foi possível caracterizar a amostra relativamente ao sexo, localidade de onde provinham e profissão.

Relativamente ao processo de amostragem, do qual depende a validade que permite a posterior generalização de resultados, não deve ser deixada ao acaso ao pretender-se uma amostra o mais representativa possível. Nesta Investigação, o universo da amostra contou com 711 indivíduos.

Desta forma, para evitar a distorção dos resultados, tivemos o cuidado de encorajar os visitantes a responder individualmente ao inquérito, após finalizarem a visita ao Santuário de Panóias.

Designamos por inquérito A, aquele que foi aplicado no período entre 1996 e 1999 e entre 2006 até 2009; o inquérito B ao que foi introduzido durante os anos de 2010 e 2011.

O inquérito A (Anexo 1) tinha como objetivos:

- Caracterização dos inquiridos, nomeadamente o sexo e a localidade de onde provinham;
- A perceção que os visitantes têm quanto aos aspetos positivos do Santuário de Panóias;
- A opinião dos inquiridos quanto aos aspetos possíveis de melhorar no Santuário de Panóias;
- Avaliação global da visita numa escala que variava entre “Muito fraco” e “Muito bom”.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

No inquérito B (Anexo 2), tinha como objetivos:

- Caracterização dos inquiridos, nomeadamente o sexo, a profissão e a localidade de onde eram provenientes;
- A perceção que os visitantes têm acerca do Santuário de Panóias, através de um conjunto de questões, onde estes tinham de avaliar numa escala de “Muito fraco” a “Muito Bom”: as acessibilidades, as instalações, o atendimento ao público, o material de apoio e a interpretação só sítio;
- Avaliação global da visita numa escala que variava entre “Muito fraco” e “Muito bom”.

Mediante a análise dos 711 inquéritos, que constituíram a amostra do estudo, foi possível categorizar diferentes dimensões relativas ao Santuário de Panóias, que foram o suporte da análise e da conclusão dos resultados finais da investigação.

<b>Categorias</b>	
<b>Subcategorias</b>	
<b>Acolhimento</b>	Receção ao visitante Profissionalismos e simpatia dos funcionários
<b>Visita Guiada</b>	
<b>Acessos ao Santuário</b>	Acessibilidades Estacionamento
<b>Sinalética</b>	
<b>Apresentação do espaço</b>	Limpeza Conservação Organização Vedação Infraestruturas de apoio Vestígios arqueológicos
<b>Divulgação</b>	
<b>Recursos Didáticos</b>	Apresentação multimédia Informação fornecida pelo Santuário de Panóias
<b>Melhorias sentidas</b>	
<b>Interesse para a cultura e Sociedade Portuguesa</b>	

*Tabela 2 - Categorização das dimensões analisadas no Inquérito por questionário*

### **4.3.2. Inquérito por entrevista**

“A entrevista é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas selecionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos da recolha de informações” (De Ketele & Rogiers, 1999:150).

Para investigar um leque de aspetos relevantes acerca do Santuário de Panóias, tais como o seu funcionamento, barreiras arquitetónicas que prejudicam a circulação durante a visita, contributo para a Cultura e Sociedade Portuguesa, foi aplicada a entrevista por permitir a obtenção de respostas diretas e informações mais completas.

Neste estudo, em particular, foi importante a entrevista porque “ajuda-nos a melhorar o nosso conhecimento do terreno e pode, ainda, fazer surgir questões insuspeitas que ajudarão o investigador alargar o seu horizonte e a colocar o problema da forma mais correta possível” (Quivy & Campenhoudt, 2003:45).

“Na relação com o entrevistado é importante que se apresentem os objetivos e a natureza da entrevista de uma forma breve” (Tuckman, 2000:200).

A atitude do investigador deve “centrar-se, fundamentalmente, na criação de uma atmosfera de empatia e no estimular do entrevistado para que proporcione respostas sinceras e claras em relação aos objetivos da investigação” (Gómez & Carrea, 1995:78).

“O planeamento da entrevista é uma situação que se impõe como em qualquer outra tarefa de investigação” (Carmo & Ferreira, 1998:234).

Para este estudo foram planeados os seguintes procedimentos: a definição de objetivos que se pretendem alcançar e a construção do guião com a operacionalização de categorias adequadas à investigação em curso (Anexo 3 e 4).

Conforme os casos, “a técnica da entrevista reveste-se de diferentes formas e pode ser de diferentes tipos: individual ou em grupo, livre, dirigida ou semidirigida” (De Ketele & Rogiers, 1999:234).

“A entrevista semidirigida ou semidirecta é a mais utilizada para este tipo de investigação dado que, não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas” (Quivy & Campenhoudt, 2003:67).

Segundo o referido autor, o “investigador dispõe de uma série de perguntas-guia, relativamente abertas para as quais pretende obter uma informação por parte do entrevistado” (Quivy & Campenhoudt, 2003:69).

Como o nosso objetivo foi compreender o funcionamento do Santuário de Panóias nas diferentes dimensões que foram anteriormente citadas, bem como considerar estratégias a programar como forma de promover o crescimento e o desenvolvimento deste Património Nacional,

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

resolvemos entrevistar o Responsável pela gestão do Monumento, bem como o único funcionário existente – Guia do Santuário.

Para o guião das entrevistas foi definida uma lista de tópicos resultantes da análise dos inquéritos por questionário aplicados aos visitantes.

A entrevista A (Anexo 3), aplicada ao Responsável pela gestão do Santuário de Panóias, foi subdividida em dezassete questões, nas quais o entrevistado teria de apontar os aspetos positivos, aspetos negativos e melhorias a implementar nas diferentes vertentes. Estas centraram-se nos seguintes aspetos: Acolhimento, Profissionalismo dos funcionários, Visita guiada, Acessibilidades, Estacionamento, Sinalética, Limpeza, Conservação do espaço, Organização do espaço, Vedação, Infraestruturas de apoio, Vestígios Arqueológicos, Divulgação, Recursos didáticos, Informação fornecida pelo Santuário, Melhorias sentidas ao longo dos tempos e Interesse para a cultura e sociedade portuguesa.

A entrevista B (Anexo 4), aplicada ao Guia do Santuário de Panóias, foi baseada nas mesmas dimensões que a Entrevista A, no entanto o entrevistado teria que dar apenas o seu parecer em relação a esses aspetos, focando algumas opiniões que lhe foram transmitidas pelos visitantes.

Teve-se em conta, a elaboração um guião de entrevista de acordo com as pessoas a serem entrevistadas e a função que desempenhavam nos locais seleccionados para o estudo.

Durante a realização da entrevista houve a preocupação de fornecer aos entrevistados uma breve explicação acerca da finalidade de cada conjunto de questões.

A maior parte das questões formuladas eram de formato aberto, terminando algumas na forma “porquê?”, “para evitar respostas curtas com pouca especificidade e para incentivar o entrevistado a aprofundar certos aspetos particularmente importantes” (Quivy & Campenhoudt, 2003:70).

### **4.3.3. Grelha de observação**

“O processo de observação pode apresentar-se com formas diferentes” (Quivy & Campenhoudt 2003:71), consoante se trate de uma observação direta ou indireta.

Segundo os teóricos, os “métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem, sem a mediação de um documento ou de um testemunho” (Quivy & Campenhoudt 2003:72).

Desta forma, o investigador pode estar atento ao aparecimento ou à transformação dos comportamentos, aos efeitos que eles produzem e aos contextos em que são observados.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

A observação direta também foi a utilizada neste estudo, dado que o próprio investigador procedeu diretamente à recolha de algumas informações.

Neste caso, a observação incidiu sobre as dimensões previstas e tem como suporte uma grelha de observação que foi construída a partir desses indicadores (Anexo 5).

Segundo Damas & De Ketele (1985:67), é um “instrumento preparado para fins de descrição, de avaliação ou de verificação de uma hipótese”.

Esta grelha define de um “modo muito seletivo as diferentes categorias a observar” (Quivy & Campenhoudt 2003:78).

Segundo os autores este estilo de investigação desempenha um “papel fundamental para o próprio investigador porque permite familiarizar-se com o assunto a estudar permitindo-lhe fazer o inventário das variáveis suscetíveis de entrar e jogar em daí compreender bem a problemática do objeto do estudo” (Quivy & Campenhoudt 2003:79).

Foi neste sentido que o investigador se deslocou ao terreno como intuito de proceder a uma observação direta das várias dimensões previstas e já mencionadas anteriormente.

Pretende-se com a referida grelha (Anexo 5) verificar quais os itens de observação que se destacam, no contexto de uma visita ao Santuário de Panóias. Neste instrumento foi introduzido uma escala que varia entre “Insuficiente” e “Muito bom”, com o objetivo de o investigador avaliar de forma precisa todas as dimensões propostas.

### **4.4. Recolha de dados**

A seleção destes instrumentos de recolha de dados justifica-se pelo facto de os mesmos garantirem “a recolha de informação sobre os pontos mais relevantes da investigação, tornar mais específicos os objetivos da investigação e motivar o entrevistado de modo a que pudesse partilhar aspetos importantes para a investigação” (Merriam, 1988:24).

Como anteriormente referido, no fim de cada visita ao Santuário de Panóias, solicitava-se a cada visitante o preenchimento de um Inquérito por Questionário, com o objetivo de procedermos a uma posterior análise dos dados.

A aplicação dos questionários ocorreu entre dois períodos distintos: 1996 a 1999 e 2006 a 2011.

Os dados resultantes das entrevistas ao Gestor do Santuário de Panóias e ao respetivo Guia foram recolhidos em Dezembro de 2011, após marcação prévia com os entrevistados.

#### **4.5. Tratamento e análise dos dados**

Para o tratamento dos dados, utilizaram-se como métodos de análise de dados a estatística descritiva e a análise de conteúdo, conforme os instrumentos de investigação que foram utilizados.

Desta forma, os dados recolhidos através dos inquéritos por questionário (A- Anexo 1 e B- Anexo 2) foram tratados através da estatística descritiva, enquanto que os dados recolhidos através dos inquéritos por entrevista (Anexo 3 e 4), das questões abertas, inseridas nos inquéritos por questionário e da grelha de observação, foram tratados através da análise de conteúdo.

Uma análise de conteúdo “oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um grau de profundidade e de complexidade e permite, quando incide sobre um material rico e pertinente, satisfazer as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis” (Quivy & Campenhoudt, 2003:80).

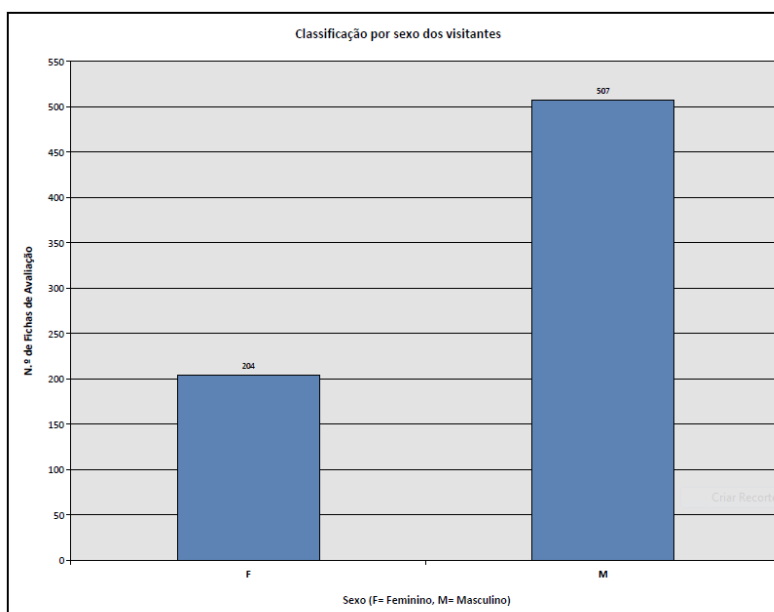
Segundo este autor, “a análise de conteúdo tem um campo de aplicação muito vasto e os métodos utilizados obrigam o investigador a manter uma grande distância em relação a interpretações espontâneas, particularmente das suas próprias” (Quivy & Campenhoudt, 2003:81).

Nesta Investigação o conteúdo das duas entrevistas foi totalmente reproduzido em texto escrito. A sua exploração foi feita através de um quadro síntese (Anexo 6 e Anexo 7) para maior facilidade de apreensão do conteúdo das informações recolhidas nestas entrevistas.

## **4.6. Caracterização sociodemográfica**

### **4.6.1. Sexo**

Num universo de 711 inquiridos analisados entre 1996 a 1999 e 2006 a 2011, confere-se que 204 dos visitantes pertencem ao sexo feminino e 507 ao sexo masculino.



**Gráfico nº 1: Classificação por sexo dos Inquiridos**

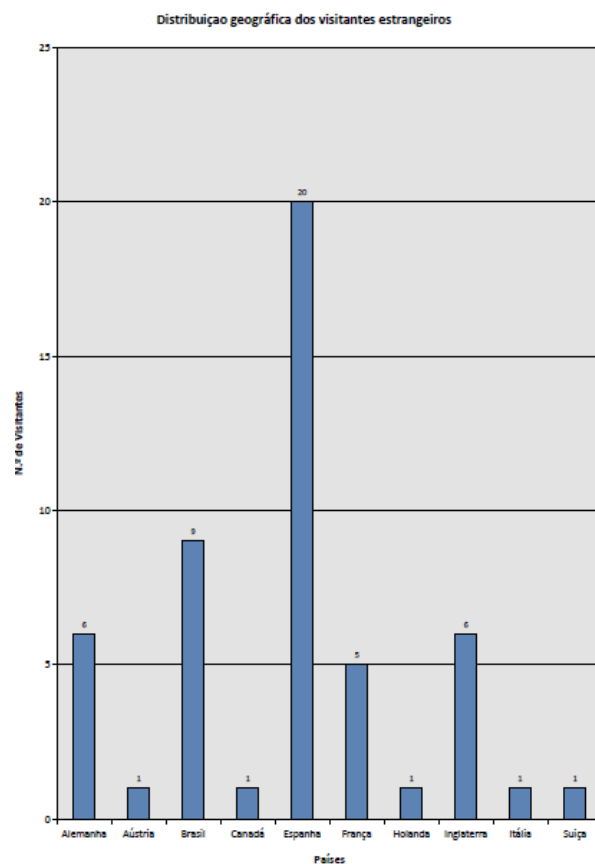
### **4.6.2 Nacionalidade**

No que concerne à nacionalidade dos Inquiridos, constata-se um predomínio de visitantes portugueses (83,2%), em contraponto com 16,8% de visitantes de nacionalidade estrangeira.

Dos 119 inquiridos de nacionalidade estrangeira, apenas 45 divulgaram o seu país de origem, dos quais destacamos 20 espanhóis, 9 brasileiros, 6 alemães, 6 ingleses, 1 austríaco, 1 canadense, 1 italiano e 1 suíço.



## “Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”



**Gráfico nº2: Distribuição geográfica dos visitantes estrangeiros**

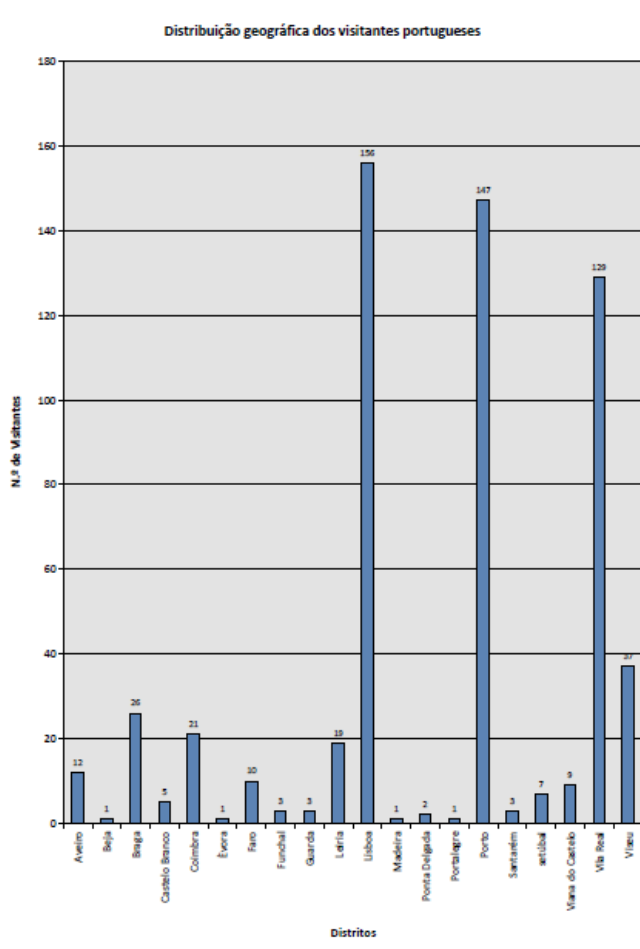
### 4.6.3. Distrito de residência

Conhecer a residência principal dos inquiridos constitui mais um elemento importante na análise da capacidade de atração do Santuário de Panóias a nível regional, nacional e internacional.

Ao examinarmos as respostas dos visitantes residentes em Portugal verifica-se que existe uma acentuada dispersão geográfica, com cerca de 20 distritos assinalados (Gráfico nº3).

Dos 592 visitantes Portugueses constata-se que 156 provém do distrito de Lisboa, 147 do distrito do Porto, 129 do distrito de Vila Real, 37 do distrito de Viseu, 26 do distrito de Braga, 21 do distrito de Coimbra, 19 do distrito de Leiria, 12 do distrito de Aveiro, 10 do distrito de Faro, 9 do distrito de Viana do Castelo, 7 do distrito de Setúbal, 5 do distrito de Castelo Branco, 3 do distrito de Santarém, 3 do distrito da Guarda, 3 do distrito do Funchal, 2 do distrito de Ponta Delgada, 1 do distrito de Portalegre, 1 do distrito de Évora, 1 do arquipélago da Madeira.

## “Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”



**Gráfico n.º3: Distribuição geográfica dos visitantes portugueses**

### 4.6.4. Estrutura profissional

A estrutura socioprofissional dos nossos inquiridos é mais um elemento que ajuda a compreender as características dos visitantes do Santuário de Panóias.

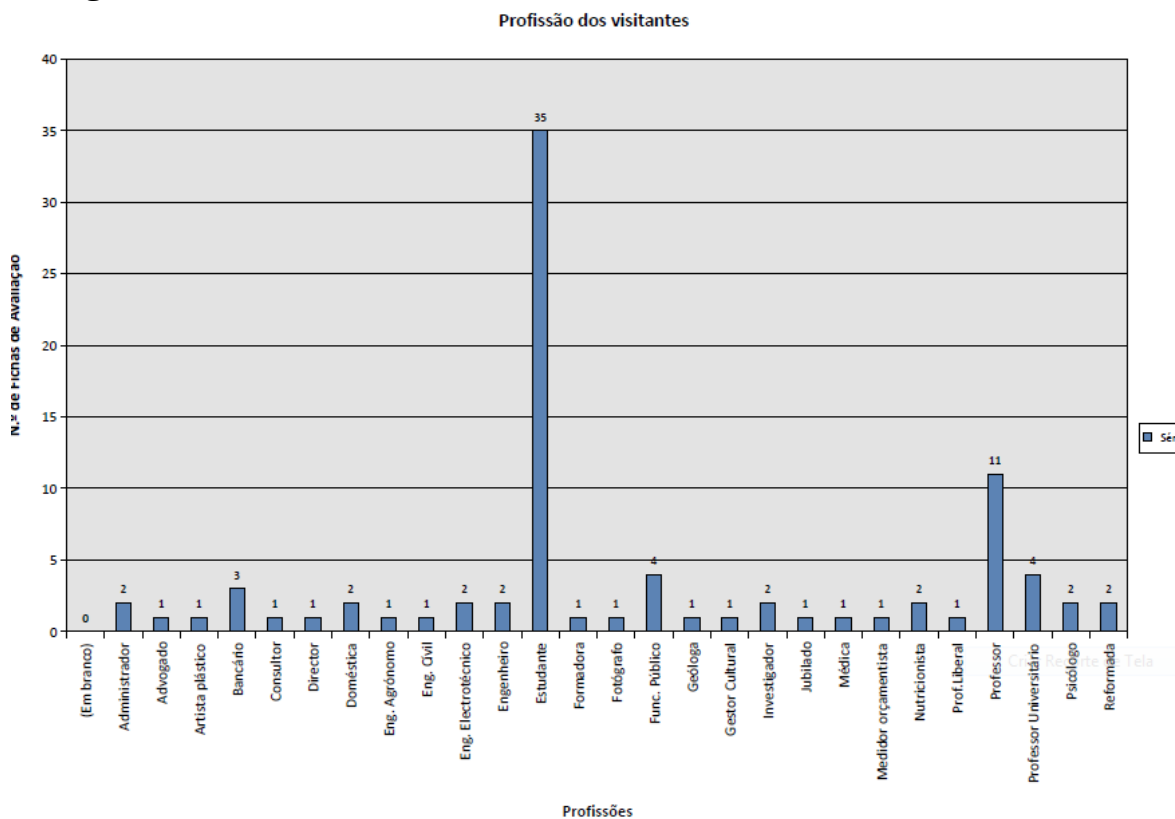
Desta forma, dos 711 visitantes que contemplaram o universo da amostra, 624 não mencionaram a sua profissão.

Dos restantes que responderam, pode-se constatar que existe uma vasta variedade em termos de estrutura profissional dos visitantes.

De acordo com o Gráfico n.º4, 35 dos inquiridos são estudantes, 11 são professores, 4 são professores universitários, 4 são funcionários públicos, 3 são bancários, 2 são psicólogos, 2 são reformados, 2 são nutricionistas, 2 são investigadores, 2 são engenheiros, 2 são engenheiros eletrotécnicos, 2 são domésticos, 2 administradores, 1 é profissional liberal, 1 é medidor orçamentista, 1 é médico, 1 é jubilado, 1 é geólogo, 1 é gestor cultural, 1 é fotógrafo, 1 é formador, 1 é engenheiro civil, 1 é

## “Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”

engenheiro agrónomo, 1 diretor, 1 consultor, 1 artista plástico e 1 advogado.



**1Gráfico nº4: Profissão dos inquiridos**

### 4.6.5. Número de visitantes ao longo dos anos

Analisar o número de visitantes ao Santuário de Panóias tornou-se preponderante para a nossa Investigação, pelo facto de se terem registado variações consideráveis no número de visitas ao longo dos anos.

O período de análise contemplado ocorreu entre os anos de 1996 e 1999 e entre 2006 e 2011.

Este interregno na aplicação dos Inquéritos, deveu-se ao facto de terem ocorrido no Monumento algumas mudanças em termos logísticos, obras nos edifícios, presença de alguns estagiários e alteração de funcionários; circunstâncias que contribuíram para uma total ausência no emprego do Documento neste período, e para uma variação considerável da aplicação do mesmo, ao longo dos restantes anos.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

No entanto é de ressaltar, que em certos casos, visitantes recusaram o preenchimento do Inquérito e em grupos numerosos, regra geral, apenas uma pessoa é que preenchia o Documento.

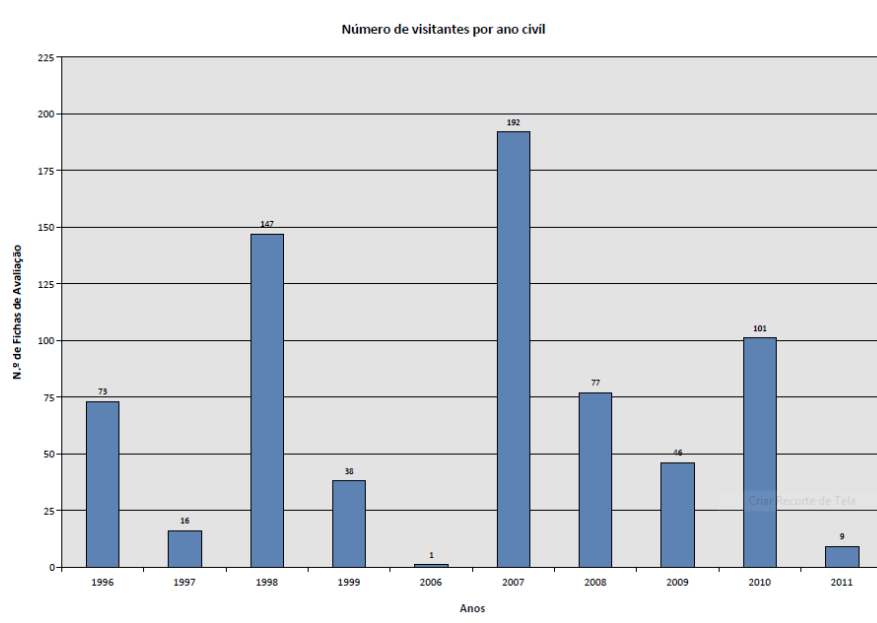
Passamos á descrição do número de visitantes no Santuário de Panóias ao longo dos anos.

Constatou-se que no ano de 1996 visitaram o Santuário de Panóias 73 visitantes, em contrapondo com o ano de 1997, em que apenas 16 visitantes estiverem presentes no Monumento.

Em 1998, o número de visitantes aumentou significativamente para 147; já em 1999 verificou-se uma quebra para 38 visitantes,

Em 2006, o Santuário de Panóias contou apenas com a presença de 1 visitante; este número disparou em 2007 para 192 visitantes, Voltou a sentir-se uma quebra nos anos de 2008 2009, onde o Monumento contou apenas com 77 e 46 visitantes prospectivamente.

Em 2010 estes valores voltaram a subir para 101 visitantes e, em 2011 apenas de verificou a presença de 9 visitantes.



**Gráfico nº5: Número de visitantes por ano civil**

### **4.6.6. Conclusão**

Mediante a análise dos dados, pode-se concluir que o Público que maioritariamente visitou o Santuário de Panóias nas datas analisadas foi um público masculino, e que o público que minoritariamente visitou o Santuário de Panóias no mesmo período foi um público feminino.

Nesta situação, há que salientar o facto de os inquiridos do sexo masculino demonstrarem uma maior disponibilidade em responder ao questionário, do que os visitantes do sexo feminino. Ou seja, por casal,

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

muitas vezes só obtivemos resposta a um questionário, sendo o elemento masculino responsável pelo seu preenchimento.

Os visitantes ao Santuário de Panóias são maioritariamente de origem Portuguesa e do distrito de Lisboa, em contrapartida os visitantes estrangeiros são em número mais diminuto e essencialmente oriundos de Espanha.

O ano civil que obteve o maior número de visitantes foi o de 1996, em contrapartida 2011 foi o que recebeu um número menor de visitantes.

Os visitantes que maioritariamente frequentaram o Santuário de Panóias são alunos e professores, nos respectivos períodos analisados. Convém salientar que estes dados foram influenciados por datas em que as visitas escolares atingiram um número muito elevado, em relação a outros visitantes.

Neste seguimento e tendo em conta a caracterização dos Públicos da Cultura, segundo os autores mencionados no Capítulo II, podemos afirmar que o Público que maioritariamente visitou o Santuário de Panóias, no período analisado, foi o que Lopes (2004:45) designou nos seus trabalhos como Públicos *Habituais*.

Segundo o autor este Público é que o “tem menor representatividade na população portuguesa, altamente escolarizada, qualificada e juvenilizada e onde predominam disposições estéticas fortemente interiorizadas, fruto de um capital cultural consolidado” (Lopes,2004:46).

Fazendo uma analogia com o que refere o autor, afirmamos que o Público que se destacou durante as visitas ao Santuário de Panóias caracterizou-se por ser essencialmente jovem, com habilitações académicas elevadas, profissões qualificadas e detentor de um forte Capital Cultural já intrínseco e enraizado.

Esta conclusão vem ao encontro do que Santos (2003:77) salienta nos seus estudos: “os consumos culturais permanecem estreitamente correlacionados com o nível de instrução, e, por essa via, com a condição socioprofissional” (Santos,2003:77).

Mediante o exposto, também concluímos na Investigação que quanto mais elevado foi o nível de formação académica e estatuto socioprofissional dos visitantes, mais regulares foram os consumos culturais.

Neste seguimento, citaremos o mesmo autor, uma vez que nos seus estudos obteve uma conclusão muito pertinente para presente Investigação: “os perfis sociais dos Públicos mantêm-se tendencialmente inalterados, mesmo quando, no geral, se pode verificar um aumento do volume dos mesmos” (Santos,2003:7).

A incrementação de uma maior proximidade entre os Públicos menos habilitados e a “Cultura da arte”, requererá segundo Santos (1993:78) “um aperfeiçoamento dos processos de familiarização precoce e prolongada com os campos culturais mais selectivos”.

## **Capítulo V**

### **Apresentação e discussão de resultados**

Neste capítulo, iremos apresentar e analisar os resultados da investigação efetuada atendendo aos objetivos definidos.

Desta forma, subdividiu-se o capítulo em várias alíneas, tendo em conta os parâmetros que foram avaliados quer no Inquérito por questionário, quer na Entrevista.

#### **5.1. Análise e discussão dos resultados**

O grande objetivo desta investigação consistiu em caracterizar o Público que visitou o Santuário de Panóias entre 1996 e 1999 e entre 2006 e 2011 e analisar qual a sua opinião sobre o Monumento.

Estes dados foram cedidos através da aplicação de um Inquérito por Questionário, aplicado a 711 visitantes, no período mencionado anteriormente.

As dimensões consideradas foram categorizadas a partir da análise do instrumento de recolha de dados, e estará na base da análise e da conclusão dos resultados finais desta investigação.

##### **5.1.1. Avaliação da visita ao Santuário de Panóias**

Para além da identificação dos principais problemas e potencialidades deste espaço histórico foi nosso objetivo questionar os visitantes a respeito da qualidade da visita ao Monumento.

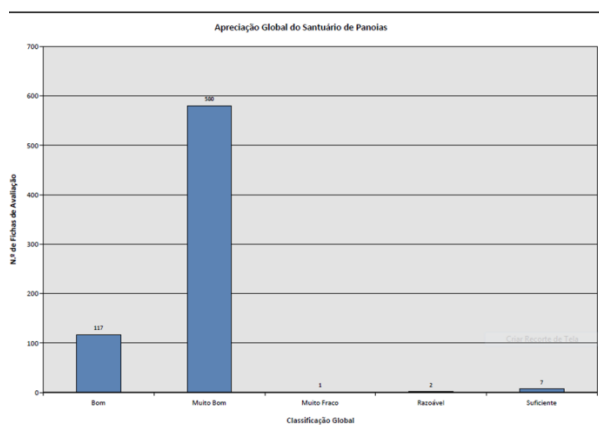
De forma geral, a opinião dos inquiridos é unânime no sentido de considerarem que o Santuário apresenta um conjunto de serviços de boa e muito boa qualidade, promovendo uma maior visibilidade deste espaço.

A partir do Gráfico nº 6 pode-se verificar que 580 dos visitantes avaliaram o Santuário de Panóias como sendo “Muito Bom”; 117 dos visitantes consideraram o Santuário de Panóias Bom; 7 dos visitantes mediram como “Suficiente” a satisfação o Santuário de Panóias; 2 dos visitantes consideraram o Santuário de Panóias “Razoável” e apenas 1 visitante julgou o Santuário de Panóias como sendo “Muito Fraco”.

Quando efetuamos a análise de conteúdo, verificamos que 662 dos visitantes não atribuíram qualquer classificação ao Santuário de Panóias.

No entanto destacam-se os seguintes resultados: dos 49 inquiridos que salientaram a qualidade do Santuário de Panóias, concluímos que 32 dos visitantes consideraram a visita “Excelente”, 16 avaliaram a visita como sendo “Muito Interessante” e apenas 1 visitante destacou a visita como sendo “Boa”.

## “Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”



**Gráfico nº6: Apreciação global do Santuário de Panóias**

### 5.1.2. Avaliação do Acolhimento ao Visitante

A partir da amostra analisada podemos concluir que a Recepção ao visitante foi considerada, pela maioria dos inquiridos, como sendo “muito calorosa e agradável”, com “excelentes condições de tratamento aos mesmos” e “funcionários exemplares, muito conhecedores” “sempre disponíveis”, destacando-se a rececionista Judite, considerada “fantástica”.

O Acolhimento foi ainda avaliado como sendo “excelente”, “exemplar”, com uma “recepção de alta qualidade” e com “ótimo apoio por parte dos funcionários” do Santuário de Panóias.

No entanto foi considerada a possibilidade de “existir um maior número de funcionários no local para dar um maior apoio aos visitantes”.

Neste contexto, o Guia do Santuário de Panóias, refere que “apesar de trabalhar sozinho, não possui qualquer dificuldade durante o processo de Acolhimento ao visitante, nem mesmo com grandes grupos”.

Indo ao encontro do referido anteriormente, o Responsável pelo Santuário de Panóias, considera que um dos aspetos positivos do Acolhimento ao visitante “são os muitos funcionários que passaram pelo Santuário ao longo dos anos, como estagiários do Curso de Turismo, estagiários do programa PEPAC e pessoas provenientes do Programa de Apoio a Desempregados”. Segundo este “o balanço foi muito positivo”.

Os funcionários do Santuário de Panóias foram considerados pela amostra analisada como sendo “muito simpáticos”, “amáveis”, “prestáveis” e com “boa disposição”. Constatou-se que são ainda “muito profissionais, competentes e disponíveis”, prestando um “apoio funcional” durante a visita.

Com a mesma opinião, o Responsável pelo Santuário de Panóias, ressaltou “a grande disponibilidade por parte de todos os funcionários que já passaram pelo Santuário de Panóias. São pessoas com muito gosto pelo trabalho que realizam”, não existindo qualquer aspeto negativo a apontar neste âmbito.

### **5.1.3. Avaliação da Visita Guiada**

A Visita Guiada foi considerada “excelente”, muito bem “dirigida, organizada e orientada”, bem como “motivadora”, “elucidativa” e “esclarecedora” na medida em que “proporcionou novos conhecimentos”, pela generalidade dos visitantes que constituíram a amostra analisada. Estes consideraram ainda a Visita Guiada “muito produtiva e explícita”.

Destacaram o “excelente trabalho do Guia, Sr. Herculano”, na medida em que proporcionou aos visitantes “um acompanhamento muito personalizado” e “explicações muito esclarecedoras” acerca do Santuário de Panóias.

O Guia foi ainda considerado “muito dedicado e coerente”, sendo um elemento “muito útil”, “motivador”, e “bastante habilitado” no desempenho dos suas funções. Destaca-se a sua “simpatia”, “disponibilidade”, “dedicação” e “conhecimentos profundos” acerca da história do Santuário de Panóias. As suas explicações foram “claras, esclarecedoras e instrutivas”, permitindo “informações históricas e arqueológicas acerca da Romanização”. A sua “exposição foi muito completa sem ser maçadora. Permitiu um conhecimento bastante vasto, inclusive quanto à interação dos cultos já existentes na Península Ibérica e à sobreposição de outras religiões que foram chegando a Portugal”.

Concluíram que “a apresentação do Santuário e respetiva explicação histórica pelo Guia, deixa completamente inebriados os curiosos e interessados que visitam este espaço”. O desempenho do Guia foi então considerado como “fantástico” pela generalidade dos visitantes, apenas um avaliou o seu trabalho como “razoável”.

O Responsável pelo Santuário de Panóias foi ao encontro desta conclusão, destacando a “dedicação, empenho e disponibilidade dos funcionários” no acompanhamento aos visitantes durante a visita guiada.

No entanto, foi considerado por alguns visitantes, a necessidade de “existirem mais Guias” durante a visita ao Santuário de Panóias, e um “acompanhamento mais personalizado durante o percurso ao exterior”.

A mesma opinião é partilhada pelo Responsável do Santuário de Panóias, uma vez que considera que “a visita deveria ser realizada em grupos menores, algo que nem sempre é possível, uma vez que o Guia se encontra sozinho nesta função”.

Por fim, os visitantes sugerem ainda que o “horário de verão seja alargado” e que o Santuário de Panóias tenha “visitas guiadas também aos domingos”.

Questionado sobre a opinião dos visitantes em relação ao que mais apreciam durante a visita guiada, o Guia do Santuário, salienta que estes “apreciam a visita na sua generalidade, destacando-se os momentos em que as inscrições são apresentadas, bem como o momento da Morte, Ressureição e Vida”.



## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Colmata referindo que “muitos dos visitantes não têm noção do que irão encontrar durante a visita. Este é um momento único e mágico”. O Guia diz não possuir qualquer dificuldade durante a visita guiada, referindo que “cada momento com o Público é singular”.

### **5.1.4. Avaliação dos Acessos ao Santuário de Panóias**

Os Acessos ao Santuário de Panóias foram considerados por alguns visitantes como apresentando “boas condições” e com “fácil acesso às ruínas”.

Esta opinião é partilhada em simultâneo pelo Responsável do Santuário de Panóias e pelo Guia, que consideram “os Acessos exteriores bons”. Avaliam os “caminhos como sendo confortáveis, apesar de existir algum grau de dificuldade na rampa de acesso à Plataforma”.

No entanto uma grande maioria dos visitantes considerou que os Acessos exteriores ao Santuário de Panóias deveriam “ser melhorados”, bem como deveriam existir “transportes diretos para o local”.

Neste sentido, consideraram ainda, que dentro do Santuário os “Acessos deveriam sofrer uma melhoria a todos os níveis”, sobretudo para deficientes físicos, necessitando de uma “entrada especial na receção para estas pessoas” e de “acessos específicos no piso superior e no exterior”.

Neste seguimento, o Responsável pelo Santuário de Panóias, reforça esta ideia, considerando que “com chuva os caminhos ficam mais perigosos, devendo existir um maior cuidado”.

No entanto ressalva que em relação aos Acessos interiores, o facto de “existir sempre uma alternativa em termos de circulação interna”, algo que o Guia também salienta, referindo não existirem grandes “dificuldades na circulação de deficientes físicos ou idosos”.

O Estacionamento foi considerado “muito mau”, estando em “péssimas condições”, devendo ser “melhorado”, pela grande maioria dos inquiridos. Focou-se a necessidade de existir um “Estacionamento exclusivo para camionetas”. O Responsável pelo Santuário de Panóias e o Guia partilham a mesma opinião referindo que “as camionetas de passageiros ficam prejudicadas com o Estacionamento, na medida em que não conseguem chegar mesmo à entrada do Santuário de Panóias. Neste sentido o Estacionamento “formal” seria uma alternativa”.

### **5.1.5. Avaliação da Sinalética**

A Sinalização até ao Santuário de Panóias foi considerada “péssima e sem informação visível” pela grande maioria dos visitantes *que* constituíram a amostra analisada.

Deveria existir uma “maior Sinalização na estrada de Vila Real para Panóias”, bem como na respectiva localidade até ao Santuário. Neste

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

sentido, “seria importante a existência de Sinalética na localidade de Panóias”, que conduzisse os visitantes diretamente ao Santuário.

Salientaram ainda que as placas de sinalização deveriam ser “maiores”, “mais precisas” e não “deveriam conduzir a dúvidas quanto à localização do monumento”. A estrada de acesso ao Santuário deveria ser “mais sinalizada” e deveria existir uma “placa com os Km”. Alguns inquiridos referem ainda que “no mapa da cidade de Vila Real não há referência à saída para Panoias”.

O Responsável pelo Santuário de Panóias partilha a mesma opinião, referindo que apesar de “existir alguma Sinalética de proximidade na Estrada Nacional 322, e na Estrada Municipal, estas não são suficientes”, ou seja, deveria existir “maior sinalização nas principais vias de acesso à cidade de Vila Real, que conduzisse os visitantes ao Santuário”. Salientou ainda que “na cidade existe sinalização referente ao Santuário de Panóias, mas encontra-se pouco visível”.

Contrariando estas apreciações, o Guia, considera que “a sinalização até ao Santuário é suficiente, existindo 6 placas sinalizadoras de Vila Real até Panóias”.

Os visitantes consideraram também que na entrada do Santuário “deveria existir um mapa ou planta do local, com legendas explicativas”. Neste “mapa deveriam ser identificados com números, os principais locais para que o “visitante se pudesse orientar dentro do espaço”“. Estes sugerem ainda a existência de “placas com indicação de preços, horários e proibições existentes”, bem como uma “fotografia panorâmica” na entrada do Monumento.

A Sinalização no interior do Santuário deveria ser “mais clara” e “melhor adequada ao local” podendo existir “uma maior informação sobre o conjunto arqueológico e rupestre”, segundo alguns visitantes. Assim sendo, os “caminhos a seguir deveriam ser mais bem sinalizados” com “placas informativas ou setas indicativas”, de forma a “indicar ao visitante os percursos a percorrer”, segundo uma maioria da amostra analisada.

Por outro lado, sugerem que a “existência de notas explicativas junto às pedras” seria algo “muito útil”, segundo a maioria dos visitantes. Neste sentido, poderiam “colocar uma placa de acrílico em cada inscrição indicando o local e os limites dos relevos das pedras” e “localiza-las exteriormente de acordo com a planta apresentada inicialmente”, sendo necessária também a existência de uma “maquete das fragas para entender melhor os espaços”.

Alguns visitantes recomendam a instalação de “placas junto das rochas com descrição de textos em latim e grego e respectiva tradução”. Este aspeto foi também considerado pelo Responsável do Santuário de Panóias, que mencionou que o Monumento “deveria possuir sinalização em pontos-chave, de forma a facilitar a interpretação do espaço pelos visitantes”.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

De uma forma geral, a Sinalização até ao Santuário de Panóias foi avaliada pela grande maioria dos visitantes como sendo “insuficiente” e “pouco clara”; bem como a Sinalização no interior do Monumento, entendida como “pouco informativa e pormenorizada”.

Considera-se que a “introdução de painéis descritivos” seria muito positivo, pois “permitia fazer o enquadramento ao visitante em termos históricos”, tal como a “interpretação das legendas, que ajudaria imenso na compreensão da visita”.

Em contrapartida o Responsável pelo Santuário de Panóias avalia como “um aspeto positivo o fato de o Santuário de Panóias não ter grande Sinalização, uma vez que ajuda à “descoberta” do mesmo”. A mesma opinião é partilhada pelo Guia que salientou que “após a visualização do filme, não é necessário a existência de Sinalização no interior do Santuário. Esta iria descaracterizar o espaço”.

### **5.1.6. Avaliação da Apresentação do Espaço**

No que concerne à Limpeza do Santuário de Panóias, este foi considerado “muito limpo” e “agradável”.

A Limpeza foi considerada de forma geral como sendo algo “muito positivo” no Santuário de Panóias. No entanto alguns dos visitantes consideraram necessário uma “limpeza dos arbustos, plantas e mato” existente no exterior, na medida em “que vão danificar o espaço a médio prazo”.

Esta opinião é partilhada pelo Responsável do Santuário de Panóias que refere “existir pouca disponibilidade para a limpeza do “mato” exterior”.

Relativamente à Conservação do Santuário de Panóias, conclui-se que este foi considerado pela maioria dos visitantes como sendo “um local muito bem cuidado e preservado”, com “excelentes condições de tratamento do recinto envolvente”.

No entanto, uma pequena minoria considerou o Santuário em “grande estado de degradação”, devendo “ser incentivada a sua recuperação e preservação”.

A “reconstrução das casas típicas torna o espaço mais atraente”, esta foi considerada “excelente”, pela maioria dos visitantes.

Neste sentido, pode-se concluir que a maioria dos visitantes que constituíram a amostra analisada destacou a “excepcional preservação do Santuário de Panóias, bem como do espaço envolvente”, tal como a sua “fantástica recuperação”.

Esta conclusão foi partilhada quer pelo Responsável do Santuário de Panóias, quer pelo Guia. Estes referem que “o Santuário encontra-se bem conservado em termos de granito. O estado ambiental é excelente”.

Segundo o Responsável do Santuário de Panóias, existem manutenções periódicas, que têm como objetivo “retardar o

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

“envelhecimento” do Santuário, o que irá acontecer daqui a uns anos em virtude dos fatores inerentes ao clima: chuva e calor”.

Relativamente à Organização do Espaço, este foi considerado como sendo “muito bem organizado”, “explicado”, “bonito, interessante”, de “fácil circulação”, pela maioria dos inquiridos.

Conclui-se que o Santuário de Panóias possui uma “boa coordenação e exploração do Espaço exterior”. Da mesma forma, o Responsável finaliza referindo que “o Espaço foi organizado no sentido de o visitante se sentir “livre””.

A Vedação do Santuário de Panóias foi considerada como sendo um “aspeto muito positivo”, “muito importante” e “excelente”. A ideia da “cerca foi positiva, pois limita, dando um sentido de privacidade ao Santuário”.

Indo ao encontro do referido anteriormente, o Responsável pelo Santuário de Panóias considera que, pelo facto de “o Monumento ter sido objeto de vandalismo, foi necessário vedar todo o espaço. Um recinto tem de estar definido para ter maior credibilidade e segurança”.

Da mesma forma, o Guia entende a vedação como uma “prioridade”. As Infraestruturas de Apoio foram consideradas, pela grande maioria dos visitantes, como sendo “acolhedoras”, “muito interessantes”, “de muito bom gosto e adaptadas ao local”. As instalações foram avaliadas como sendo “apropriadas”, estando estas em “boas condições” e sendo de “grande qualidade”.

O Guia partilha da mesma opinião, pois considerando as Infraestruturas de apoio “muito acolhedoras”.

Uma pequena minoria dos inquiridos ponderou que deveria existir “uma melhoria das Infraestruturas existentes”, e que estas “deveriam garantir melhores condições de funcionamento do Santuário de Panóias”.

Verificou-se ainda que existiu um “aproveitamento das condições existentes”. O Centro de acolhimento foi considerado como sendo “muito interessante”, “agradável e com um atendimento personalizado”. Destacou-se o facto de estar “bem recuperado e integrado”.

A Sala de apoio ao Santuário foi “muito bem recuperada” e “reestruturada com muito bom gosto”, sendo “muito bem aproveitada”. É um local “muito interessante”, segundo a maioria dos inquiridos.

O Ponto de Venda foi avaliado como sendo “muito interessante”, bem como o Auditório. Apenas referiram a “insegurança no gradeamento de acesso ao mesmo”.

As escadas de ferro “foram um aspeto positivo, tal como a estrutura metálica” que foi “muito bem pensada para a observação do recinto principal”. Salienta-se ainda o patamar inferior como possuindo uma “vista fantástica”. No entanto, alguns dos visitantes destacam as “condições de insegurança na escadaria”, esta deveria ser “reforçada”, tal como na plataforma de acesso, devendo esta ser mais “acessível e segura”.

Desta forma pode-se concluir que a “área da observação geral da estação arqueológica está bem conseguida”.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Uma grande maioria dos visitantes sugeriu a “existência de um bar com bebidas”, de “aquecimento nos vários espaços”, e de “um maior número de espaços verdes”, no Santuário de Panóias.

De uma forma geral, as Infraestruturas de apoio foram avaliadas pela grande generalidade dos visitantes como sendo “apropriadas” e estando em “boas condições”. Algumas das mesmas poderiam ser “melhoradas” de forma a garantir um “melhor funcionamento e segurança do Santuário”, relatam os visitantes.

Esta conclusão vai ao encontro do que o Responsável do Santuário de Panóias refere em relação a este tema, considerando “as Infraestruturas de apoio como estando muito bem conseguidas em termos de aproveitamento e de conservação, e com custos reduzidos, podendo ser melhorados certos aspetos como a ausência de aquecimento”.

Relativamente aos Vestígios arqueológicos pode-se concluir que “a preservação das rochas, da natureza, e das plantas é um aspeto muito interessante”, tal como as ruínas, que são “particularmente atraentes”. No entanto, “as rochas com valor arqueológico, deveriam estar mais bem preservadas e protegidas”, bem como as “cavidades”.

Alguns visitantes consideraram que “todas as inscrições deveriam ser mais bem aproveitadas” e deveriam estar “protegidas da erosão do tempo”. Sugeriram também que “seria bom efetuarem novas escavações arqueológicas para melhor interpretação do sítio”. Destacam-se pela positiva as “formas como se encontram dispostas as fragas”, bem como “abertura das rochas”.

O Responsável pelo Santuário de Panóias destaca “o ótimo estado de conservação dos vestígios e a sua singularidade”.

### **5.1.7. Avaliação da Divulgação do Santuário de Panóias**

A grande maioria dos inquiridos considerou que “deveria existir uma maior Divulgação do Santuário de Panóias a nível nacional e internacional”.

O Responsável pelo Santuário de Panóias também considera que existe um “grande desconhecimento em relação ao Monumento por parte da população do concelho de Vila Real”.

Esta Divulgação deveria ser realizada a partir do “turismo e de escolas”, e ser “direcionada a vários Públicos”, podendo se focar “numa informação mais detalhada sobre o Santuário, e sua integração na época Romana”, segundo os visitantes.

O Responsável salienta ainda, que apesar da reduzida Divulgação sobre o Monumento, existem alguns meios para publicitar o mesmo, tais como: “Guia traduzido em vários idiomas, um Filme de apresentação no Youtube e no site [www.arqueotur.com](http://www.arqueotur.com)”.

Neste sentido, o Guia frisa a importância da existência de “parcerias com outras instituições”, como forma de divulgação, salientando “o apoio

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

concedido pela Casa de Mateus” neste sentido. Desta forma, a publicidade ao Santuário de Panóias “deveria também ser um meio de desenvolvimento do Turismo local”, afetando desta forma “os restaurantes, lojas de recordações e o posto de turismo de Vila Real”.

Apenas um visitante refere “estar orgulhosa de ver o nosso património estimado e divulgado”.

### **5.1.8. Avaliação dos Recursos Didáticos**

O Apoio Multimédia foi considerado pelos visitantes como sendo “excelente” e “muito interessante”. Destaca-se o filme de apresentação inicial do Santuário de Panóias avaliado como “muito interessante”, “conciso”, “elucidativo” e “excelente”.

Considerou-se ainda que o filme é “acessível em termos de conteúdo”, na medida em que “facilita a compreensão dos rituais realizados e de todo o enquadramento arqueológico”, sendo uma “ajuda preciosa para nos situarmos no monumento/contexto histórico” e para “perceber a história do Santuário de Panóias”. No entanto deveria “ser mais pormenorizado”: “os rituais antigos poderiam ser simulados com as novas tecnologias”, podendo existir uma “reconstituição dos rituais e uma recriação dos tempos”.

Esta apresentação inicial foi “clara”, “esclarecedora” “cuidada”, “motivadora”, “rigorosa” sendo “muito bem conseguida”, utilizando uma “linguagem muito acessível para crianças”, referem os inquiridos.

Alguns visitantes frisam a importância do “filme ser traduzido para outros idiomas”, e sugerem a sua comercialização.

Recomendam a existência de duas versões do filme: “a atual para visitantes menos específicos, como turistas de ocasião” e uma “uma versão mais pormenorizada simulando a presença dos crentes, dos sacerdotes e da realização concreta de alguns ritos”.

Desta forma pode-se concluir que a exibição do filme foi um aspeto “muito positivo”, além de “pedagogicamente interessante”.

Esta conclusão vai ao encontro da opinião do Guia, na medida em que este também considera o “filme bastante explicativo e de fácil interpretação.”.

No entanto, alguns visitantes, revelaram que apesar do “filme estar bem concebido, não é suficiente para compreender bem o espaço, felizmente houve visita guiada”.

Relativamente à Informação fornecida pelo Santuário de Panóias, alguns inquiridos consideraram que esta é bastante “enriquecedora”, sendo um “bom apoio didático”. Desta forma, afirmam que a documentação é “muito interessante”, e de “fácil interpretação em termos de conteúdo histórico”, “existindo várias possibilidades de escolha”.

O Responsável pelo Santuário de Panóias reforça esta ideia quando refere que “existe um Guia sobre o Monumento a cores e traduzido em

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

vários idiomas, audioguias, página do facebook e livro de desenhos ilustrativos sobre o Santuário”.

Neste âmbito vamos destacar um Projeto desenvolvido na Biblioteca José Saramago em 2009, pela artista plástica *Tânia Bailão Lopes*, que vem ao encontro do que temos estamos a referir acerca das facilidades que os Recursos Audiovisuais proporcionam numa visita, a pessoas com necessidades especiais.

Neste Projeto a pintora tinha como objetivo dar a conhecer o seu trabalho a um Público bastante heterógeno, constituído por pessoas invisuais, pessoas normovisuais e pessoas surdas. Desta forma, a sua coleção de pintura foi dada a conhecer através de telas, quadros tácteis e de audioguias. A pintora salienta a importância da utilização dos audioguias, que foram extremamente vantajosos, pois permitiu a descrição das obras de arte, bem como das sensações que estas transmitem.

Relativamente á Documentação existente no Monumento, uma grande maioria dos visitantes considerou que esta era “insuficiente”. Além dos folhetos informativos, consideraram pertinente a “existência de outros suportes escritos sobre Panóias”, que pudessem ser “fornecidos durante o percurso”, sugerindo “receber um pequeno Guia com descrição da história e do local”, com “imagens interiores e exteriores” como “recordação da visita”.

Os inquiridos ressaltaram a pertinência de um maior número de “esclarecimentos adicionais” sobre “a época anterior aos Romanos”, “sobre o significado dos rituais da morte e ressurreição”, “povos indígenas” e “tipos de culto”. Salientam também que o “preço da documentação deveria ser mais acessível” e “a conceção de um site na internet seria algo muito positivo em termos de informação”.

Esta é uma ideia também partilhada por Semedo (2006:67), pois considera que “utilização das tecnologias de informação (...) ou a criação de websites são instrumentos que alargam o universo dos Públicos potenciais e permitem projetar a imagem do Museu, do seu Património e das suas atividades muito além dos meios de comunicação tradicionais”.

### **5.1.9. Avaliação das melhorias sentidas ao longo dos tempos**

Relativamente às melhorias sentidas ao longo do tempo, apenas três visitantes se manifestaram, uma vez que já tinham visitado o Santuário de Panóias anteriormente. Referiram que “foram feitas muitas melhorias e bons projetos”, sentiram “um aperfeiçoamento em relação às visitas anteriores” considerando-o um “local renovado”.

Os restantes visitantes não revelaram qualquer informação em relação a melhorias sentidas, uma vez que referiram ser a primeira vez que visitavam o Santuário de Panóias.

Neste âmbito o Responsável pelo Santuário de Panóias conclui que “ao longo dos anos foram introduzidas várias inovações no Santuário como

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

a vedação e a nova plataforma, entre outras. Algumas delas poderiam ter ocorrido mais cedo”.

Já o Guia considerou que as principais melhorias ocorreram ao nível do “filme explicativo, pois foi um momento marcante no Santuário, bem como a reconstrução do edifício que possibilitou melhores condições de acolhimento ao visitante”.

### **5.1.10. Avaliação do interesse para a Cultura e Sociedade Portuguesa**

Os visitantes consideraram o Santuário de Panóias “um local apaixonante e de grande importância para a Cultura Portuguesa”, referindo que “ficaram mais enriquecidos culturalmente” e “aprofundaram os seus conhecimentos sociais, culturais e religiosos”.

O Responsável pelo Santuário de Panóias sobre este tema afirma que “o Monumento sempre foi um local de grande simbolismo em termos históricos, salientando-se a introdução de novos cultos e o aparecimento do multiculturalismo.

Este Monumento esteve sempre relacionado com várias personagens que marcaram a História Portuguesa, tais como “Miguel Torga, que frequentava assiduamente o Santuário escrevendo textos sobre este, Sá Carneiro, Ramalho Eanes e Mário Soares”.

A visita ao Santuário de Panóias foi de “grande interesse histórico e arqueológico”, na medida em que permitiu aos visitantes “maiores conhecimentos históricos acerca dos nossos antepassados”, aprofundando-se “a história do paganismo refletida na vivência romana”, bem como dos “rituais e dos cultos dessa época”, esta foi a opinião de uma maioria dos inquiridos.

Conclui-se que a “visita é muito cultural e de enorme informação, não só do local, mas também da Romanização, e dos aspetos religiosos da civilização”. “Realçar a importância deste lugar é uma forma de podermos reencontrar o futuro”.

Nesse sentido e segundo a amostra analisada, “é necessário avançar com a investigação deste lugar, sobretudo a nível arqueológico, procurando mais elementos que concedessem uma maior singularidade ao Santuário”.



## **5.2. Melhorias a implementar**

Após a apresentação dos resultados do estudo, iremos apresentar um conjunto de melhorias que foram propostas quer pelo Responsável do Santuário de Panóias, durante a sua entrevista, quer pelos inquiridos, durante o preenchimento dos Inquéritos por Questionário.

Estas propostas tiveram como objetivo auxiliar o nosso trabalho de investigação de forma a que este se tornasse mais completo e fidedigno.

Relativamente ao Acolhimento, o Responsável pelo Santuário de Panóias tal como os inquiridos sugerem que “deveria existir mais um Guia, de forma a que todos os horários de visita ao Santuário de Panóias ficassem com acompanhamento”.

Em relação ao Profissionalismo dos Funcionários, considerou-se que “todos os funcionários deveriam possuir um maior grau de formação académica”.

Para melhorar a qualidade da Visita Guiada, o Responsável pelo Santuário de Panóias e os Inquiridos consideram que “deveria existir a possibilidade de realizar visitas com um número menor de visitantes por grupo”.

Ao nível das Acessibilidades Exteriores do Santuário, referem que “deveria ser implementado um percurso alternativo (não tão perigoso)”. Da mesma forma que sugerem um “parque de estacionamento pouco “formal”, mas que permitisse o acesso de camionetas de passageiros”.

Salienta-se ainda o facto de que “deveria existir uma maior informação junto à entrada do Santuário”, bem como “uma planta numerada do espaço para facilitar a circulação do visitante”.

Focando a questão da Limpeza e da Conservação do Santuário, o Responsável considera que “poderia ser realizado um estudo paisagístico que englobasse todo o Recinto, de forma a reordenar o espaço envolvente” e um “projeto de monotorização das inscrições de forma a retardar o “envelhecimento” do Monumento”, prospectivamente. Frisa ainda a importância de “melhorar os portões de entrada do Santuário” e de “implementar aquecimento nas instalações”.

Em termos de Divulgação, sugere ainda o “desenvolvimento de projetos de divulgação ao nível local e os estabelecimentos de parcerias com outras Instituições para realizar eventos como o da “Observação astronómica no Verão em Junho de 2010””.

Ao nível dos Recursos Didáticos, recomenda o “desenvolvimento de um filme mais pormenorizado e a sua comercialização”, bem como o desenvolvimento de uma “monografia sobre o Monumento e catálogo com imagens do mesmo, bem como uma reedição de literatura antiga sobre o Santuário”, de forma a intensificar a Informação fornecida aos visitantes pelo Santuário de Panóias.

***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

Por fim, o Responsável pelo Monumento e os inquiridos entendem que “a história do Santuário deveria ser mais divulgada e investigada”, como forma de projeção desta singularidade que é o Santuário de Panóias.

## **Capítulo VI**

### **Conclusão**

#### **6.1. Introdução**

Neste capítulo pretende-se apresentar, de modo sucinto, as principais conclusões resultantes da Investigação realizada, atendendo aos objetivos estabelecidos anteriormente.

Irá também ser divulgada uma proposta de Inquérito por Questionário (Anexo 8), que foi construída com base na Investigação realizada e, que poderá ser aplicado como instrumento de recolha de dados, prosseguindo-se posteriormente com o estudo.

#### **6.2. Conclusões**

Pela análise dos resultados obtidos acerca do tema em investigação – *“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”*, foi possível estabelecer as conclusões que se seguem.

Mediante a observação realizada no Santuário de Panóias, podemos concluir que o Acolhimento ao visitante é realizado em ótimas condições: o visitante é extremamente bem atendido, dispondo de todas as informações sobre o Monumento e respectiva visita.

No entanto, tal como o Responsável pelo Santuário de Panóias, considero pertinente a existência de mais um Guia, de forma a que em todos os horários seja assegurado o acompanhamento ao visitante.

A existência de mais um Guia seria o ideal, no sentido de possibilitar visitas com um menor número de visitantes e conseqüentemente um acompanhamento mais personalizado.

Relativamente ao Profissionalismo dos funcionários, é notória a grande dedicação, empenho, motivação e saber por parte do Guia. Este é dotado de vastos conhecimentos sobre o local e, de uma enorme capacidade para transmiti-los ao Público.

Esta é uma opinião também partilhada pelo Responsável do Santuário de Panóias e pela totalidade dos visitantes que constituíram a amostra analisada.

A Visita guiada foi muito bem orientada em termos de conteúdo e duração, sendo direcionada em função de o visitante ficar bastante familiarizado com a história do Santuário de Panóias.

No que concerne aos Acessos Exteriores do Santuário, considero que estes deveriam sofrer alguns ajustes, no sentido de deixarem de ser tão críticos em alguns pontos específicos, tais como inclinações acentuadas.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Alguns dos caminhos exteriores não estão adaptados a deficientes motores, pelo que sugiro uma adaptação do terreno ou construção de acessos que facilitassem a deslocação dos visitantes até à Plataforma em metal. Esta é uma opinião também partilhada pela maioria dos inquiridos que constituíram a amostra analisada.

Os Acessos Interiores do Santuário de Panóias são bastante confortáveis, existindo um percurso alternativo que evita a subida de escadas e permite uma circulação mais facilitada a deficientes físicos.

O Estacionamento deveria ser mais amplo, no sentido de ser possível a circulação e paragem de camionetas de passageiros. Esta sugestão foi também recomendada quer pelo Responsável do Santuário de Panóias, quer pelo público visitante que constitui a amostra inquirida.

A Sinalização Exterior ao Santuário de Panóias é insuficiente. Existem poucas placas a sinalizar o Monumento na cidade de Vila Real e nas estradas nacionais e municipais.

Seria fulcral a colocação de um maior número de placas informativas até ao Monumento. Esta é uma opinião partilhada pela totalidade dos visitantes que constituíram a amostra, uma vez que tiveram grandes dificuldades na deslocação até ao local.

A Sinalização Interior poderia ser mais ajustada, ou seja, deveria existir uma maior informação junto à entrada do Monumento. Desta forma sugiro, tal como o Responsável e alguns dos inquiridos, a existência de um mapa ou planta do local, com legendas explicativas, junto à entrada do Santuário de Panóias. Neste mapa deveriam ser identificados com números, os principais locais para que o visitante se orientasse de uma forma mais facilitada. Junto à entrada do Monumento, deveria ser colocado um placard com um conjunto de informações relevantes para o visitante, tais como: horário de funcionamento, preços, entre outras.

Esta sugestão iria também favorecer significativamente a Organização do espaço, em termos funcionais.

Ainda ao nível da Sinalização no interior do Santuário de Panóias, considero pertinente, tal como alguns dos visitantes, a existência de placas junto a cada Inscrição de forma a torná-las mais percetíveis.

Relativamente à Limpeza do Monumento considero que esta é excelente. Todo o espaço está extremamente limpo e bem cuidado, tal como confirmam uma grande maioria dos visitantes que foram abordados no âmbito deste estudo, tal como o Responsável pelo Monumento.

O Santuário de Panóias encontra-se muito bem conservado em termos de granito. Verifica-se um grande cuidado com o edifício existente, bem como com todo o espaço envolvente. Esta opinião é partilhada quer pela maioria dos visitantes que constituíram a amostra analisada, que felicitam o Santuário pelo trabalho de restauro do edifício, quer pelo Responsável que refere que são muitos os esforços realizados neste processo.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

A Vedação do recinto é um aspeto positivo do Santuário de Panóias, na medida em que o protege de possíveis atos de vandalismo, conferindo-lhe uma maior singularidade.

As Infraestruturas de Apoio são excelentes: salas de apoio, sala de visionamento do filme, bem como a casa típica onde é realizada a receção ao visitante. Considero que seria importante o aquecimento no interior das instalações, para um maior conforto durante a visita. Esta foi uma das sugestões de alguns dos inquiridos, bem como do Responsável pelo Santuário.

Por outro lado, apesar da estrutura metálica que dá acesso a uma das principais fragas ser bastante segura para qualquer adulto, considero que deveria possuir alguma proteção lateral, de forma a resguardar crianças pequenas.

Poderia também existir uma máquina de bebidas quentes e frias para usufruto dos visitantes. Esta foi uma das propostas dos muitos que constituíram a amostra analisada.

Os Vestígios Arqueológicos existentes são fantásticos e estão extremamente bem conservados, conferindo uma grande singularidade ao Santuário.

Apesar de o Santuário de Panóias possuir algumas fontes de Divulgação (página no facebook, vídeo no Youtube e folheto informativo), considero que estes materiais são insuficientes, na medida em que se verifica um forte desconhecimento por parte da população em relação à existência deste Monumento.

Neste sentido, o Monumento deveria ser mais divulgado a nível local (Posto de turismo, Casas de turismo rural, Monumentos), nacional e internacional; bem como seria fundamental o estabelecimento de parcerias com escolas do ensino básico e secundário, universidades nacionais e internacionais, e outras instituições locais e nacionais relacionadas com o Turismo e Cultura, de forma a projetar este Monumento, através da realização de eventos locais, nacionais e internacionais.

Esta foi também uma sugestão referenciada pelo Responsável do Santuário de Panóias, uma vez que no ano passado foi realizado o evento “Observação Astronómica no Verão” em parceria com outra instituição, bem como de outros visitantes que consideram que o Santuário de Panóias deveria ser divulgado a “um maior número de públicos”.

Os Recursos Didáticos estão muito bem conseguidos: o filme de apresentação é excelente, muito claro e informativo; o audioguia é muito útil a qualquer visitante nacional ou estrangeiro, pois permite um acompanhamento mais personalizado em termos explicativos, na medida em que a informação transmitida é muito clara; o folheto informativo possui informações e explicações muito úteis em vários idiomas,

No entanto seria pertinente o filme de apresentação ser legendado em inglês, para uma maior compreensão de visitantes estrangeiros, e

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

poderia ser comercializado. Esta foi também uma sugestão mencionada por alguns dos visitantes inquiridos.

A Informação fornecida pelo Santuário de Panóias, através do material de apoio é suficiente Destaca-se essencialmente o Guia sobre o monumento, ilustrado com imagens e explicações sobre o mesmo, sendo traduzido em vários idiomas.

Considero muito importante uma revisão do Folheto informativo entregue gratuitamente a cada visitante, tornando-o mais atrativo e atualizado. Seria também interessante e lucrativo, a existência de literatura sobre Panóias como forma de dar a conhecer a história dos antepassados deste marco simbólico da história nacional.

Avalio o Santuário de Panóias como um grande pilar para a Cultura e Sociedade Portuguesa, pela sua riqueza em termos históricos e arqueológicos, remetendo-nos aos nossos antepassados, aguçando-nos desta forma, a vontade de uma investigação mais aprofundada sobre o local, como forma de projetarmos no futuro a importância de reviver e de dar a conhecer esta riqueza única.

O Santuário de Panóias caracteriza-se por ser uma Instituição dinâmica, em constante mutação e aperfeiçoamento, cada vez mais adequada às expectativas do seu Público.

O resultado desta Investigação vem confirmar a importância destes Monumentos no processo de enriquecimento cultural dos seus visitantes, uma vez que lhes faculta a possibilidade de desenvolverem competências imprescindíveis em contextos diferenciados.

Além de potenciarem um forte enriquecimento em termos culturais, não podemos deixar e salientar a sua importância enquanto locais que complementam a função da Instituição Escolar, na medida em que proporcionam aos alunos um vasto leque de saberes não apreendidos em espaços formais.

Não é tão importante adquirir o conhecimento acabado, mas muito mais o desenvolver competências que permitam aos nossos alunos construir o conhecimento, ou seja, tornarem-se cidadãos capazes de assumir as suas ações de uma forma “autónoma” e participativa.

Reconhecemos que o Santuário de Panóias é um espaço pedagógico por excelência, que reafirma a identidade local, recupera tradições atualmente em declínio, promove a Cultura local e reforça a autoestima das populações residentes, constituindo um foco dinamizador de Cultura e de desenvolvimento.

A valorização deste Património Cultural associado à sua projeção nacional e internacional, serão a chave de promoção ao desenvolvimento local.

Do ponto de vista económico, esperam-se resultados ao nível do acréscimo das receitas das atividades relacionadas com o turismo; o estímulo ao aparecimento de novas empresas turísticas, promovendo e

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

diversificando a economia local, encorajando à produção de bens e produtos locais, a melhoria da oferta de serviços e equipamentos.

Os benefícios passam também pela promoção do bem-estar, pelo apoio à educação ambiental para visitantes e locais e pelo estimular do desenvolvimento e valorização da cultura.

Em suma, podemos afirmar que este espaço histórico segue os pressupostos apresentados pela Nova Museologia, assumindo-se como uma instituição com um vasto leque de funções de natureza pedagógica, cultural, social, de preservação de valores, de desenvolvimento local e de fator capaz de atrair fluxos turísticos nacionais

## **Capítulo VII**

### **Bibliografia**

- Albarello, L. et al. (1997). Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais – Trajectos. Lisboa: Gradiva,p.84-116.
- Alexander, C. (2000). Sociologia cultural. Formas de classificação en las sociedades complejas. In Region y Sociedad. Vol.VIII,p.219- 226. Espanha: Editorial Anthropos.
- Ander-Egg, E. (1999). La educación de adultos como organización para el desarrollo social: precisiones conceptuales e históricas: dos propuestas entre otras. In La educación de adultos como organización para el desarrollo social,p.5-37. Buenos Aires: Magisterio del Río de la Plata.
- Baptista, I. (2001). Educação Social: um espaço profissional com valor e com sentido. In Espaço (s) de Construção de Identidade Profissional, p.1-127. Porto: Universidade Portucalense.
- Barata, F. (2002). Preservando a memória do território: O parque natural de Tourega/Valverde. Évora: Edição do Centro de Ecossistemas Mediterrânicos, Universidade de Évora,p.1-164.
- Bourdieu, P. & Passeron, J. (1979). La reproduction – elementos para uma teoria del sistema de enseñanza. Barcelona: Editorial Laia, SA, p. 1-288.
- Bourdieu, P. (2005). A distinção crítica social do julgamento. Porto Alegre: Editora Zouk, p.1-503.
- Brant, L. (2002) Faces da Cultura: Desenvolvimento Social e Investimento Cultural Privado. In Revista Ide Estudos Históricos,nº 50, p.1-31.Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Canastra, F. (2007). O perfil formativo profissional do educador Social: Um estudo a partir das narrativas experienciais de autoformação. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, especialidade Educação Pessoal, Social e Comunitária. Lisboa: Universidade Aberta. P.1-397.
- Cardoso, A. (2006). Alguns desafios que se colocam à Educação Social. In Cadernos de Estudo, n.º 3, p.7-15. Porto: ESE de Paula Frassinetti.



## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

- Caride, J. (2005). La animacion sociocultural y desarrollo comunitário como educación social. In Revista Educación, nº 336, pp. 73-88. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). Metodologia da Investigação: Guia para Auto – aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta, p.1-354.
- Cassola, L. (1990). Turismo y ambiente. México: Ed. Trillas, p.1-50.
- Cavaco, C. (2002). Aprender Fora da Escola – Percursos de Formação Experiencial. Lisboa: Educa, p.1-130.
- Carvalho, J. (1999) Filosofia da cultura: Delfim Santos e o pensamento contemporâneo. Porto Alegre: Edipucrs, p.1-150.
- CEA, Conceito Europeu de Acessibilidade, (2005). Manual de Assistência Técnica. In cadernos SNR. p.1-111. Lisboa: SNRIPD.
- Certeau, M. (1993), La culture au pluriel. Paris, Éditions Minuit, p.1-10.
- Chagas, I. (1993). Aprendizagem não formal/formal das ciências: Relações entre museus de ciência e escolas. In Revista de Educação, 3 (1), p. 51-59. Lisboa: Departamento de Educação Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Comissão Europeia. (2000). Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida SEC (2000) 1832, Bruxelas.
- Comissão Europeia. (2004). Decision of the European Parliament and of the Council Establishing an Integrated Action Programme in the Field of Lifelong Learning. COM (2004) 474 final. Brussels.
- Conferência Internacional sobre Conservação (2000). Carta de Cracóvia sobre Princípios de Conservação e Restauro do Património construído.
- Conselho da Europa (1985). Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitectónico da Europa. Granada.
- Conselho da Europa. (2003). Draft Recommendation on the Promotion and Recognition of Non-Formal Education/Learning of Young People, European Steering Committee for Youth. (CDEJ), Strasbourg.
- Conselho da Europa (2005). Convenção de Faro. Faro.
- Cordovil, M.(1993). Sobre o conceito de Museologia Social: Novos Museus, Novos Perfis Profissionais. In Cadernos de Museologia nº 1, p. 12-19. Lisboa: ULHT.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

- Costa, A. (2004). Dos públicos da cultura aos modos de relação com a cultura: algumas questões teóricas e metodológicas para uma agenda de investigação. In AAVV – Públicos da Cultura, p.93-121. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais. Lisboa.
- Costa, J. & Lacerda, T. (2007). A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII) In Portugal Intercultural, p:1-160 Lisboa:ACIME.
- Cuyas, E. (2003). Libro Blanco de la acessibilidade. Barcelona: Adicionas UPC, p.1-197.
- Damas, M. J. & De Ketele, JM. (1985). Observar para avaliar. Coimbra: Livraria Almedina, p.1-182.
- Declaração de Santiago do Chile, 1972.
- Delors, J. (et al.) (1996). Educação: um tesouro a descobrir-relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 1ª ed. Brasília: Edições Asa, p.1-281.
- De Ketele, J.M. & Rogiers, X. (1999). Metodologia da Recolha de Dados. Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de documentos. Lisboa: Instituto Piaget, p.1-258.
- Denys C. (1999). A noção de cultura para as Ciências Sociais. Lisboa: Fim de Século, p.1-130.
- Donald, N. (1998). The Psychology of Everyday Things. U.S.A.: Basic Books, p.1-249.
- Duis, U. (2010). La valorización cultural, social y turística de los recursos culturales y naturales como instrumento para la planificación turística, la conservación del Paisaje Cultural Cafetero y el desarrollo sostenible del territorio turístico. In Turismo y Sociedad, p.1-12. Colômbia: Facultad de Administración de Empresas Turísticas y Hoteleras.
- Durkheim, E. (2011). Educação e Sociologia. Lisboa: Edições 70, p.1-136.
- Fabiani, J. (2002). Le public et sa legend: Avignon. Le public réinventé. Le Festival sous le regard des sciences sociales. Paris: La Documentation Française, p.31-51.
- Falk, J. & Dierking, D. (1992). The Museum experience. Washington DC: Whalesback Books, p.1-205.

**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

- Falk, J.; Koram, J. & Dierking, D. (1986). The things of science: Assessing the Learning Potential of Science Museums. In *SCI Education*, 81, p.763-779. Washington DC: Whalesback Books.
- Faria, M. & Lorena, M. (2007). Fórum Arquitectura Acessível. Porto: OASRN,p.1-21.
- Faro, S. (2009). Museu ao alcance das nossas mãos. In *Actas, Museus e Sociedade*,p.1-64. Caminha: Câmara Municipal de Caminha.
- Fernandez, L. (1999). "Introducción a la nueva Museologia". Madrid: Alianza Editorial, S.A.,p.1-208.
- Forquin, C. (1989). École et culture. Le point de vue des sociologues britanniques. Bruxelles: Ed. De Boeck Université,p.1-247.
- Fragoso, A. (2000). Avaliação de Projetos Sociais: O Caso do Projeto “Entre-mães”. In *Revista de Educação*, vol. IX, nº2,p-15-25. Lisboa: FCUL.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Ed. Paz e Terra,p.1-54.
- Freire, P (2004). *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte e Ciência,p.1-138.
- Gadotti, M, (2003). *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. São Paulo: Atica,p.1-160.
- Gardner, H. (1991). *The unschooled mind*. New York: Pasic Books, p.1-92.
- Giddens, A. (1999). *A Terceira Via*. Lisboa: Ed. Presença,p.1-144.
- Giddens, A. (2000). *Sociologia*. Madrid: Alianza Editorial S.A, p. 1-725.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora,p.1-336.
- Gohn, G. (1999). *A educação não-formal e cultura política. Impactos sobre o associativismo do terceiro sector* . São Paulo: Cortez, p.1-120.
- Gohn, M. (2006). *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. In *Ensaio*,Vol.14,nº50, p. 27-38 Jan/Mar. Rio de Janeiro
- Gohn, G.(2009). *Educação não-formal, educador social e projetos sociais de inclusão social*. In *Meta: Avaliação*, nº. 1, vol. 1, p. 28-43, Rio de Janeiro.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

- Gomes, R. (2004). A Distinção Banalizada? Perfis Sociais dos Públicos da Cultura. In AAVV., Os Públicos da Cultura p. 31-41. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.
- Gómez, J.A. & Cartea, P. (1995). A Perspectiva Ecológica: Referência para o Conhecimento e a Práxis Educativa. In Carvalho, A. et al. (org.). Novas Metodologias em Educação,p.70-85. Porto: Porto Editora, Lda.
- Guerreiro, M. (2003). Educação Ambiental em Áreas Protegidas: Avaliação do Impacto de Acções Educativas em Alunos do Ensino Básico. Dissertação de mestrado (não publicada), Faculdade de Ciências do Mar e do Ambiente. Universidade do Algarve.
- Hamilton, F.(2003). Políticas públicas de cultura e desenvolvimento humano nas cidades. In Brant L. (org.) (2003). Políticas culturais, vol. 1. S. Paulo: Monole,p.1-120.
- ICOMOS (1996). Carta de Veneza: Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios,1964. In Textos Fundamentais, nº 1, Évora.
- ICOMOS (2003). Recomendações para a análise, conservação e restauro do património arquitetónico. In Universidade do Minho, Departamento de Engenharia Civil.
- ICOMOS (2008). Carta dos itinerários culturais. Canadá.
- ICOMOS (1999). Carta do turismo cultural, 1976. In Cadernos de Museologia,nº15.
- ICON, (2004). Como Gerir um Museu: Manual Prático. França: UNESCO.
- IGESPAR, IP.(2009). Carta de Bruxelas sobre o papel do património cultural na economia, e para a criação de uma rede europeia de seu reconhecimento e divulgação.
- IGESPAR,IP. (2009). Declaração de Viena: Um Incentivo ao Património em período de recessão económica.
- Inglis, C. (1995). Multiculturalism: New policy responses to diversity. MOST –Management of Social Transformations. UNESCO,p.1-55.
- Instituto Português de Museus (2004). Temas de Museologia Museus e acessibilidade. Lisboa: IPM,p.1-117.
- Jause, H. (1970). Literary History as a Challenge to Literary Theory. In New Literaty History, vol.2, nº1, p. 1-25.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

- Jorge, V. (2000). Património e Identidade Nacional. In Engenharia Civil, nº9, p.1-8. Évora: Universidade de Évora.
- Kayser, B. (1994). La cultura un incentivo para el desarrollo local. In Revista Leader, nº 8, p. 5-9.
- Klamer, A. (2000). A Reevaluation of Values. In Economics. Quarterly Journal of Budapest University of Economics Sciences, Vol. XXI, No.4, p.30-45.
- Koptche, A. (2003). Análise da parceria museu-escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In Gouvêa, G; Marandino, M & Meal, C. (Org). A construção social do carácter educativo dos Museus de Ciência. Rio de Janeiro: Acess, p.1-18.
- Lei do Património Cultural: Lei n.º 107/2001 de 8 de Setembro.
- Leite, C.(1997). As palavras mais do que os atos? O multiculturalismo no sistema educativo português. Tese de doutoramento Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação,UP.
- Lopes, J. (2000). A Cidade e a Cultura. Um estudo sobre práticas culturais urbanas. Porto: Edições Afrontamento, p.1-392.
- Lopes, J. (2004). Experiência Estética e Formação de Públicos. In AA VV., Os Públicos da Cultura, p. 43-54. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.
- Lopes, J. (2005). Estranho no Museu. In Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 49, p.1-7. Porto: Edições Afrontamento.
- Lopes, J. & Aibéo, B. (2007). Os Públicos da cultura em Santa Maria da Feira: Resultados preliminares de uma pesquisa. Porto: Edições Afrontamento, p.1-16.
- Manontoff, A. (2010). Poblaciones sin fronteras y valorización del patrimonio cultural intangibles: el caso de los gitanos. In Teoria y Praxis, nº 8, p. 157-169. Perpignan-Via Domitia: Universidad de Perpignan-Via Domitia – Institut Catalan de Recherches en Sciences Sociales
- Marandino, A. (2002). Biologia nos Museus de ciências: a questão dos textos em bioexposições. In Ciências & Educação, nº 8, p.187- 202.
- Marcousi, H. (1973). La transformation des musées dans un monde en transformation. In UNESCO (Ed.). Musées, imagination et éducation pp.147-162. Paris: UNESCO.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

- Marques, R. (2003). Políticas de gestão da diversidade étnicocultural: Da assimilação ao multiculturalismo, p.1-21. ACIDI.
- Martín Gil, F. (1998). Turismo y economía en las ciudades históricas españolas, n.º.47, p. 267-280. ERÍA.
- Matoso, R. (2010). Cultura e Desenvolvimento Humano Sustentável, p.1-133.
- Mendes, J. (1999). O Museu na comunidade: património, identidade e desenvolvimento. In *Gestão e Desenvolvimento*, n.º 8; p. 217-231. Viseu: Universidade Católica Portuguesa.
- Menguin, J. & Masson, G. (1989). *Guide du développement local et du développement social*. Paris: L'Harmattan, p.1-9.
- Merriam, B. (1988). *Case Study Research in Education: A Qualitative Approach*. San Francisco: Jossey-Bass, p.1-226.
- Molina, J. (2003). *Dar (la) palabra. Deseo, don y etica em educación social*. Barcelona: Gedisa, p.1-189.
- Morand-Aymon, B. (2007). *Olhares cruzados sobre a educação nãoformal – análise de práticas e recomendações*. Lisboa: Direção Geral de Formação Vocacional, p.1-72.
- Moreira, J. (1999). O processo de criação de um museu local. In *Cadernos de sociomuseologia* n.º.25, p.41-62. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Moreira, A. & Silva, T. (Org.) (1997). *Currículo, cultura e sociedade*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, p.1-154.
- Nabais, A. (1985). The development of ecomuseums. In *Portugal. Museum*, n.º. 148, p. 211-216.
- Neves, J. (2006). Museus acessíveis... museus para todos. In Santos, M. *Turismo Cultural, Territórios e Identidades*. Leiria: Edições Afrontamento & IPL. p.107-122.
- Neves, J. (2010). Comunicação Multi-Sensorial em contexto Museológico. *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Vol. 2*, p. 180-192.
- Neves, J. & Santos, J. (2006). Os Museus em Portugal no período de 2000-2005: Dinâmicas e tendências. In *Observatório das Actividades Culturais*, p.1-24. Lisboa.

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

- Padilla, J. (2001). Conceptos de Museos y Centros Interativos In Crestana, S. (Coord e Org) Hamburguer, W.; Silva, M & Mascarenhas, S.(outros org). Educação para a Ciência: Curso para treinamento em Centros e Museus de Ciências,p.30-45. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Pallonino, M. & Yeckting, F. (2005). Municipalidades Rurales del Perú y su trabajo de puesta en valor de los Activo Culturales. Perú: Instituto de Estudios peruanos, p. 1-46.
- Petrus, A. (coord) (1997). Pedagogia social. Barcelona: Ariel,p.1-296.
- Pinto, M. (2005). Sobre Educação não-formal. In Cadernos InEducar,p.1-7. Lisboa.
- Pombo, O.; Guimarães, M. & Levy, M. (1993). A interdisciplinaridade: reflexão e experiência. Lisboa: Texto Editora,p.1-96.
- Primo, J. (1999). Pensar contemporaneamente a Museologia. In Cadernos de Sociomuseologia, nº 16, p.1-28. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Proctor, D. (1973). Musées, enseignants, étudiants, enfants In UNESCO (Ed.). “Musées, imagination et éducation”, p. 25-32. Paris: UNESCO.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (2003). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva,p.1-284.
- Reunião dos Líderes do G-8 (2000). Declaração de Okinawa.
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 63-A/2007, art.º 58. “Plano para a Integração dos Imigrantes”.
- Ribeiro, A. (1998). A cultura em Portugal no final do século: entre a abundância e a miséria. In Observatório das Atividades Culturais, nº3, p.4-6. Lisboa.
- Rocha, A. (1999). Avaliação de Escolas. Porto: Edições Asa,p.1-288.
- Rogers, C. (1978). Tornar-se pessoa. Lisboa: Moraes Editora,p.1-480.
- Ruiz, C. (Coord) (2003). Educación Social. Viejos usos y nuevos retos. Valência: Universitat de Valência, p.1-328.
- Ruiz, C. (2006). Historia y evolucion del pensamiento científico. Mexico,p.1-162. Acedido a 30/03/2012 em [www.monografias.com/trabajos.pdf/historia-pensamiento.cientifico/historia-pensamiento.cientifico.shtml](http://www.monografias.com/trabajos.pdf/historia-pensamiento.cientifico/historia-pensamiento.cientifico.shtml).

**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

- Ruiz, C. (2007). La psicología Y sus aplicaciones. México, p.1-162.
- Sacristán, G. (1999). Poderes instáveis em educação. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, p.1-287.
- Sandell, R (2003). Means to an End: Museums and the combating of social inequality . In Semedo, A. et al (2003). A cultura em ação-impactos sociais e território, p.63-67. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, C. (1996). Uma Abordagem Museológica do Contexto Urbano. In Cadernos de Sociomuseologia, nº 5, p. 40-65. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Santos, H. (2003). A propósito dos públicos culturais: uma reflexão ilustrada para um caso português. In Revista Crítica de Ciências Sociais, nº.67, p.75-97.
- Santos, H. (2004). Labirintos: alguns contextos actuais dos públicos da cultura, com ilustração empírica portuguesa. In Gomes, R. (coord. técnico), Públicos da Cultura, p.153-162. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais.
- Santos, L. (1998). As políticas culturais em Portugal. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais, p.1-5.
- Salvado, A. (1976). Museu e comunidade. In Estudos de Castelo Branco, nº3, p.1-10. Castelo Branco.
- Sarramona, J. , Vázquez, G. & Colon, J. (1998). Educación no formal. Barcelona: Editorial Ariel, SA., p.1-240.
- Semedo, A. (2003). O Panorama profissional museológico português. Algumas considerações. In Revista da Faculdade de Letras, Ciência e Técnicas do Património, série I, vol. 2, p. 165-181. Porto.
- Semedo A., Domingues A. & Teixeira Lopes J. (2003). Esboço de pesquisa: os impactos sociais da Oferta cultural. In In Semedo, A. et al. (orgs.) – A Cultura em Acção: Impactos sociais e território. Porto: Edições Afrontamento, p.63-67.
- Sepúlved-Koptcke, L. (2002). Analisando a dinâmica da relação museu-educação formal. e não-formal na dimensão educativa do museu In Caderno Museu da Vida, p. 16-25. Rio de Janeiro.
- Setúbal, M. (2010). Diálogos entre cultura e educação na escola. In Educar para crescer, nº10, p.1-5. Brasil: Editora Abril.



## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

- Smith, D. (2003). Museums and Verbal Description. In A Research Project of the Art Education Department, p-1-15. Finland: Jyväskylä Univeristy.
- Soulet, M. (2005). Une solidarité de responsabilisation? Le travail social en débat, p. 86-103. Paris: La découverte.
- Sousa, M; Otani, M & Verdi, A. (2010). Valorização da cultura italiana e o consumo de vinho artesanal. In Informações Econômicas, vol.40, nº6,p.1-12. São Paulo.
- Simson, O. (2001). Educação não-formal: cenários da criação. Editora Unicamp,p.1-315.
- Szpakowski, A. (1973). Collaboration between Museum and School In Museums, Imagination and Education, p.1-142. Paris: UNESCO.
- Tuckman, B.W. (2000). Manual de Investigação em Educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,p.1-742.
- UNESCO (1986). Musées de sciences et de technologies In Museum, 38 (2), Paris.
- UNESCO (2001). Declaração Universal da UNESCO sobre a diversidade cultural, Adoptada pela 31<sup>a</sup> Sessão da Conferência Geral da UNESCO, Paris.
- UNESCO (2002). Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural,Brasil.
- UNESCO (2007). Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais. Brasil.
- UNESCO (2010). Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial, Centro do Património Mundial, Lisboa.
- UNESCO (2010). Convenção para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial, Paris.
- Varine, H. (1996). Respostas de Hugues de Varine a Mário Chagas. In Cadernos de Sociomuseologia, vol.5, nº5,p.1-14. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
- Vásquez, G. (1998).La educación no formal y otros conceptos próximos. In Sarramona, J., Vázquez, G. & Antoni J. Educación no formal. Barcelona: Ariel Educación,p.11-25.

**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Vinuesa, M. (2003). Patrimonio Cultural: Valorización económica y reutilización funcional. Madrid: Universidad Complutense de Madrid,p.1-20.

Verhelst, T. (1994). Las Funciones Sociales de la Cultura. In Cultura y Desarrollo Rural, nº8, p.1-10.

Vlachou, M. (2011). Por falar em 'novos' públicos... Acedido a 30/04/2012 em [www.musingonculture.com](http://www.musingonculture.com).

Warner, M. (2002). Publics and Counterpublics. In Quarterly Journal of Speech, Vol.88, nº4, p. 413-425. New York: Zone Book.

# Anexos

## Anexo 1

### Inquérito por Questionário 1



SANTUÁRIO DE PANÓIAS  
VILA REAL

#### FICHA DE AVALIAÇÃO DA VISITA

ASPECTOS POSITIVOS:

O braço é muito mais competente e o  
público é extraordinário

ASPECTOS A MELHORAR:

Divulgação ao País.

EM TERMOS GLOBAIS, COMO CLASSIFICA ESTA VISITA:

MUITO FRACO

SUFICIENTE

BOM

MUITO BOM


NOME / INSTITUIÇÃO: BPT

MORADA: R. Cavalho Branco - Alameda

DATA: 7/06/08

**Anexo**

**Inquérito por questionário B**



**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**DIRECÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO NORTE**

**SANTUÁRIO DE PANÓIAS**

M.N. Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910  
PROPRIEDADE DO ESTADO, AFECTO À DRCN

FICHA DE AVALIAÇÃO DA VISITA TOUR APPRAISAL QUESTIONNAIRE	Muito fraco Very Poor	Razoável Reasonable	Bom Good	Muito bom Very good	Comentário/Sugestões Comment/Suggestions
Acessibilidades Accessibilities			X		
Instalações (conforto, condições, material) Facilities (comfort, conditions, material)				X	
Atendimento ao Público Service to the general public				X	
Material de apoio (filme, desdobráveis, áudiosguias) Support material (film, brochures, audloguides)				X	
Interpretação do sítio (facilidade em compreender o sítio) Interpretation of the site			X		

EM TERMOS GLOBAIS, COMO CLASSIFICA ESTA VISITA:  Muito fraco  Razoável  Bom  Muito bom

GLOBALY, HOW WOULD YOU CLASSIFY THE TOUR:  Very Poor  Reasonable  Good  Very good

NOME / INSTITUIÇÃO: Instituto Nun'Alves      PROFISSÃO: \_\_\_\_\_  
 NAME / INSTITUTION: \_\_\_\_\_      PROFESSION: \_\_\_\_\_  
 LOCALIDADE/MORADA: Santa Tinsó      EMAIL: \_\_\_\_\_      DATA: 13/05/2011  
 PLACE OF ORIGIN/ADDRESS: \_\_\_\_\_      DATE: \_\_\_\_\_

www.culturanorte.pt

### **Anexo 3**

#### **Entrevista A – Dirigida ao Responsável pelo Santuário de Panóias**

**1. Quanto ao acolhimento ao visitante, na sua opinião: quais os:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar

**2. Quanto ao profissionalismo dos funcionários, na sua opinião quais os:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar.

**3. Quanto à organização da visita guiada e ao profissionalismo do guia, na sua opinião quais os:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar

**4. Quanto aos acessos interiores e exteriores do Santuário de Panóias, na sua opinião quais os:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar

**5. Quanto ao estacionamento no Santuário de Panóias, na sua opinião quais os:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar.

**6. Quanto à sinalética interna e externa do Santuário de Panóias, na sua opinião quais os:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar.

**7. Quanto à Limpeza do Santuário de Panóias, na sua opinião quais:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar

**8. Quanto à Conservação do Santuário de Panóias, na sua opinião quais:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar

**9. Quanto à Organização do espaço, na sua opinião quais:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar

**10. Quanto é Vedação do Santuário de Panóias, na sua opinião quais:**

- Aspectos positivos da Vedação
- Aspectos negativos da Vedação
- Melhorias a implementar

**11. Quanto às Infraestruturas de Apoio, na sua opinião quais:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar

**12. Quanto aos Vestígios Arqueológicos, na sua opinião quais:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar

**13. Quanto à Divulgação do Santuário de Panóias, na sua opinião:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar

**14. Quanto aos Recursos Didáticos, na sua opinião quais:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar



**15. Quanto à Informação fornecida pelo Santuário de Panóias, na sua opinião quais:**

- Aspectos positivos da Informação
- Aspectos negativos da Informação
- Melhorias a implementar

**16. “Quanto às Melhorias sentidas pelos visitantes, na sua opinião quais:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar

**17. “Quanto ao interesse do Santuário de Panóias para a Cultura e Sociedade portuguesa, na sua opinião quais:**

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Melhorias a implementar

## **Anexo 4**

### **Entrevista B – Dirigida ao Guia do Santuário de Panóias**

- **Acolhimento**

1. Quais as principais dificuldades sentidas durante o processo de Acolhimento ao visitante?
2. O que é que o visitante procura no Acolhimento?
3. Que melhorias poderiam ser implementadas no processo de Acolhimento ao visitante?

- **Visita guiada:**

1. Qual a parte da Visita guiada os visitantes mais gostam?
2. Quais as principais perguntas que lhe colocam durante a visita?
3. Quais as principais dificuldades sentidas ao longo da Visita guiada?
4. Que melhorias poderiam ser implementadas na organização da Visita guiada?

- **Acessibilidades:**

1. Qual a sua opinião em relação aos acessos ao Santuário de Panóias?
2. Quais as principais dificuldades sentidas pelos visitantes nesses acessos?
3. Que melhorias poderiam ser implementadas nos acessos exteriores ao Santuário de Panóias?
4. Qual a sua opinião em relação aos acessos interiores do Santuário de Panóias?
5. Quais as principais dificuldades sentidas pelos visitantes nesses acessos?
6. Que melhorias poderiam ser implementadas nos acessos interiores do Santuário de Panóias?

- **Estacionamento:**

## **“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

1. Qual a sua opinião em relação ao estacionamento?
2. Quais as principais dificuldades sentidas pelos visitantes em relação ao estacionamento?
3. O que poderia ser melhorado?

### **• Sinalética:**

1. Considera a sinalização até ao Santuário de Panóias é suficiente e orientadora?
2. Em relação à sinalização no interior do monumento qual a sua opinião?
3. Quais as principais dificuldades sentidas pelos visitantes em relação à sinalização exterior e interior?

### **• Limpeza:**

1. Quais as suas principais dificuldades na limpeza do Santuário de Panóias?
2. O que poderia ser melhorado?

### **• Conservação do Monumento:**

1. Qual a sua opinião em relação á conservação do Monumento?
2. Que esforços têm sido feitos para mantê-lo conservado?
3. Que melhorias poderiam ser implementadas a este nível?
4. Que procedimentos têm na manutenção e conservação dos vestígios arqueológicos?
5. Qual a opinião dos visitantes em relação aos Vestígios arqueológicos?

### **• Vedação:**

1. Qual a sua opinião em relação á vedação do recinto?

### **• Infraestruturas de apoio:**

1. Qual a sua opinião em relação às Estruturas de apoio existentes?

## ***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

2. O que poderia ser melhorado a este nível?
3. Qual a opinião dos visitantes acerca das infraestruturas de apoio?

### **• Divulgação:**

1. Na sua opinião o Santuário de Panóias está bem divulgado a nível nacional?
2. A nível local existe informação suficiente acerca do Monumento?
3. Que melhorias poderiam ser introduzidas a este nível?

### **• Recursos didáticos:**

1. Qual a opinião dos visitantes acerca do filme introdutório?
2. Quais os principais comentários que fazem acerca deste filme?
3. Qual a sua opinião acerca do filme?
4. Considera que o Audioguia é importante para os visitantes estrangeiros durante a visita?
5. Qual a opinião dos visitantes acerca do Audioguia?
6. O que poderia ser melhorado no Audioguia?
7. Quais as principais críticas que os visitantes fazem em relação ao Guia sobre monumento?
8. O que poderia ser melhorado neste Guia

### **• Melhorias sentidas:**

1. Quais as principais melhorias sentidas no Santuário de Panóias ao longo dos anos?
2. Que mudanças gostaria de ver implementadas?

## Anexo 5

### Grelha de observação

Nesta grelha foi utilizada a seguinte escala:

- Muito bom
- Bom
- Suficiente
- Insuficiente

<b>Categorias</b>	<b>Avaliação</b>	<b>Observação</b>
<b>Acolhimento</b>	Muito bom	As condições em que é feito o acolhimento ao visitante são excelentes.
<b>Profissionalismo dos funcionários</b>	Muito bom	O funcionário é extremamente simpático e amável. Verifica-se uma grande dedicação e empenho deste em relação ao Santuário de Panóias.
<b>Visita guiada</b>	Muito bom	A visita é guiada está muito bem organizada em termos de conteúdo e duração. O visitante fica bastante esclarecido, na medida em que o guia proporciona momentos de profundos esclarecimentos sobre a história do monumento.
<b>Acessibilidades</b>	Bom	Os acessos exteriores do Santuário de Panóias são bons, apesar de existirem locais mais “perigosos” em termos de circulação. Estes acessos deveriam estar mais bem preparados para receber deficientes físicos.  Os acessos internos do Santuário de Panóias são bons, existindo uma alternativa em termos de circulação interna destinada a deficientes físicos.
<b>Estacionamento</b>	Suficiente	O estacionamento deveria ser mais amplo, de forma a permitir a paragem e a circulação de camionetas de passageiro.
<b>Sinalética</b>	Insuficiente	A sinalização exterior é insuficiente. Existem poucas placas a sinalizar o monumento na cidade de Vila Real e nas estradas nacionais e municipais.  A sinalização interior deveria ser mais ajustada ao local: deveria existir uma maior informação junto á entrada do monumento; deveriam existir placas junto a cada inscrição de forma a torná-las mais perceptíveis.
<b>Limpeza</b>	Muito bom	A limpeza do Santuário de Panóias é excelente.

**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

<b>Conservação do Santuário de Panóias</b>	Muito bom	O monumento encontra-se muito bem conservado.
<b>Organização do espaço</b>	Bom	O espaço encontra-se bem organizado. Apenas deveria existir uma planta informativa à entrada do monumento to, de forma a facilitar a circulação no mesmo.
<b>Vedação</b>	Muito bom	A vedação é um dos aspetos muito positivos do Santuário, na medida em que o protege de possíveis atos de vandalismo, conferindo-lhe uma maior singularidade.
<b>Infraestruturas de apoio</b>	Muito bom	As infraestruturas de apoio são excelentes: salas de apoio, sala de visionamento do filme. A casa típica onde é realizada a receção ao visitante é excelente.
<b>Vestígios arqueológicos</b>	Muito bom	Os vestígios arqueológicos existentes são fantásticos e estão extremamente bem conservados, conferindo uma grande singularidade ao Santuário.
<b>Divulgação</b>	Insuficiente	Apesar de o Santuário de Panóias possuir algumas fontes de divulgação (página no facebook, vídeo no Youtube, folheto informativo) deveria estar mais divulgado a nível local (Posto de turismo, Casas de turismo rural, monumentos), nacional e internacional.
<b>Recursos didáticos</b>	Muito bom	Os recursos didáticos estão muito bem conseguidos: o filme de apresentação é excelente, muito claro e informativo; o audioguia é muito útil a qualquer visitante nacional ou estrangeiro, pois permite um acompanhamento mais personalizado em termos explicativos, a informação transmitida é muito clara; o folheto informativo possui informações e explicações muito úteis em vários idiomas,
<b>Informação fornecida pelo Santuário de Panóias</b>	Muito bom	O material de apoio é suficiente e bastante esclarecedor: guia sobre o monumento e outros materiais de apoio.
<b>Melhorias sentidas</b>		
<b>Interesse do Santuário para a cultura e sociedade portuguesa</b>	Muito bom	Monumento com uma história muito rica em termos históricos, arqueológicos e culturais.

## Anexo 6

### Grelha de análise da entrevista A

#### Aspectos positivos

<b>Categorias</b>	<b>Opinião</b>
<b>Acolhimento</b>	Foram muitos os funcionários que passaram pelo Santuário de Panóias ao longo dos anos, como estagiários do Curso de Turismo, estagiários do programa PEPAC e pessoas provenientes do programa de Apoio a desempregados. O balanço foi muito positivo.
<b>Profissionalismo dos funcionários</b>	Uma grande disponibilidade por parte de todos os funcionários que já passaram pelo Santuário de Panóias. São pessoas com muito gosto pelo trabalho que realizam
<b>Visita guiada</b>	Dedicação, empenho e disponibilidade dos funcionários.
<b>Acessibilidades</b>	Os acessos exteriores são bons. Os caminhos são confortáveis, apesar de existir algum grau de dificuldade na rampa de acesso à Plataforma. Os acessos interiores possuem alternativas em termos de circulação interna
<b>Estacionamento</b>	O estacionamento possui espaço suficiente para 10 ou mais viaturas. É positivo o facto de não existir um estacionamento “formal”
<b>Sinalética</b>	Existe sinalética externa de proximidade na Estrada nacional 322, bem como na Estrada Municipal. Na cidade existe sinalização referente ao Santuário de Panóias, mas encontra-se pouco visível. Inexistência de sinalética nas principais vias de acesso à cidade de Vila Real. Em relação à sinalética interior, é um aspeto positivo o facto de não ter grande sinalização, uma vez que ajuda à “descoberta” do Santuário de Panóias.
<b>Limpeza</b>	A vegetação natural.
<b>Conservação do espaço</b>	O Santuário encontra-se bem conservado em termos de granito. O estado ambiental é excelente.
<b>Organização do espaço</b>	O Espaço foi organizado no sentido de o visitante se sentir “livre”, e em função do ritmo de cada um destes.
<b>Vedação</b>	Como o Monumento foi objeto de vandalismo, foi necessário vedar todo o espaço. Um recinto tem de estar definido para ter maior credibilidade
<b>Infraestruturas de apoio</b>	A recuperação das Casas Típicas foi muito bem conseguida e com custos muito reduzidos.
<b>Vestígios Arqueológicos</b>	O ótimo estado de conservação dos vestígios e a sua singularidade
<b>Divulgação</b>	Em termos de divulgação, o Santuário possui um Guia traduzido em vários idiomas, um filme de apresentação no Youtube e no site <a href="http://www.arqueotur.com">www.arqueotur.com</a>
<b>Recursos didáticos</b>	O facto de existir uma forte relação entre o Património e a Cultura Portuguesa
<b>Informação fornecida pelo</b>	Guia sobre o Monumento a cores e traduzido em vários idiomas, audioguia, página do facebook e livro de desenhos ilustrativos sobre o

**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

<b>Santuário</b>	Santuário.
<b>Melhorias sentidas ao longo dos tempos</b>	Ao longo dos anos foram introduzidas várias inovações no Santuário como a vedação e a nova plataforma, entre outras.
<b>Interesse para a cultura e sociedade portuguesa</b>	O Santuário sempre foi um local de grande simbolismo em termos históricos, salientando-se a introdução de novos cultos e o aparecimento do multiculturalismo. Este monumento esteve sempre muito ligado a várias personagens que marcaram a história portuguesa, tais como Miguel Torga, que frequentava assiduamente o Santuário escrevendo textos sobre este, Sá Carneiro, Ramalho Eanes e Mário Soares.

**Aspectos negativos**

<b>Categorias</b>	<b>Opinião</b>
<b>Acolhimento</b>	Todas as pessoas que trabalharam no Santuário de Panóias possuíam um nível de formação muito diferente umas das outras, o que exigiu uma adaptação em termos técnicos e profissionais das mesmas.
<b>Profissionalismo dos funcionários</b>	Não há nada a apontar
<b>Visita guiada</b>	A visita devia ser realizada com grupos menores, mas nem sempre é possível, uma vez que o Guia nem sempre se encontra sozinho.
<b>Acessibilidades</b>	Nos acessos exteriores não tenho nada a apontar. Nos acessos interiores convém referir que com chuva os caminhos ficam mais perigosos, tem de existir um maior cuidado.
<b>Estacionamento</b>	As camionetas de passageiros ficam prejudicadas com o estacionamento, na medida em que não conseguem chegar mesmo à entrada do Santuário de Panóias. Neste sentido o estacionamento “formal” era uma alternativa
<b>Sinalética</b>	Ausência de sinalética em pontos-chave do Santuário.
<b>Limpeza</b>	Pouca disponibilidade para limpeza do “mato” exterior
<b>Conservação do espaço</b>	Tentamos retardar o “envelhecimento” do Santuário, o que irá acontecer daqui a uns anos em virtude dos fatores inerentes ao clima: chuva e calor.
<b>Organização do espaço</b>	Deveria existir uma planta numerada do espaço para facilitar a circulação do visitante.
<b>Vedação</b>	Considero que ter vedação é também um aspeto negativo.
<b>Infraestruturas de apoio</b>	Não ter aquecimento
<b>Vestígios Arqueológicos</b>	Nada a apontar
<b>Divulgação</b>	Grande desconhecimento em relação ao Monumento por parte da população do concelho de Vila Real.
<b>Recursos didáticos</b>	Não existir legendas noutros idiomas



**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

<b>Informação fornecida pelo Santuário</b>	Existência de um maior número de material de apoio
<b>Melhorias Sentidas ao longo dos tempos</b>	Algumas destas melhorias poderiam ter ocorrido mais cedo.
<b>Interesse para a cultura e sociedade portuguesa</b>	Nada a salientar

**Melhorias a implementar**

<b>Categorias</b>	<b>Opinião</b>
<b>Acolhimento</b>	Deveria existir mais um guia, de forma a que todos os horários de visita ao Santuário de Panóias ficassem com acompanhamento.
<b>Profissionalismo dos funcionários</b>	Todos os funcionários deveriam possuir um maior nível de formação a todos os níveis.
<b>Visita guiada</b>	Deveria existir a possibilidade de realizar visitas com um número menor de visitantes por grupo.
<b>Acessibilidades</b>	Deveria ser implementado um percurso alternativo (não tão perigoso)
<b>Estacionamento</b>	Poderia ser implementado um parque de estacionamento pouco “formal”, mas que permitisse o acesso de camionetas de passageiros.
<b>Sinalética</b>	Deveria existir uma maior informação junto à entrada do Santuário.
<b>Limpeza</b>	Poderia ser realizado um estudo paisagístico que englobasse todo o Recinto, de forma a reordenar o espaço envolvente.
<b>Conservação do espaço</b>	Projetos de monotização das inscrições de forma a retardar o “envelhecimento” do Monumento.
<b>Organização do espaço</b>	Existência de uma planta do Santuário de Panóias na entrada do santuário.
<b>Vedação</b>	Melhoraria dos portões de entrada do Santuário
<b>Infraestruturas de apoio</b>	Implementar aquecimento
<b>Vestígios Arqueológicos</b>	Fornecer mais informações sobre o espaço
<b>Divulgação</b>	“Desenvolver projetos de divulgação ao nível local, estabelecer parcerias com outras Instituições para realizar eventos: Observação astronómica no Verão” em Junho de 2010.
<b>Recursos didáticos</b>	Desenvolvimento de um filme mais pormenorizado bem como implementar a sua comercialização.
<b>Informação fornecida pelo Santuário</b>	Poderia existir uma monografia sobre o Monumento, bem como um catálogo com imagens do mesmo. Reedição de literatura antiga sobre o Santuário
<b>Melhorias sentidas ao</b>	Maior informação junto à entrada do Parque e uma maior investigação acerca do Santuário.

***“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”***

<b>longo dos tempos</b>	
<b>Interesse para a cultura e sociedade portuguesa</b>	A história do Santuário deveria ser mais divulgada e investigada

## **Anexo 7**

### **Grelha de análise da entrevista B**

<b>Categorias</b>	<b>Opinião</b>
<b>Acolhimento ao visitante</b>	<p>Não sente qualquer dificuldade, nem com grupos grandes.</p> <p>O visitante procura ser bem recebido.</p> <p>Não há qualquer melhoria na receção ao visitante</p>
<b>Visita guiada</b>	<p>Os visitantes apreciam a visita na sua generalidade, mas principalmente destacam-se os momentos em que as inscrições são apresentadas, bem como o momento da Morte, Ressureição e Vida.</p> <p>O visitante quando visita o Santuário de Panóias vem com uma ideia formatada de que irá encontrar uma igreja católica. Portanto a pergunta que mais se ouve é: “Onde está a Igreja”. Muitos dos visitantes não têm noção do que irão encontrar durante a visita.</p> <p>Não sente qualquer dificuldade.</p> <p>Nestes locais quanto mais acrescentamos mais os estragamos. O ambiente tem de ser natural.</p>

**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

<b>Acessibilidades</b>	<p>Os acessos são bons até ao Santuário.</p> <p>Certos obstáculos nas estradas de acesso ao Santuário.</p> <p>Placa sinalizadora do Santuário na estrada.</p> <p>Os acessos interiores são bons.</p> <p>Os visitantes não sentem dificuldades em deslocar-se dentro do Santuário, mesmo idosos ou deficientes físicos.</p> <p>Não há necessidades de melhorias, pois há caminhos alternativos.</p>
<b>Estacionamento</b>	<p>O parque poderia ser alargado de modo a circularem camionetas de passageiros.</p> <p>Os visitantes não apresentam dificuldades em relação ao estacionamento.</p> <p>Construir um estacionamento para camionetas de passageiros</p>
<b>Sinalética</b>	<p>A sinalização até ao Santuário é bastante suficiente, existindo 6 placas sinalizadoras de Vila Real até Panóias.</p> <p>Após a visualização do filme, não é necessário a existência de sinalização no interior do Santuário. Esta iria</p>

**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

	<p>descharacterizar o espaço.</p> <p>Nada a melhorar.</p>
<b>Limpeza</b>	<p>Não respondeu.</p> <p>Haveriam grandes mudanças a implementar.</p>
<b>Conservação do Santuário</b>	<p>O Santuário encontra-se bem conservado, na medida em que em são realizadas manutenções periódicas.</p> <p>Manutenção regular, isolamento nas janelas e portas.</p> <p>Nada a implementar.</p> <p>Têm sido realizados alguns testes e exames às rochas, no sentido de intensificar a conservação das mesmas.</p> <p>Os visitantes gostam bastante, pois há um recuo no tempo.</p>
<b>Vedação</b>	<p>A vedação foi mesmo necessária devido aos atos de vandalismo a que o Santuário esteve sujeito. Foi uma prioridade.</p>
<b>Infraestruturas de apoio</b>	<p>As infraestruturas de apoio são bastante acolhedoras.</p>

**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

	<p>Nada a melhorar.</p> <p>Os visitantes gostam muito das infraestruturas de apoio.</p>
<b>Divulgação</b>	<p>Existiram melhorias em relação á divulgação, na medida em que foram introduzidas novas ferramentas como o facebook, vídeo no Youtube e folheto informativo.</p> <p>Existe alguma informação no Posto de turismo e no Palácio de Mateus. Poderia existir uma parceria com casas de turismo rural a fim de publicitar o Santuário.</p> <p>Existência de parcerias com outras instituições locais</p>
<b>Recursos didáticos</b>	<p>Os visitantes consideram o filme excelente.</p> <p>Consideram que o filme é bastante explicativo e claro, não possuindo qualquer dificuldade na sua interpretação.</p> <p>Gosto muito.</p> <p>O audioguia é muito importante para qualquer visitante, seja estrangeiro ou português, na medida em que torna a visita mais pessoal.</p>

**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

	<p>Os visitantes gostam bastante do audioguia.</p> <p>Nada a melhorar.</p> <p>Consideram que o Guia sobre o monumento é uma recordação, podendo estar mais atualizado e explícito.</p> <p>Aspeto físico do Guia</p>
<b>Melhorias a implementar</b>	<p>A introdução do filme explicativo foi um momento marcante no Santuário, bem como a reconstrução do edifício que possibilitou melhores condições de acolhimento ao visitante.</p> <p>Considero que quanto mais mudanças se introduzirem, mais o local perde a sua singularidade.</p>

## **Anexo 8**

### **Proposta para novo Inquérito por questionário**

#### **QUESTIONÁRIO**

Este questionário de avaliação da visita ao monumento será entregue a cada visitante, com o intuito de procedermos posteriormente a análise dos dados, para uma efetiva melhoria da qualidade dos serviços prestados.

Solicitamos colaboração ao preenchimento do inquérito assinalando com X o quadrado correspondente ou respondendo às questões.

Gratos pela colaboração

**Data (ano, mês, dia).**

---

**Sexo:** Feminino  Masculino

Idade:

Profissão:

---

Localidade da morada:

Distrito da morada:

País de origem:

---

Visita o monumento:

Sozinho  Com  família Com  amigos

Outra situação, qual?

---

Visita o Santuário pela 1<sup>a</sup> vez?

Sim  Não

Quantas vezes visitou o santuário? \_\_\_\_\_

---



**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

Se visitou mais que uma vez o santuário, sentiu melhorias na qualidade do serviço?

Sim  Não

---

Assinale com X o grau de satisfação que atribui a cada um dos pontos da tabela, tendo em conta que:

**1 = Nada satisfeito; 5 = Muito satisfeito**

N.º	Itens	1	2	3	4	5
1	<b>Acolhimento dos funcionários da receção</b>					
2	<b>Espaço de acolhimento</b> (receção, sala de apoio e sala de visionamento do filme).					
3	<b>Duração da visita guiada</b>					
4	<b>Esclarecimentos recebidos durante a visita guiada</b>					
5	<b>Acessos no exterior do Santuário</b>					
6	<b>Acessos no interior do Santuário</b>					
7	<b>Estacionamento</b>					
8	<b>Sinalética exterior</b>					
9	<b>Sinalética interior</b>					
10	<b>Limpeza do Santuário</b>					
11	<b>Estado de Conservação do Santuário</b>					

**“Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso”**

12	<b>Organização do espaço exterior</b>					
16	<b>Divulgação</b> (Folhetos informativos, Site, Publicidade).					
18	<b>Filme de Apresentação do Santuário</b>					
19	<b>Audioguia</b>					
20	<b>Folhetos informativos</b>					

Sugestões para melhoria: